Geraldo Zaniratti

Memórias projetadas na tela de um livro

Porto Alegre, 2000

© do autor
1ª edição 2000 (Revisada para divulgação eletrônica 2006)

Direitos reservados da 1ª edição:
Tomo Editorial Ltda.
Imagem da capa (montagem fotográfica): José Luiz Zaniratti
Finalização de arte da capa: Roberto Silva
Transcrição de fitas: Regina Maria Zaniratti Meister
Projeto Gráfico: João Carneiro
Editoração Eletrônica: Tomo Editorial
Revisão: Moira

Z31g Zaniratti, José Augusto

Geraldo Zaniratti: memórias projetadas na tela de um livro/José Augusto Zaniratti _ Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

160p. : IL
1. Zaniratti, Geraldo : Biografia : Entrevista. 2. Filme : Distribuição : Região Sul : Rio Grande do Sul : Santa Catarina : Paraná. 3. Cinema : Filme 16 mm : Produção. 4. Cinema ambulante : região sul : Rio Grande do Sul : Santa Catarina : Paraná. I. Título.

CDD 920.71

Catalogação na publicação:
Bibliotecária Maria Lizete Gomes Mendes CRB 10/950

Tomo Editorial Ltda.
Fone/fax: (51) 3227.1021 E-mail: tomo@tomoeditorial.com.br
Editor: João Carneiro E-mail: joao@tomoeditorial.com.br
Rua Demétrio Ribeiro 525, Centro
Cep 90010-310, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
Caixa Postal: 1029 Agência Central CEP.: 90001-970 Porto Alegre/RS

Geraldo

Zaniratti

Memórias projetadas na tela de um livro

José Augusto Zaniratti

TOMO
Editorial

Mesmo um não aficcionado pelo cinema — como, de forma discreta, e, muitas vezes, silenciosa o foi Geraldo Zaniratti — ao ler este livro, certamente entenderá o sentido e o significado de uma paixão por uma das linguagens da arte, a linguagem do cinema. Tanta coisa para falar sobre essas duas histórias que se confundem e se misturam: a de Geraldo Zaniratti e família e a do cinema!

O entendimento revelado sobre o papel do cinema ("o cinema 16 mm como espaço alternativo no campo educacional, recreativo, social e cultural para as populações do interior), a compreensão, ainda que empírica, da gravidade de momentos políticos fundamentais do país ("O Estado Novo foi uma ditadura muito feroz"), bem como a sensibilidade para o trato de questões envolvendo pessoas e não máquinas (relato do caso do funcionário que, segundo seu patrão, deveria mesmo doente ser escalado para trabalhar fora do horário) dão a exata dimensão da totalidade de ser humano que Zaniratti sintetiza.

Sem dúvida, são histórias imprevisíveis vividas por Geraldo Zaniratti, no contexto que ele próprio às vezes resgata, que constróem o que academicamente denominamos História.

No livro, ficção e realidade são revividas e explicam o que muitas vezes a nossos olhos parece inexplicável, porque o coração não sentiu. Ações aparentemente insignificantes demonstram a beleza do nosso papel de seres históricos, ao sentir, na pele, a importância de contribuir para a realização de sonhos e desejos do outro. No caso de Geraldo, muitos sonhos de conhecer e experimentar o cinema de perto, ainda que não ao vivo e em cores.

Se, historicamente, a arte imita a vida, e, circunstancialmente, a vida imita a arte, a vida de Geraldo e a arte do cinema se entrecruzam e revelam-se construtoras da maior de todas as artes: a arte de viver.

Por: Julia D. Petri

Não me lembro quando conheci Geraldo Zaniratti. Por certo, como todas as coisas que me aconteceram em minha experiência de jornalista, devo mais este fato a Paulo Fontoura Gastal. O que sei é que, quando trabalhei junto à Divisão de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, ainda em tempos brabos de censura e de ditadura, Zaniratti nos alugava filmes que apresentávamos no Teatro de Câmara, possibilitando que muita gente pudesse conhecer filmes de que ouvira falar, talvez até tivesse visto em anos anteriores, mas que jamais reencontrara, salvo ali, naquelas sessões.

Ao ler o livro que agora se publica em torno de sua figura, não posso me furtar de dizer duas ou três coisas. A primeira, muito simples e humilde, é que me sinto honrado e homenageado com a possibilidade de escrever algumas linhas neste volume. A outra, é que, verdadeiramente, não se pode escrever a história do cinema em Porto Alegre, mais, no Rio Grande do Sul, sem falar em Geraldo Zaniratti.

Também cresci na Vila do IAPI. Mas não é só isso que me liga a Geraldo. Lendo o livro que aqui se tem em mãos, lembrei-me das sessões que, à noite, o pessoal do SESI fazia na Vila, certamente com equipamentos e filmes alugados a ele, Geraldo. Aprendi a amar o cinema com esses filmes. Para não citar as matinés de seriados, no salão paroquial da Igreja Nossa Senhora de Fátima, no salão do Colégio Dom Bosco, de que aqui ele fala, lugares que, como lembra, serviam de mediadores para a descoberta deste universo fantástico que são as figuras animadas, inventadas pelos irmãos Lumière.

Dar de presente, em mais um aniversário de Geraldo, um livro com a narrativa que aqui se tem em mãos, é mais do que um presente apenas para o Geraldo. É um presente para todos nós.

Linha Pirajá, Janeiro de 2000.

Antonio Hohlfeldt[1]

---

1 Jornalista, Vice-Governado do Estado do Rio Grande do Sul - Brasil 2003-2006.

Primeiro projetor de filme 8 mm de Geraldo, não sonoro da marca Nizo.

I

Ao entrar em uma sala escura para assistir a um filme, desconhecemos o que a tela branca esconde. Não sabemos se existe ou existiu bitola de filme, se alguém ganhou ou perdeu com o filme. O escuro do cinema não mostra a realidade da sala e de quem nela está, mostra outra verdade sobre tudo e todos, fatos da vida ou vidas imaginárias com efeitos especiais. Quando nossos olhos nos traem e se enchem de emoção diante das cenas, sabemos que é filme, mas elas teimam em cair. As lágrimas não nos contam que a tecnologia produziu aquele instrumento e ainda hoje ela não está disponível para todos os seres humanos.

Levamos a mão ao saco de pipoca, distraímo-nos com boas risadas, sequer lembramos que existiu a tal Revolução Industrial e que, a partir dela, homens e mulheres separaram-se entre países ricos e pobres. Por versões de verdades expressas nas telas brancas, passamos a odiar personagens, idéias, fatos, pessoas, ideologias, conceitos. Outras vezes, buscamos na tela branca mais razões para odiar o preconceito, a segregação, as ditaduras, a tortura. Por momentos, perdemos nossa identidade e assumimos a vontade de seres que sequer aparecem na tela branca da sala escura: aqueles que dirigem e produzem a fonte de nossa identidade temporária. Enfeitiçados pela magia dos fotogramas em movimento, estamos em uma sala, num ato social e nem sabemos quem está ao nosso lado. Saímos da sala escura com a falsa certeza de que tudo foi e é tranqüilo para quem produziu, distribuiu e que a cinematografia é uma atividade comercial comum, sem disputas, sem diferenças, sem bitolas, sem papel social,

sem início, sem fim. Quantas pessoas viveram o cinema em suas vidas, colocaram e colocam suas vidas a serviço da arte? A genialidade de alguns e a paixão de outros nos fizeram e fazem chorar, rir, sentir tantas vezes.

Foi na esteira da segunda fase da Revolução Industrial que surgiu o cinema. Nas mãos dos irmãos Lumière[2] e de outros inventores, as engrenagens deram movimento às imagens e vida às idéias de gênios criadores como Chaplin. O cinema no mundo é algo recente. Afinal, um século em milhares de anos pouco representa para o que se poderia dizer ser a idade de uma arte. A primeira exibição pública do cinematógrafo, o aparelho que projetava um filme, aconteceu no dia 28 de dezembro de 1895, no Grand Café do Boulevard, em Paris, com o filme "A chegada do trem à estação Ciotat".

Quem comprava um bilhete não se importava com as imagens, pois a magia que tal invento proporcionava era o que contava para o grande público.

No Brasil, a primeira exibição de um filme aconteceu no Rio de Janeiro, no dia 08 de julho de 1896, em uma sala da Rua do Ouvidor. A partir de então, no Rio e em São Paulo, seguiram-se projeções de imagens de crianças, palhaços, incêndios, bandas de música. A nova tecnologia era usada para registrar eventos cívicos e homens públicos ligados ao poder da época. Imagens de Santos Dumont no ar foram mostradas em São Paulo ainda em 1902. Em 1903, os irmãos Paschoal e Afonso Segretto eram os produtores de cinema que se destacavam. Assim, o cinema tornou-se, gradualmente, um instrumento de

---

[2] **Irmãos Auguste Lumière (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948). Em 1895, esses franceses criam o cinematógrafo, uma máquina capaz de projetar imagens em seqüência, produzindo assim idéia de movimento. Foi resultado da combinação de técnicas de iluminação com o Cinetoscópio de Thomas Edson.**

comunicação. Os primeiros cinemas foram instalados em todo o país. Alguns exibidores tornaram-se produtores, passaram a produzir filmes que proporcionavam um espaço ímpar para esta nova invenção chamada cinema, através de filmes como “Os Estranguladores” (1906); “A Mala Sinistra” (1908); “O Comprador de Ratos” (1908); “A Viúva Alegre” (1909); “Pega na Chaleira” (1909); “Sonho de Valsa” (1910); “Paz e Amor” (1910). Porém, se é verdade que o cinema chegou rápido a vários pontos do Brasil, não é menos verdade que não chegou para todos. Entretanto, o cinema em bitola 16 mm atingiu a grande massa do país, cumprindo uma função social importante. Era o cinema possível para quem não tinha acesso ao cinema “grande”, o 35 mm, mais caro e existente apenas em grandes centros populacionais.

A energia elétrica tardou a chegar a muitas localidades do interior do Rio Grande do Sul. Os imigrantes alemães e italianos que vieram da Europa antes das primeiras exibições públicas de cinema nas suas cidades de origem e que aqui se instalaram na região rural só conheceram o cinema na década de 50, graças à bitola 16 mm.

O cinema 16 mm chegou a ser importante em Porto Alegre e também cumpriu um papel social significativo na capital. Os cinemas de bitola 35 mm localizavam-se no centro da cidade. Dessa forma, para freqüentar um cinema, os moradores de bairros precisavam utilizar bondes para chegar ao centro, pagar passagens, vestir-se melhor e ainda corriam o risco de perder, na volta, o último bonde, que passava à meia noite.

Moradores do Bairro Cristo Redentor precisavam ir de ônibus até o fim da linha do bonde, na Rua Lúcio Esteves, de onde prosseguiriam no bonde até o centro. Na volta, o risco era grande de perder o bonde e o ônibus, além disto,

havia o barro, entre a Lúcio Esteves e a Rua Pedras Altas. Mesmo o cinema Apollo, que exibia mais filmes estilo faroeste, com ingressos mais baratos, por situar-se no centro da cidade, acarretava aos moradores de bairro os referidos problemas.

O cinema 16 mm era considerado cinema de emergência, lazer alternativo para lugares, onde nem energia elétrica chegava.

Durante a Segunda Grande Guerra, o projetor de cinema 16 mm era instrumento importantíssimo, por ser equipamento compacto, simples, portátil. Foi usado para o treinamento de soldados, para lazer e até para as reportagens realizadas nas proximidades dos campos de batalhas. No início da década de 50, este equipamento era usado para treinamento no exército brasileiro e, ao mesmo tempo, passou a ser popularizado no país, como instrumento de comunicação e lazer.

A presença norte-americana no Brasil era inegável e, como não poderia deixar de ser, vinham dos EUA os equipamentos de cinema comercializados aqui, como o projetor Victor, Bell & Howell e o projetor Apollo, que gerava interferência na freqüência dos rádios. Da Alemanha, vinha o Bauer e, da Tchecoeslováquia, o Tertason, de todos, o projetor mais pesado.

A Casa Bayton, em Porto Alegre, era representante dos aparelhos de marca Victor, que, entre outros produtos, comercializava filmes e projetores de cinema.

Milhares de pessoas assistiam filmes projetados em máquinas importadas dos EUA e da Alemanha, em salões paroquiais, em cadeiras de madeira. Era uma opção de lazer absolutamente diferente, uma grande novidade.

Falar da história do cinema no Brasil, e mais especificamente no sul do país, é necessariamente contar

a história de Geraldo Zaniratti, da Zaniratti Filmes, que, se não foi pioneira no comércio de filmes 16 mm, criou um estilo próprio e transformou-se em referência na região sul.

Cinema, como toda novidade, tem seus altos e baixos. Os cinemas onde Geraldo Zaniratti exibia os filmes localizavam-se na periferia da cidade. O poder aquisitivo da população era baixo, e as dificuldades financeiras na década de 50 não eram pequenas. Trabalhar com cinema como lazer significa sempre correr risco, pois, pela sua condição de supérfluo, a diversão (e, por conseguinte, o cinema) é a primeira opção de corte de despesas.

Na Vila Nova, bairro da periferia de Porto Alegre, havia um cinema de Geraldo em 16 mm. Aos poucos o movimento foi caindo.

Era preciso criar algo que atraísse a população para dentro do cinema e que movimentasse mais as sessões. Assim, Geraldo resolveu fazer uma promoção. Fez um folheto e colou em toda a região, com a seguinte promoção:

Filme do Povo da Vila Nova.

Todos que forem à Igreja da Vila Nova na Missa do próximo domingo às 10 horas ou aqueles que forem assistir ao filme da matinê e da sessão da noite de domingo serão filmados e, depois de 15 dias, a filmagem será exibida no próprio cinema, antes do filme Carnaval no Fogo.

Filmadora 16mm de marca Keystone com a qual Geraldo Zaniratti filmou o Povo da Vila Nova

Era uma época de crise. Geraldo Zaniratti inovava, fazendo *marketing* sem nunca ter ouvido falar nisto. Ele tinha uma filmadora de 16 mm pequena, chamada Keystone, que usava para filmar a família, festas, casamentos e outras atividades. Comprou filme virgem e foi para a Vila Nova naquele domingo ensolarado.

Eram quase 10 horas quando Geraldo e a mulher, Ironita, estavam a caminho de Vila Nova. Muito longe da igreja, já perceberam uma movimentação. Havia uma multidão, quase um tumulto. Não relacionaram a multidão à promoção que haviam organizado. Pensaram que fosse acidente ou incêndio. Não imaginaram, nem por instantes, que poderia ser a fila para a compra de ingresso para o cinema. O trânsito estava lento com tanta gente pelas ruas.

Estavam enganados, aquela multidão organizada em fila imensa eram as pessoas que queriam comprar ingresso e, assim, serem filmadas. Os dois ficaram parados, a um só tempo nervosos e alegres. Encostaram o carro nas proximidades, pegaram a filmadora, procuraram uma posição e começaram a filmar a fila da bilheteria.

Registraram, então, o jeito das pessoas, felizes com a filmagem.
O casal logo percebeu que um só filme não seria suficiente. Quando terminou a missa, uma multidão saía da igreja já procurando a filmagem. Geraldo correu e filmou a saída da missa. Nunca havia visto uma igreja tão cheia. Com certeza, não era uma religiosidade repentina, o padre deve ter ficado muito feliz com aquela multidão. Filmaram sem parar as caras, os namorados, os casais com suas roupas de domingo, chapéus, saias de todos os tipos e tamanhos, as roupas de domingo. Na sessão da noite, Geraldo também filmou as pessoas da fila. O barulho da filmadora fascinava.
Na semana seguinte, o resultado da bilheteria do cinema foi fraco, porém, na outra, todos esperavam pela projeção do filme *Povo da Vila Nova*. Naquele dia, o cinema foi invadido por uma multidão, a maioria descendentes de europeus. A população simplesmente invadira o salão. Depois, alguns moradores pegaram os próprios chapéus e cobraram a entrada de cada um. Eles realmente cobraram de todos e entregaram tostão por tostão para Geraldo.
O nervosismo era tanto que ele não atinava em colocar o filme nas pequenas engrenagens do projetor. Apagaram-se as luzes e começou a projeção. Ele iniciou pelo filme que lhe parecera menos importante, o tal filme da Vila Nova, para depois exibir a atração daquela semana, que era um filme nacional chamado *O Carnaval no Fogo*, produzido pela Vera Cruz. Um erro, nada era mais importante para aquele povo simples do que ver-se na tela branca.
Para a exibição do filme do povo, Zaniratti colocou uma música de fundo, pois sua câmera não era sonora. Para dar uma impressão melhor, Geraldo fez uma espécie de

narração do filme, relatando o que ocorria nas imagens. Pela primeira vez, as pessoas estavam se vendo, reconhecendo na tela os filhos, netos, familiares, namorados saindo da igreja. As pessoas mais idosas choravam, os jovens achavam muita graça.

Muitos estavam assistindo a um filme pela primeira vez em suas vidas, todos estavam assistindo uma espécie de magia produzida pela tecnologia. Afinal, uma caixa de metal gravara pessoas em movimento e agora estavam vendo que era verdade, perceberam como era feita uma filmagem. Ao terminar a exibição, as pessoas gritavam, batiam palmas, pediam que o filme fosse exibido novamente. Então, ele reprisou o filme.

Naquele dia, o filme *Povo da Vila Nova* foi reprisado por mais de duas horas. Durante mais de um ano, sua exibição era obrigatória na Vila Nova, como complemento inicial ao filme de longa metragem da semana. Domingo era o dia em que todos iam ao cinema para assistirem-se no cinema. Com lágrimas nos olhos e com orgulho de sua missão, disse Geraldo:

— Foi, sem dúvida, um dos momentos mais importantes de minha vida. Senti na pele a importância de levar para toda a população o cinema. Este acabou sendo meu destino. Muito me faz feliz ter proporcionado o cinema para milhares e milhares de pessoas. Muitas delas conheceram o cinema já adultas. A população mais velha da Vila Nova conheceu cinema graças àquele cineminha, assim como grande parte da população do Paraná e de Santa Catarina.

Como teria sido a história de vida de pessoas que se dedicaram àquela atividade tão nova, a cinematografia em 16 mm que, em meio século, desapareceu comercialmente? São vidas entre filmes e cinemas, gente

comum, pessoas anônimas, que criaram seus filhos entre carretéis, filmes inflamáveis, máquinas e lentes estranhas, enroladeiras e coladeiras. Contar isto me faria feliz. Deveria registrar tudo, ainda que corresse o risco de não compreender uma paixão tão marcante pelo cinema como a de Geraldo e Ironita.

Aquela história em Vila Nova, que eu já conhecia de antigas conversas com Geraldo, aguçou meu desejo de compreender fragmentos de outras tantas histórias jamais contadas.

E as noites de conversas, que resultaram nesta narrativa, ambientaram longas conversas, histórias dramáticas, verdadeiras comédias e curiosidades envolvendo pessoas como jamais imaginei. Limitada pela escada de mármore e próxima à sala onde a grande família fazia suas refeições, a “sala corredor” foi o palco. No sofá, ao lado do gravador, Geraldo, olhando para o infinito, lembrava de sua vida. Do lado oposto, Ironita, atenta, lembrava de fatos e detalhes que escapavam à memória do marido ou fatos e situações que ele não acreditava serem importantes.

A mim, coube, por ironia, a tarefa de contar o que um homem e uma mulher construíram ao longo de suas vidas. Não sou historiador, apenas um modesto professor de história. Não sou jornalista, apesar de conhecer as desinformações, apelidadas de versões, que certa imprensa publica neste país. Não sou escritor, ainda que, sob forte emoção, algumas frases brotem como se poeta fosse. Se desconheço as regras e formalidades literárias é porque nada disso sou. Sinto-me, portanto, mais livre para escrever sobre o que Geraldo e Ironita são, foram, fizeram, realizaram. Se errar na forma, lamentarei por não conhecer a justa forma. Se acertar, foi a intuição que me conduziu.

O mais importante é mostrar a trajetória de um casal de Porto Alegre que, por sorte e condições especiais, registram neste livro uma parte fundamental da história dos seus, envolvida pela história do cinema, e um pedaço da amada cidade, onde nasceram, criaram filhos e concretizaram sonhos.

Antônio, filho mais velho, entre carretéis de filmes, na Vila do IAPI em 06/11/1950

Os momentos que fiquei ali, ouvindo os relatos, foram como um filme passando por meus olhos: cenas de humor, dor, lamentações, dúvidas e muita emoção. Poderia ser um conjunto de sonhos, mas estava acordado e, dos sonhos comentados, muitos tornaram-se realidade. Não estavam sonhando, estavam revivendo momentos de plena emoção. Simples é lembrar, difícil é contar as emoções que cada fato envolveu.

Assim, para iniciar o registro dessas histórias, lá estava, diante do portão de ferro branco. Apertei a campainha. A câmera dispensava palavras, logo o portão foi aberto e entrei. Geraldo já me esperava. Como imaginava, aguardava-me uma grande garrafa térmica com café. Meu gosto pela cafeína era conhecido.

Geraldo, organizado e sempre muito objetivo, pegou a caneta e o papel onde já havia itens anotados. Não precisei nem fazer a famosa pergunta, por onde começar. Para eles, era evidente que seria pela ordem cronológica.

— É muito comum, nos livros que contam a vida de alguém, começar dizendo que o tal fulano era pobre, miserável. No meu caso, é a mais pura verdade. Nas minhas declarações, provarei a minha situação. Depois de casado, também passei pela miséria. Quando eu era guri, a minha casa não tinha luz e nem rádio. Mais tarde, havia um rádio de galena, que era uma agulha, uma pedra, com um fone de ouvido. Nele, eu procurava uma das três rádios que existiam na época. Conseguia ouvir as rádios Farroupilha e Difusora. Andava nos bondes da Companhia Carris. Tinha lampião de querosene. Refrigerador, nem pensar. Para quem podia comprar, havia o frigorífico, que era um móvel pequeno com três compartimentos, forrado com zinco. No de cima, era colocada uma barra de gelo trazida pelo geleiro que passava gritando:

— *Gelo... Geleiro... Gelo.*

— No compartimento do meio, colocavam-se os produtos que precisavam de refrigeração. O compartimento de baixo era onde caía a água quando o gelo ia derretendo. Mas isto era para quem podia comprar.

— Eu só fui ter um destes quando casei e assim mesmo não foi novo. Mandei forrar de zinco um móvel antigo para que custasse menos que o pronto. O banho era na bacia ou no tanque. Havia locais em que, por alguns réis, podia-se tomar banho com chuveiro ou banheira. A latrina era possível através do cubo. O cubo era onde se faziam as necessidades. O cubeiro era um servidor público da prefeitura municipal que passava uma vez por semana gritando:

— *Cubo... Cubeiro... Olha o cubo.*

— Então, ele entrava, ia até a latrina e trocava o cubo. Era a época da escarradeira, claro, para os ricos. Era um recipiente colocado nas salas para que as pessoas

pudessem escarrar.
— Eu estudava no Instituto Parobé. Não fui aluno brilhante, nem em música. Havia aula de canto. O professor tinha um violoncelo. Ele fazia os alunos cantarem e, pela avaliação vocal de cada um, atribuía uma nota. Numa ocasião, foi organizado um grande encontro para avaliar o conjunto do grupo. Éramos obrigados a comparecer. Então, havia uns 400 alunos no salão, e ele mandava cantar. Eu estava quase na última fila, bem distante do professor, que mandou que todos cantassem o Hino Nacional.
— *Atenção, 1, 2 e 3...*
— *Ouviram do Ipiranga...*
— *Parem, parem. Pessoal, prestem bem atenção, olhem o tom... É 1, 2 e 3...*
— *Ouviram do Ipiranga...*
— *Parem, parem... Errado, novamente. É 1, 2 e 3...*
— *Ouviram do Ipiranga...*
— *Parem: assim não vai dar certo.*
— Então, ele olhou para todos, espichou a cabeça e com os olhos me encontrou.
— *O senhor aí.*
— *Eu? — perguntei, já vermelho de vergonha.*
— *Sim, o senhor mesmo. Agora o senhor não cante, certo?*
— *Sim, senhor — concordei, e ele reiniciou.*
— *É 1, 2 e 3... Agora sim, está tudo bem.*
— Todos estavam aprovados, inclusive eu que recebi a mesma nota, pois, afinal, foi graças ao meu absoluto silêncio que a cantoria deu certo.
Era o fim da década de vinte. Geraldo lembra de fatos difíceis, como os primeiros dias de escola:
— Minha irmã foi quem me levou para as primeiras aulas

na escola da Glória. Ela me *entregou* na escola, e a diretora disse que eu poderia ficar. Comecei a chorar, então ela me trouxe para casa. O mesmo aconteceu no segundo dia. No terceiro dia, foi a minha mãe quem me levou, mas quem começou a chorar foi ela, porque eu não queria ficar. Quando vi a minha mãe chorando, corri para dentro da aula. E fiquei na escola até quando saí para trabalhar na empresa do senhor Albrecht, que foi meu primeiro emprego, isto em 1934.

— O uniforme, quase um fardamento com boné, era de um tecido azul. O uniforme era obrigatório. Para fazê-lo, foi comprado um brim de baixa qualidade, porque não tínhamos como comprar nada melhor. Certa ocasião, chovia muito na hora de sair da escola. Cheguei em casa todo azul, pois o brim era tão vagabundo que saiu a tinta com a chuva e me manchou todo.

Suely e Geraldo em 1924

— No bairro Glória, existia a figura do leiteiro e do padeiro. Na madrugada, eles colocavam o pão e o leite na porta de cada casa e, durante o dia, eles voltavam para cobrar. O meu pai dormia de camisola branca, o que naquela época era comum, e, como já tinha uma certa idade, tinha também os cabelos totalmente brancos. Numa

madrugada, o camarada que veio trazer o leite fez muito barulho com os vasilhames e meu pai levantou assustado. Poderia ser ladrão. Saiu da cama e abriu a porta. O leiteiro, ao ver a figura toda branca do meu pai, fugiu apavorado e nunca mais voltou, nem para receber e muito menos para trazer o leite. O que eu conto hoje são apenas curiosidades da minha vida, que podem ajudar a compreensão de fatos, explicar acontecimentos nas vidas de meus filhos e, quem sabe, orientar meus netos e minha bisneta Paolla.

Não poderia ser diferente, ele começou pela infância e pelo cinema. Durante sua infância, na década de 20, o Brasil era o país das fraudes eleitorais e do voto a cabresto. A elite do país andava assustada com o Tenentismo. A Semana de Arte Moderna marcava uma revolução na arte, o Brasil que descobria o Brasil. Na política, surgia, em 1922, o Partido Comunista do Brasil, o primeiro partido de caráter nacional do país.

O Rio Grande do Sul vivia uma crise na pecuária após a Primeira Guerra Mundial, e Borges de Medeiros, depois de seu quinto mandato como governador, passava por uma crise política que o tiraria da cena política do estado, a partir do Pacto de Pedras Altas.

No início da década de 30, o cinema não era uma novidade, mas nem todos tinham acesso a ele. Zaniratti, nascido em Porto Alegre em 1920, agora com dez anos de idade, mostrava sua paixão pelo cinema. Sua mãe, uma dona de casa, viera da Itália com nove anos e mantinha alguns diálogos em italiano, provavelmente um dialeto. Seu pai, Augusto, funcionário público municipal, mantinha a casa com dificuldade, ou seja, dinheiro para cinema seria impossível.

O Brasil vivia uma época de grande presença da

tecnologia. O cinema e o automóvel representavam um pouco do novo que a sociedade experimentava. Uma das primeiras exposições de automóveis no Brasil foi organizada pela Ford em 1924, no Palácio das Indústrias, em São Paulo, e foi um grande evento. Cheirar gasolina em uma garagem de alguma casa com automóvel significava um prazer enorme. Este era o tipo de coisa que um guri pobre de dez anos considerava uma façanha. Para Geraldo, era fascinante estar próximo do novo, da tecnologia. Isso marcou aquela criança de tal forma que sua vida passou a ser pautada pelo cinema.

A paixão é capaz de nos fazer criar as condições para realizar um sonho, um desejo e, com Geraldo, não foi diferente.

— Eu ia à noite ao cinema da Glória, que era na Igreja da Nossa Senhora da Glória. Ficava em frente ao cinema até a abertura das portas para a saída do público. Como o filme era exibido em três partes, aproveitava a abertura das portas para a saída do público e corria para dentro do cinema. Assistia a uma pequena parte do filme. Era emocionante, divertido, eu ria muito, e isto já me deixava feliz. Quando terminava a exibição, voltava a pé para casa, que ficava mais ou menos a um quilômetro do cinema. Com o tempo, fiquei muito conhecido do pessoal da portaria do cinema Glória. Um dia, apesar de toda minha timidez, resolvi pedir para assistir a todo o filme. Minha paixão pelo cinema era tão evidente que os gerentes, Fleck e Portanova, fizeram um acordo comigo, dizendo:

— *Guri, tu varres o cinema no intervalo das seções da tarde e nós te deixamos assistir à sessão noturna.*

— Foi um dia de grande felicidade para mim. Imagina, eu poderia assistir a todo o filme, do início ao fim. Voltei feliz

para casa naquele dia.
— Eu nasci em 29 de janeiro de 1920 e fui registrado como se tivesse nascido em 29 de fevereiro, para que meu pai não pagasse multa pelo atraso no registro.
A maior vontade da minha vida de guri era ter um cavalo e um sapato de crepe sola. Hoje, não me interesso mais por cavalo e acredito também que o sapato de crepe sola nem exista mais.
— Era uma época de homens honestos. Hoje nos admiramos com alguém assim. Nós tínhamos uma situação financeira muito precária, morávamos num chalé de tábuas. O meu pai era fiscal de obras do município de Porto Alegre. Certa vez, ele facilitou a construção de uma meia água, um *puxadinho*, para uma determinada pessoa muito pobre, permitindo que fizesse a obra sem planta. Este cidadão havia mandado despejar uma carreta de lenha no nosso pátio. Eu vinha com o meu pai pela rua e disse.

Augusto Zaniratti, pai de Geraldo.

— *Pai, olha lá em casa, temos bastante lenha agora.*
— Meu pai disse ao descarregador: “Senhor, eu não comprei lenha.”
— *Mas o seu João mandou descarregar aqui para o senhor — respondeu.*
— *Por favor, leve de volta para o senhor João, pois não aceito propina.*
— Naquela época, era muito fácil falar com o prefeito. E meu pai, quando tinha alguma dúvida sobre engenharia ou

outro assunto, falava direto com ele. Então, havia uma viúva que morava numa pequena casa de material e queria fazer uma nova peça. Ela não queria fazer a planta, porque não tinha dinheiro e até chorou para o meu pai.

— *Olha, dona, não posso liberar a planta, mas vou explicar para o prefeito a situação e vou tentar a liberação.*

— Então, ele foi falar com o prefeito:

— *Senhor prefeito, dona Joana é uma viúva, pobre, que quer fazer uma pecinha nos fundos da casa, mas não tem condições de fazer a planta.*

— Ele perguntou: "O senhor mora em casa própria, seu Augusto Zaniratti?"

— *Não, eu moro num chalé e pago aluguel.*

— *Então, seu Augusto Zaniratti, pobre é o senhor. Diga para esta viúva que ela deve fazer a planta da sua casa.*

— Nos fins de semana, os vizinhos procuravam meu pai para saber se poderiam fazer uma peça aqui, para pedir autorização de uma determinada construção ali. Era batida de porta o dia inteiro. Uma vez, ao ouvir batida na porta novamente, disse para a minha mãe, uma italiana muito simples:

— *Thereza, diga que eu não estou, diga a ele que eu não estou!*

— A minha mãe abriu a porta e, atendendo ao pedido, disse:

— *O Augusto mandou dizer que não está.*

— Ele dizia algumas frases que jamais esqueci. Quando questionado por não ter realizado alguma coisa, dizia: "Tu vês as *cachaças* que eu tomo, mas não vês os tombos que eu levo." Quando discutíamos algum assunto complicado, ele olhava para mim e pronunciava a velha frase de meu avô: "Quisera ser mais burro do que realmente sou para menos sofrer."

— Senti muito a perda de meus pais. Meu pai bebia muito. Muitas vezes tinha que levá-lo para casa já sem salário, pois o havia gasto com os amigos. Mas era um homem bom, justo, honesto, defensor dos mais carentes. Minha mãe era uma pessoa muito boa, cozinhava muito bem. Sua perda foi muito dura para nós. Eu estava com passagem marcada para o Rio de Janeiro. Minha mãe estava muito velhinha e ficou com a minha irmã, Suely. Pedi um favor a um amigo médico, doutor Meyer.

— *Doutor Meyer, cuide da minha mãe no período em que eu estiver no Rio de Janeiro. Ela está muito fraca, e a velhice chegou.*

— *Claro, Geraldo, deixa comigo. Viaja tranqüilo.*

— Mas minha viagem foi em branco e preto. As cores do Rio não apareciam para mim. Resolvi ir do Rio para Belo Horizonte, que também não conhecia. Ironita, antes de comprar passagem para Belo Horizonte, ligou para Porto Alegre.

— *Geraldo, é melhor a gente voltar, tua mãe está muito fraca.*

— Na rodoviária, aguardavam-nos alguns parentes, que me levaram direto para a casa dela. Lá, ao seu lado, estava o doutor Meyer, com uma equipe de enfermeiros, soro e equipamentos. Ela me esperava para se despedir e morrer. Depois de fazer tudo isto por mim, doutor Meyer entregou-me dois cheques assinados e em branco para as despesas que poderia ter. Não aceitei, mas seu gesto nunca me saiu da mente e de meu coração. Ao longo de minha vida, compreendi que amigo é assim, é 8 ou 80, ou é meu amigo ou meu inimigo, não há meio termo para quem é amigo.

A perda da mãe foi dura. Ele pôde chegar a tempo para ficar os últimos momentos com sua mãe graças a uma

amizade construída a partir do cinema, dos filmes. O cinema misturou-se a sua vida, envolveu todos que com ele conviviam, seduziu sua razão, transformou-se em sua paixão. Esta paixão envolveu todos os filhos, desde pequenos.

Lídice, a filha mais velha, conta:

— *Fui alfabetizada aos cinco anos de idade pela Dindoca. Claro que meu pai aproveitou meu interesse pela leitura e a capacidade de escrever para ajudá-lo com os filmes. Ele colocava o filme no projetor 16 mm e exibia os filmes em casa para avaliar qual seria o preço do aluguel de cada filme que comprava. Ele me colocava em uma cadeira, me dava lápis e uma ficha de papelão com o nome do filme e com perguntas para que eu respondesse enquanto assistia ao filme. Na ficha, havia itens do tipo: se o filme tinha beijos curtos ou longos; se tinha cenas de violência, brigas; se poderia ser alugado para colégio de padres e freiras; se tinha cena de sexo ou aparecia homem ou mulher nua. Enfim, ele queria saber para quem poderia*

Casa de Geraldo na rua Coronel Neves, 396. No jardim, Augusto, Thereza, Suely e Ironita. 02/02/1944.

alugar a película, e o valor a cobrar no aluguel. Até hoje, depois de quase cinqüenta anos, continuo a indicar filmes a quem nem mesmo me pergunta. Falo do tipo de filme

que assisti e sugiro para determinadas pessoas. Imagino o público que gostaria de assistir. Pior eram os casos de exibidores que não queriam pagar o aluguel alegando que havia cenas muito fortes para seus filhos.

Dindoca era o apelido que Lídice havia colocado na sua tia e madrinha Suely, que era alfabetizadora e trabalhou como tal durante trinta e cinco anos.

Geraldo aproveitava as qualidades da filha para ajudá-lo a definir o público dos filmes. Com isso, envolvia a filha numa arte e reforçava o seu processo de aprendizagem de leitura e escrita.

Antônio, o mais velho dos filhos, fazia o trabalho de programação e remessa dos filmes. A programação é a função mais importante de uma distribuidora cinematográfica. Antônio atendia os exibidores e reservava os filmes, além de convencê-los de que um filme era melhor que outro. A remessa, executada pelo remessista, era a preparação da maleta com o filme que seria exibido na semana. Era a parte mais trabalhosa e exigia alguma força física. A chegada das maletas do interior era o momento de receber as cartas enviadas pelos exibidores e o pagamento. Isto sempre funcionou na cinematografia em 16 mm.

Também era necessário fazer a revisão do filme, para verificar se estava rompido ou danificado. Através de cola e coladeiras especiais eram feitas as emendas necessárias nas situações de rompimento ou danificação da película.

A filha Regina foi buscada no hospital aos quatro dias de idade num dia de perda para muitos brasileiros, 24 de agosto, suicídio de Getúlio Vargas. Regina sempre dinâmica, com o perfil de secretária, com muita iniciativa e capacidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo.

Ajudava na contabilidade, na parte de documentos e questões ligadas a banco.
No caso do Augusto, seu quarto filho, Zaniratti aproveitou a capacidade de organização e a disciplina e colocou-o junto ao material de propaganda, denominado “reclame”, que vivia desorganizado. Ele classificava e guardava semanalmente o material, carimbava e recuperava os cartazes. Além disso, também fazia a recuperação das maletas que, por serem, em sua maioria de ferro, de tempos em tempos, precisavam ser lixadas e pintadas para remoção de ferrugem.
Luiz, o mais novo, participou como *coringa* na fase final da Zaniratti Filmes, quando fazia todas as tarefas, da revisão à programação, pois, na sua época, o número de filmes locados na semana já era bem menor.
Todos os filhos passaram por todas as funções de uma distribuidora de 16 mm, conheceram as diferentes tarefas e, com isto, compreenderam de onde saía o sustento da casa.
Eis aí uma característica marcante de Geraldo, tão incomum na administração de empresas hoje: capacidade de aproveitar as qualidades de cada um e atribuir-lhes tarefas adequadas.
— Completamente, diferente foi o meu início. Meu pai não pôde me dar uma oportunidade dessas. Quando comecei a trabalhar, tudo era muito diferente, inclusive o gosto por trabalhar era muito grande, e não era só pelo dinheiro.
Era 1934, Getúlio Vargas era o Presidente do Brasil. O país passava por grandes modificações no mundo do trabalho, nova legislação trabalhista, um clima tenso na política, já que agora havia um novo grupo no poder, e a perseguição aos comunistas era intensa. Para Geraldo, isto passava despercebido. Afinal, aos 14 anos de idade

sua luta era por parar de estudar e trabalhar. Nada mais importante que o trabalho, o país respirava esta idéia, “o trabalho enobrece e dignifica o homem”. Trabalhar era o que importava, era o que diferenciava as crianças dos adultos. A Carteira de Trabalho era o símbolo máximo que distanciava o menino do homem e também era um dos símbolos do Governo de Getúlio. Para Geraldo e Ironita, os brasileiros gostam de trabalhar, todos lutavam para ter um trabalho. Menos de 50 anos antes, o Brasil ainda possuía escravos. Uma herança que marcou o conceito de trabalho que foi, historicamente, visto no Brasil como algo ruim. Afinal, o trabalho era para negros escravos ou brancos pobres. A elite, neste momento, investe na disciplina da mão-de-obra que precisava sair do campo e na cidade, preparar-se para trabalhar em fábricas. Portanto, a idéia do trabalho era muito usada para a construção da ideologia trabalhista. Não era por acaso que Getúlio Vargas começava seus discursos evocando: *Trabalhadores do Brasil*...

O Presidente dirigia-se diretamente aos trabalhadores, num tom íntimo e afetivo. Ser trabalhador era algo de muita importância na vida de um jovem daquele período, era como deixar de ser um guri e passar a ser homem. Portanto, Geraldo precisava trabalhar, não era estudar que transformava os meninos em homens. A irmã Suely era absolutamente contra. Sua tarefa então era enfrentar sua irmã, que, além de ser professora, acompanhava seus estudos. Deveria dizer para ela e seus pais que não desejava continuar estudando.

— Suely era como uma mãe. Sempre controlou os meus estudos, não querendo que eu deixasse de estudar, além é claro da minha mãe. Meu pai, funcionário público municipal, recebia um salário baixo, uma importância

pequena. Para ajudar na manutenção da casa, minha mãe,Thereza, costurava para fora, fazendo coletes.
Era desta forma que ela conseguia comprar livros e roupas para que eu e minha irmã pudéssemos freqüentar a escola. Estudar era muito difícil. Lembro que muitas vezes deixava de ir para a escola por não ter o que calçar. A minha casa, nesta época, não tinha energia elétrica, usávamos lampião. Estudar em casa era uma aventura, minha irmã, por exemplo, estudava o dia inteiro e muitas vezes durante a madrugada. Lia muito e sempre fazia suas tarefas de escola. Quando chegava a noite, ela continuava com o lampião.
A necessidade era uma constante na vida de Geraldo. Sentindo as dificuldades e o próprio esforço da irmã, era evidente que ele buscaria uma alternativa para melhorar a vida. Freqüentar a escola tinha tanto *status* como ser um professor. Suely desejava muito ser uma professora, na época, fonte de prestígio, algo muito valorizado socialmente. Deixar de estudar, num estado com marcas profundas do pensamento positivista, era negar a civilização ocidental branca e cristã, era condenar-se a ficar alienado do conhecimento científico, salvador da humanidade. Geraldo ignorava isto tudo. Sua vontade era trabalhar. Afinal, ele, assim como milhares de jovens, vivia num clima em que o trabalhador urbano estava prestigiado pelo grande pai da nação, Getúlio Vargas.
— Procurei minha irmã e minha mãe para conversar. Precisava convencê-las de que não deveria mais estudar. Foi bastante difícil de aceitarem, mas consegui vencer esta batalha e fui trabalhar. Uma das maiores alegrias da minha vida foi quando minha irmã concordou. Claro que foi por necessidade financeira, mas concordou. Eu tinha 14 para 15 anos e fui procurar emprego. Por intermédio do

tio, Orestes Fortunati, que tinha muita amizade com comerciantes de Porto Alegre, fui encaminhado para várias casas, mas era sempre reprovado. O motivo da reprovação era que não tinha conhecimento, experiência e não sabia datilografia. Até que um dia, em uma empresa na rua Otávio Rocha, nº 47, cujo proprietário era o senhor Albrecht, alcancei o primeiro emprego.

O proprietário pediu que a secretária me recebesse no dia seguinte às 8 horas. Porém, às 7 horas, eu já estava na frente da empresa, na praça, esperando que ela abrisse. Assim foi no decorrer das atividades, sempre entre 7h e 7h e 30 min., estava na frente da empresa, aguardando com muita ansiedade para começar o trabalho. Não me importava que a abertura da empresa fosse sempre às 8h. Entrava feliz na empresa e logo iniciava meu trabalho. Nessa época, faltava mais ou menos um ano para ocorrer a grande exposição Farroupilha, no campo da Redenção, unindo os 21 estados, cada um com seu pavilhão.

Geraldo refere-se à festa organizada em 1935 para comemorar o centenário do marco histórico que representou a independência política do Rio Grande do Sul, a Revolução Farroupilha (1835-1845). A exposição de 1935, que integrou a festa, mostrou como o discurso da elite no poder do Rio Grande do Sul e do Brasil alterou-se no decorrer daquele século.

Em 1835, a luta era contra o governo central que prejudicava o estado com sua política autoritária, pela qual nomeavam-se interventores de outras províncias para governar o Rio Grande. Na época, nossa economia era centrada no charque, encarecido pela produção baseada nas relações de escravidão. Tal economia era periférica em relação à economia exportadora do país. Portanto, estávamos secundarizados econômica e politicamente

perante a elite rural dirigente do país. Cem anos depois, com a política do “café com leite” derrotada, tudo deveria ser diferente. Em 1935, o Rio Grande do Sul estava representado no governo central e então a ordem era ser Brasil. Depois de um século, o discurso da elite gaúcha contrariava radicalmente o ideário de independência farroupilha. Mas, disso, Geraldo não fazia idéia. Viveu sua primeira tarefa de trabalho como a mais importante de sua vida. E conta a emoção do primeiro emprego.

— Iniciei meu trabalho com atividades já direcionadas para essa exposição. A atividade era de controle e arquivo de correspondências. Levava-as aos correios e telégrafos às 19 horas, 19 horas e 30 minutos, ou seja, não tinha horário. Naquela época, não existia o controle de horário com ponto. Em 8 de fevereiro de 1935, eu já tinha a minha primeira Carteira de Trabalho na forma de uma caderneta de previdência do IAPC, que tenho até hoje. Nela, o patrão assinava, colocando as datas de admissão e demissão. A exigência em horário não existia para sair, porém para entrar na empresa era rigorosamente às 8 horas. Percebi que algumas firmas representadas de produtos farmacêuticos como de São Paulo, Rio de Janeiro, Pará e outros estados, iriam participar da exposição Farroupilha com estandes. Logo fui requisitado. As representadas solicitaram que fosse disponibilizado um funcionário para cuidar destes pavilhões das 19h às 24h, todos os dias, durante os três meses em que a representada, no caso a firma onde eu trabalhava, assumiria os custos deste funcionário. Aproximando-se o período da exposição Farroupilha, a secretária me chamou. Só a secretária falava comigo, porque com o patrão se falava muito pouco. Ele falava comigo só aos sábados, às 16h, quando mandava que eu buscasse o café e as “mãe bentas” ou

“bolo inglês”, como mais tarde passou a ser chamado. Às vezes, sobrava um pedacinho da “mãe benta” e um pouco de café, que eu imaginava ter deixado para mim. Se não sobrasse, eu devolvia a xícara e o prato usados à lancheria.

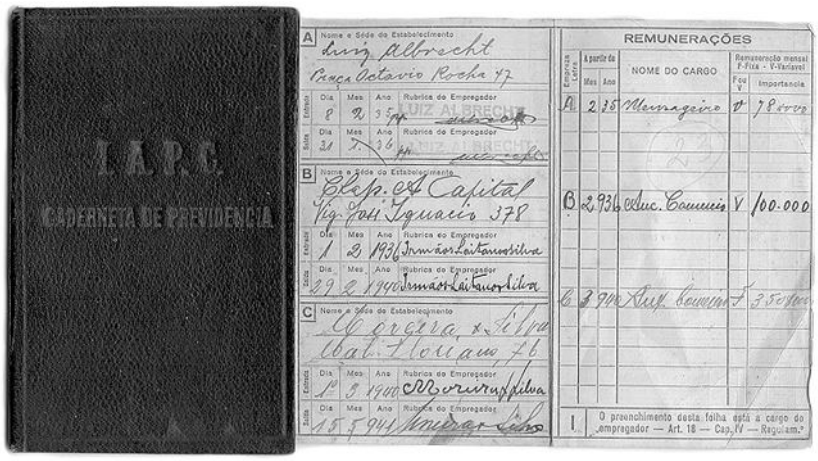
— Então, a secretária me chamou:

— *O senhor vai trabalhar na exposição Farroupilha, sendo que às 19h levará a correspondência até o Correio e de lá irá para a exposição cuidar de três estandes, de São Paulo, Rio de Janeiro e Pará. E o senhor vai ficar até as 24 horas, horário de encerramento. Isto será por todos os dias até o término da exposição, ou seja, durante três meses. Porém, o senhor terá que comprar um sapato. Afinal, o senhor ficará em estandes iluminadas e não vai representar bem se não estiver com sapatos novos.*

— Ela me tratava por “senhor”, como era comum naquela época mesmo com a rapaziada da minha idade. Isso era para que não ocorresse qualquer tipo de liberdade, nada de intimidade. Era *senhor*, para que o funcionário também tratasse seus superiores da mesma forma.

— Chegando a época, passei um vale no valor da botina, entreguei-o para a secretária do patrão e fui comprar o sapato, que era chamado de botina *Reiúna*. A botina era muito usada pelos soldados e custava 18 mil réis. Comprei.

— Comecei o trabalho que tinha sido pedido. Ia aos Correios e depois para a exposição até as 24h, sem comer nada, pois não tinha dinheiro para lanche. No final dos três meses, completou um ano de emprego na firma e, numa destas noites, a secretária me chamou e disse:



Carteira do IAPC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários), um dos institutos que existia antes da unificação de todo o sistema de previdência no também já extinto INPS. Nela estão os dados do primeiro emprego de Geraldo.

— *O senhor trabalhou durante este período. Tenho um vale de 18 mil réis que não foi descontado.*

— Era a tal botina que havia comprado para participar na Exposição Farroupilha.

— *Então, senhor Geraldo, este vale será rasgado, não será descontado porque o patrão mandou, ficando como o seu pagamento por este período na exposição.*

— Eu, que esperava muito mais que isto depois de um ano de trabalho, saí da empresa com a correspondência nas mãos, chorando desesperadamente pela rua Otávio Rocha em direção aos Correios. Entrei no correio, entreguei toda a correspondência e fui para casa. Um pedaço de mim foi destruído naquele dia. Chegando em casa, falei para a minha irmã Suely que não voltaria nunca mais, nem para receber o pagamento do mês. A minha irmã, apavorada, tentou amenizar, mas, para quem estava magoado, nada serviria de consolo.

— Não desisti, disse que iria trabalhar em outra empresa, e foi o que fiz.

Senti o cansaço de Geraldo e Ironita e resolvi terminar a

gravação daquele dia. A emoção e os detalhes da narrativa revelavam o quanto somos marcados por dolorosas lembranças. A lista de fatos que Geraldo tinha era enorme. Precisaria de muito tempo de gravação para registrar tantos acontecimentos.

Já no ônibus, voltando para casa, passei a imaginar quanto da história da humanidade foi perdida por não haver registro de pessoas como Geraldo e Ironita. Apenas duas pessoas e tanto para ser dito, tanto para ser contado, tanto para ser aprendido.

Uma palavra havia ficado em minha lembrança e não conseguia saber onde havia lido. O nome do sapato *Reiúna* era conhecido. Subitamente, lembrei de Fabiano, personagem principal do livro *Vidas Secas* que o alagoano Graciliano Ramos havia escrito em 1938. Claro, era a botina descrita por Graciliano que tanto apertava os pés de Fabiano.

Câmara fotográfica de marca Agfa. Década de 1950.

II

Voltei na semana seguinte com mais curiosidade. Ao chegar, fui levado para a sala do segundo piso. No caminho da sala de entrada até a sala corredor, não parava de pensar no significado daquela casa. Casa? Um castelo? Uma casinha do tipo encontrado em sonhos de crianças? Claro, exatamente, uma casinha de sonhos, cheia de bibelôs, objetos-símbolos, decorações-símbolos. Cada canto, um detalhe, algo que poderia conter uma história em si mesmo. Tanto a perguntar. Não, não vou perguntar. Ao falar, os símbolos serão colocados e seus significados expostos por Geraldo e Ironita. Mas como resistir e não perguntar? Agora, subia a escada irregular de mármore branco. Degraus irregulares que pareciam ser delicadamente adaptados ao local. Corrimão de madeira feito a mão. Os vitrais mostravam duas bailarinas.

— Os vitrais foram especialmente desenhados para este local, para representar nossas duas filhas bailarinas, Lídice e Regina.

Naquela resposta, havia mais orgulho que letras. Era mais um símbolo ou um sonho realizado? Ambos? Percebi que deveria voltar ao assunto. Afinal uma bailarina precisa de muito tempo em escola, dedicação, dinheiro para manter tudo isto. Uma história de pobreza combinaria com *balet*?

Na parede da escada que ainda subia, quadros a óleo decoravam a pintura branca de fundo. Havia quadros de Brilhante, de João Medeiros e de Cordeiro. Este último, sabia que era cunhado de Geraldo e que havia realizado o seu casamento com Juliana na casa de Geraldo e Ironita no IAPI, mas de Brilhante havia grande número de quadros.

Paisagem campestre, cachoeira e cavalos. Deveria ser alguém especial para que eles tivessem tantos quadros de um mesmo pintor. Estava na escada e ficava claro que a arte era bem vinda naquela casa, cinema, *balet* e pintura. Tudo junto em uma casa na Vila IAPI em Porto Alegre, vila de industriários, construída e inaugurada por Getúlio Vargas no início da década de 50. Agora ficou claro que estava errado. Deveria perguntar mais e mais. Minha curiosidade não afetaria décadas e décadas de símbolos e sonhos na casinha encantada.

Vitrô com as filhas bailarinas na escada da casa de Geraldo e Ironita.

— E Brilhante, é parente? Perguntei já justificando o que me parecia muito provável: uma história de dificuldades financeiras.

— Ah, Brilhante, disse Geraldo, um grande artista que sempre admirei. Sua obra nunca foi valorizada, mas na minha casa é arte. Vamos para a sala que eu vou contar.

Liguei imediatamente o gravador e, antes de sentar, já avistava outro Brilhante em frente da escada que agora terminara de subir.

— Ele morava em uma casa modesta, na rua Visconde do Rio Branco, nas imediações do cinema Talia, onde eu tinha

uma loja em sociedade. Descobri que ele tinha um brique em casa e fui lá. Foi quando o conheci. Tinha filhos, que, como toda criança, faziam muitas travessuras. A gurizada rasgava sofá, colocava projetores em baixo do sofá, as pessoas sentavam em cima.

Nesta ocasião, ele me ofereceu para comprar aquele que acabou sendo o primeiro projetor que eu tive. Era de 9,5 mm, marca Pathé, a primeira bitola que apareceu aqui antes do 16 mm. Era movido à manivela, com perfuração no meio do quadro. Cheguei a filmar nesta bitola e tenho até hoje um filme dos meus pais guardado em meu pequeno museu. Recém casado, morava na rua Eduardo Chartier, na zona norte. Minha cunhada, a Beverly, namorava naquela época o Joffre Goyer, com quem veio a casar-se. Eles namoravam na porta da minha casa, porque naquela época era assim que se usava.

— Joffre ouvia o barulho do projetor Pathé e um dia perguntou:

— *Querida, teu cunhado é costureiro?*

— Brilhante era um pintor que trabalhava na frente da Galeria do Rosário fazendo retratos. Ele dava aulas de pintura. Ficamos amigos, e ele ia sempre ao meu escritório buscar pedaços de filmes fora de circulação para projetar em sua casa e daí retirar sua inspiração para a pintura. Era uma pessoa muito calada, sincera e, em meu escritório, sempre tinha o que ele precisava. Com ele, eu trocava filme e projetor por quadros. Desta forma, consegui estas maravilhas do Brilhante. Há quadros dele na casa de minhas filhas Lídice e Regina. O único quadro que eu comprei dele foi *A cavalgada*. Um diretor do Banco do Rio Grande do Sul, na Agência Central, onde houve uma exposição da obra de Brilhante, havia dito a ele que queria comprar aquele quadro.

Os quadros de Brilhante na escada.

Eu não sabia disto. O valor do quadro na época era de Cr$ 35.000,00. Fui à exposição e disse para o Brilhante que queria aquele quadro. Aí, fiquei sabendo.

— *Geraldo, não posso trocar contigo, pois um diretor do banco disse que estava interessado. Mas, se ele não comprar, eu te vendo.*

— No último dia, fui à exposição e aguardei até encerrar. Brilhante olhou para mim e, muito triste, desabafou:

— *Geraldo, fechou a exposição, e o diretor passou por mim e nem me deu bola. Acho que ele pretendia ganhar o quadro.*

— Deixa pra lá Brilhante, eu compro. Foi assim que comprei o único quadro do Brilhante. Anos depois, ele estava muito doente e pintava um quadro de uma bailarina e precisou de minha ajuda. Troquei por alguma coisa e dei o quadro, inacabado, para a minha filha Regina e hoje está sobre o piano de sua casa. Brilhante era uma pessoa que falava muito pouco, ouvia muito... realmente, um grande artista.

Era evidente o envolvimento de Geraldo com o cinema, não como simplesmente um negócio. Os clientes viravam amigos. Geraldo e Ironita fizeram muitas amizades que iniciaram com aluguel de filme, o hábito de semanalmente levarem filmes para exibir em suas próprias casas. Não

eram apenas os clientes que se transformavam em amigos, entre os profissionais da cinematografia, ele encontrou muitos amigos, como Ataliba Dias da Costa. Ataliba ressalta em Geraldo a amizade, a lealdade, a camaradagem na relação profissional e de amizade, a perseverança, o espírito empreendedor e a forma como conduziu sua atividade profissional. Segundo Ataliba, ele era um apaixonado pelo cinema 16 mm, um comerciante que não fazia apenas negócios, mas conquistava o cliente de tal forma que, com o tempo, fazer negócio passava a ser secundário, e a amizade assumia um plano mais elevado.

— Acabavam em minha casa médicos da família, como os doutores Jairo Cruz, que foi médico do Grêmio, Mordko Meyer e Carlos De La Rocha. Todos me ajudaram muito, nos piores momentos. Muitas vezes, eu fiquei embaraçado com respostas destes meus amigos. Amigos do peito, como Jairo Cruz. Fiquei conhecendo este médico de maneira muito interessante. Eu comprei os direitos do filme *Agosto Sexta-feira 13* e fiz as cópias, começando a trabalhar com o filme. Desapareceu da minha distribuidora uma cópia. O doutor Jairo Cruz era um dos que alugava filmes no meu escritório e os passava numa vila da Zona Norte. Será que ele estaria com o filme? Fui até a vila e questionei as pessoas. Algumas pessoas tinham assistido. E, como eu tinha o cadastro dele e sabia que ele trabalhava no Hospital de Pronto Socorro, numa noite, fui até sua casa. Não o encontrando, fui até o Pronto Socorro.

— *O doutor Jairo Cruz está?*

— *Sim, mas não pode entrar, ele está atendendo um paciente. Qual o seu nome?*

— *Zaniratti.*

— *Vou avisá-lo, aguarde.*

— Imediatamente, mandaram-me entrar.
— *Doutor, o senhor exibiu o filme* Agosto Sexta-feira 13*?*
— *Sim, mas já devolvi.*
— *Então, não se preocupe, vou achar.*
— Duas semanas depois, uma pessoa tinha me solicitado que entregasse dois filmes na sede do Partido Trabalhista Brasileiro _ PTB. Havia uma pessoa esperando na porta do prédio, próximo à Padaria Portoalegrense. Estes filmes não voltaram. Mais de 30 dias depois, encontrei uma senhora que era parte do PTB.
— *Faz mais de trinta dias quando estive na Sede do PTB e entreguei para uma pessoa duas maletas de ferro com dois filmes. A senhora sabe quem ou onde poderiam estar estes filmes?*
— *Acho que sim, mas ele não entregou os filmes ainda? Então, o senhor vá até este endereço aqui, é onde ele passava filmes.*
— Era um sujeito que fazia parte da cinematografia e exibia filmes na Zona Norte e em Gravataí. Isto aconteceu no final da década de 60. Então, peguei um inspetor da Polícia e, com meu filho Antônio, fomos até o cinema dele. O inspetor apresentou sua identidade para alguém no local e pediu para entrar. Lá estavam os filmes, inclusive o *Agosto, Sexta-feira 13*. Cheguei em meu escritório e liguei para o Dr. Jairo e contei o que havia acontecido. Depois disso, ele ficou nosso amigo, freqüentando a nossa casa. Quando os jogos do Grêmio eram com o São José, ele vinha aqui em casa com jogadores do Grêmio. Ficava aqui conversando sobre cinema durante a preparação e aquecimento dos jogadores.
— *E o futebol?*
— Olha, nunca tinha sido torcedor de um time. Em 1948, mudei-me para esta casa. Aos sábados, eu dormia pela

tarde. Muitas vezes, acordava no meio da tarde pensando que alguém estava me chamando na frente de casa.

— *Geral, meia, geral, meia, inteira...*

— De meu quarto, parecia meu nome. Como não conseguia dormir com o movimento dos torcedores e cambistas, passei a freqüentar os jogos e gostar do Esporte Clube São José. Em um daqueles jogos, percebi a paixão do Dr. Jairo pelo Grêmio. O Grêmio havia perdido para o São José por 1 x 0. Na saída, encontrei-o e brinquei:

— *Ganhamos, Dr. Jairo.*

— Ele não respondeu nada, mas correu uma lágrima de seus olhos. Continuamos amigos. Devo grandes obrigações para ele. Lembro que andava triste com a doença de minha mãe. Ela tinha catarata. Num sábado pela manhã, o Dr. Jairo foi pegar um filme, e eu estava muito deprimido.

— *O que está havendo contigo, Geraldo?*

— *Minha mãe, Dr. Jairo, está com catarata.*

Thereza Fortunati Zaniratti, aos 70 anos, no bairro Menino Deus, na rua Barão do Triunfo, 89.

— *Mas isso não é problema: leva tua mãe no meu consultório na segunda-feira.*

— Ele mesmo fez a operação de minha mãe. Então, eu

disse:
— *Agora, doutor, vamos fazer as contas — e ele respondeu:*
— *Vamos lá embaixo no café fazer as contas.*
— Chegando lá, pedi dois cafezinhos, paguei e fomos para o balcão conversar. Falamos de filmes e projetores.
— *Então — perguntei para ele, novamente — quanto devo, doutor?*
— *Tu acabaste de pagar com o cafezinho.*
— Assim era o Dr. Jairo. Foi ele que introduziu o cinema na concentração de jogadores de futebol. Ele verificou que, na concentração, os jogadores usavam jogos de cartas para passar o tempo. Entretanto, estes jogos de azar minavam as relações entre os jogadores e isto, de certa forma, se refletia em campo. Até o Pelé assistiu filmes em jogos aqui em Porto Alegre.
— Certa ocasião, uma outra situação embaraçosa foi com o doutor Mauro Meyer, filho do Dr. Meyer, que me curou sem precisar de cirurgia. No fim do tratamento, fui ao consultório dele e perguntei:
— *Dr. Mauro, quanto lhe devo?*
— *Geraldo, como posso te cobrar? Passei grande parte de minha infância assistindo filmes em casa, que meu pai trazia da Zaniratti Filmes.*
— Faz tanto tempo que não tenho contato com o doutor De La Rocha. Ele ia ao meu escritório alugar filmes para passar em casa. Conhecia-o apenas por atendê-lo no balcão. Minha amizade com ele iniciou em uma tragédia. Era abril de 1959. Meu filho Augusto havia nascido. Entretanto, Ironita fora desenganada por um médico do IPASE que lhe disse:
— *Dona Ironita, se a senhora quiser viver mais algum tempo, não faça nenhum esforço físico. Nem pegar seu*

filho recém nascido, ainda mais considerando que ele nasceu com cinco quilos. Fique em cima da cama.
— Secretamente, ele me dissera:
— *Geraldo, tua mulher tem mais uns 15 dias de vida, apenas. Ela tem uma doença que, traduzindo em miúdos, transformou o coração dela num "coração de boi", vai explodir e nada pode ser feito.*
— Como não consigo disfarçar nada, andava feito um zumbi, arrasado, esperando a morte de minha mulher. No desespero deste diagnóstico, fui para o trabalho e, quando entrei, o Dr. Carlos De La Rocha estava no balcão. Eu não sabia que a especialidade médica dele era a radiologia.
— *O que houve com o senhor?*
— Então, contei tudo para ele, precisava desabafar.
— *Olha, Geraldo, sou médico e gostaria de ver tua esposa. Espero vocês em meu consultório às 10 horas de amanhã.*
— Fui para o consultório dele no dia seguinte. Ele tirou outro raio X e colocou para revelar. Mais tarde, ele examinou e disse:
— *O meu diagnóstico é que não tem nada deste negócio de "coração de boi". Houve um engano. O que há de fato são gases que pressionam o coração.*
— Ficamos grandes amigos. Ele não quis cobrar a consulta e, a partir daí, nunca mais cobrei nada dele por aluguel de filmes. No entanto, anos mais tarde, houve um incidente que o afastou da gente até hoje.
Acho que foi por isso, e eu só tomei conhecimento do assunto depois de notar sua ausência em meu escritório. O programador, funcionário meu na Zaniratti Filmes, atrasou-se, e o meu gerente, sem conhecer a programação, tinha emprestado um filme para o Dr. De La Rocha. Este filme deveria sair naquele dia para o interior. O público não

poderia ficar sem o filme. Algum funcionário meu deve ter ligado para ele devolver naquele dia mesmo. O Dr. De La Rocha foi até o meu escritório, deixou o filme no balcão e nunca mais retornou. Tentei procurá-lo, mas não mais consegui contato. Discuti com os meus filhos, pois estava em dúvida se deveria procurá-lo. Resolvemos não procurá-lo mais. Isto faz 20 anos. Lamento por isto. O Dr. Monteiro é uma outra pessoa da qual tenho boas recordações. Ele era Consultor Jurídico do Estado, acionista, junto comigo e o De La Rocha, da IEC. O sogro do Monteiro era japonês, tinha uma floricultura e trouxe para o Rio Grande do Sul treze mudas de uma árvore lindíssima, a Cerejeira do Japão. Chegaram aqui com mais ou menos 50 centímetros de altura. Doze foram plantadas no Palácio Piratini e uma ele me presenteou.

— *Geraldo, tu deves fazer um buraco de um metro cúbico para plantá-la.*

— Falou-me sobre os cuidados com a árvore, o que seguimos à risca. Inclusive, medimos o buraco. Isto faz mais de 20 anos. Esta árvore está aqui em meu jardim até hoje e fica florida todos os anos. As do Palácio Piratini morreram, ficou apenas a minha. Ele também era jornalista e escrevia no *Diário de Notícias* sobre vários assuntos, entre os quais o nosso futebol, isto é, o time da Zaniratti Filmes. Na década de 70, chegamos a ter um time de futebol com amigos e funcionários da Zaniratti, inclusive com técnico, palestrantes, sede e até massagista, que havia sido do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro.

— É claro que outros tantos médicos tornaram-se amigos da família, embora a relação não tenha iniciado pelo cinema.

Entre eles, a Drª. Cristina Lemos, a Drª. Zaira Cauduro Mainardi, nossa vizinha, Edmundo Gardolinski, que me

atendeu várias vezes na Av. Eduardo, hoje Presidente Roosevelt; Dr. Paulo Boss de Oliveira, que ajudou-me a colocar no mundo os nossos primeiros quatro filhos; Dr. João Mano José Júnior, Dr. Sérgio Dornelles, Dr. Jorge A. Caleffi Fauri; Dr. João Carlos P. Fernandes; Dr. Carlos M. Menna Barreto; Dr. Telmo Kruse, Dr. Ernesto Guedes, Dr. Clive e Dr. Henrique Sarmento Barata. O Dr. Barata, por exemplo, um médico reconhecido internacionalmente, era de uma simplicidade e alto astral incomparáveis. Ele passou a ser cliente da loja de meu filho Antônio. Lá, com seu jeito de ser, conquistou a todos. Fez amizade com meus filhos e chegou a almoçar com eles aqui perto, na Vila do IAPI, relembrando sua própria história de solteiro, no boteco do Bodinho, *Belvedere´s Lanches*, o melhor bauru da cidade há mais de 36 anos. Hoje, o Barata é um amigo, um irmão, gosto dele como se fosse meu filho. Com todos, criamos uma grande intimidade... acho que por eu ser tão medroso com doenças e por detestar ir a um hospital.

— *Claro, disse Ironita, quando preciso, nós tínhamos que chamar os médicos aqui para atendê-lo.*

— Mas não foi meu medo apenas. Muitos casos foram pela proximidade aqui na Vila IAPI e outros em função dos momentos de crise, desespero de nossa família, como foi o caso do nosso neto Anderson, filho de Regina e Edgelson

— Este caso foi terrível para todos. Eles moravam em Santa Cruz, Regina era assistente social na Souza Cruz, e o marido era supervisor da área de contabilidade e finanças. Anderson tinha três meses de vida quando *estafilococos dourados* se alojaram no seu pulmão.

Anderson com um ano de idade, Em 08/03/1987

Vieram para Porto Alegre, a situação era muito grave. Levamos Anderson para o Hospital Santo Antônio, mas não havia vaga. Era um domingo, não sabia o que fazer. Liguei para um amigo, Roberto Plentz, que estava de saída para um jogo do Internacional.

— *Roberto, preciso internar meu netinho de três meses de idade, a situação não é boa.*

— *Geraldo, estou saindo para o jogo, mas me dá um tempo que vou ver o que posso fazer.*

— Uma hora depois, ele me ligou.

— *Geraldo, leva teu neto agora, está sendo preparado um quarto para ele.*

— Devo isto ao Roberto. Amizade é isto, uma mão lava a outra, e ambas limpam todas as dificuldades da vida. Anderson ficou internado três meses. Foi a Drª. Katia Giugno que o salvou. Dois meses depois, a Drª. chamou a gente e disse:

— *Todos os médicos que atuam nesta área discutiram, fizeram tratamentos, aplicaram remédios. Agora é esperar, pois a situação de Anderson é quase impossível de ser revertida, dificilmente vai sobreviver.*

— Ela estava nos preparando para a morte dele. Regina e Edgelson já estavam desgastados. Via os dois no hospital

e aquilo me arrebentava por dentro. Tanta coisa passava pela minha cabeça. Tínhamos uma funcionária que trabalhava aqui em casa que se chamava Maria. Por iniciativa dela, por solidariedade, simplesmente para ajudar, ela ficava nos esperando chegar do hospital às 23 horas. Numa manhã, como nas outras, eu ia bem cedo ao hospital e depois ia para o meu escritório, na Mauá, em frente à rodoviária. Entrei para minha sala e, sozinho, lembrei-me do desespero de um antigo patrão meu, senhor Laitano. Certa ocasião, o meu patrão, estava mal financeiramente. Estava na iminência de ir à falência. Nesta época, um empresário chegar à falência era algo terrível, o suicídio era o que um homem pensava diante de um fracasso deste tipo. Hoje, fazem de propósito a falência, é a indústria da falência e ainda chamam os credores de trouxas.

Num determinado dia, ele estava numa depressão muito grande e foi para o Morro da Polícia, "para estar mais perto de Deus", como me disse. No pico do morro, começou a gritar para Deus, para que ele fosse ajudado. Realmente, ele foi ajudado e não foi à falência, conseguindo se erguer. Naquele dia, eu fiz o mesmo. Comecei a falar bem alto com Deus, pedia que ele salvasse meu netinho de meses de vida. Nós não tínhamos nada mais para fazer do que isto, e, graças a Deus, ele foi ajudado e se salvou.

— Quem mais recebestes em teu escritório?

— Recebi em meu escritório outras pessoas muito conhecidas como Osvaldo de Lia Pires, um grande criminalista; Comandante Carta, da VARIG, que realizou a primeira viagem a Nova York, em um Boeing 707, José Mendes, José Augusto Fagundes, Antônio Hohlfeldt e Nei Azambuja. O Nei era o encarregado da filmoteca do Consulado Americano. Ele emprestava filmes,

documentários que vinham dos EUA, narrados em Português, para particulares e profissionais de distribuição cinematográfica. Eu aproveitava estes complementos[3] para que o meu exibidor pudesse passar antes da exibição do filme de longa metragem que havia alugado. Ficamos amigos e me avisava do leilão que o Consulado Americano fazia de seus móveis, portas e outros materiais de que já não necessitavam mais.

— Mas, voltando ao cinema e aos médicos, eles eram o teu público principal na Zaniratti Filmes?
— Na verdade, como diz meu amigo Brizola, fui pioneiro em muitas coisas. Quando comecei com minha filmoteca, na década de 50, os médicos é que tinham condições econômicas para comprar projetores 16 mm e alugarem filmes. O brinde da empresa, por exemplo, foi outra iniciativa minha. Mandei fazer uma pastinha pequena no estilo "leva-tudo[4]" que era dada como brinde para todos os clientes que compravam um projetor ou alugavam um filme. Levavam a documentação do equipamento, recibo, tudo dentro da pastinha que tinha o símbolo da empresa gravado externamente. Outro exemplo. Já em 1953, na porta da minha distribuidora de filmes, tinha a expressão: *Cinema em Casa*, um luminoso pequeno. Cinema em casa, porque eu alugava e entregava, em casa, desenhos e outros filmes longa metragem. As pessoas, muitas dos quais médicos, exibiam os filmes para os familiares. Passei

---

3 Complementos eram aqueles documentários exibidos antes de iniciar o filme propriamente dito. Tinham também como finalidade proteger o filme, pois um erro na colocação deste no projetor poderia destruir a perfuração da película, inutilizando-o definitivamente. O Canal 100 é um exemplo destes complementos. Mas havia muitos tipos, inclusive os documentários norte-americanos que eram distribuídos quase gratuitamente pelo Consulado Americano, que faziam propaganda da ideologia ianque.

4 Leva-tudo era uma pasta tamanho meio ofício, plástica, azul e com a logomarca da Zaniratti Filmes, telefone e endereço em um de seus lados.

a usar este nome, pois, com o meu projetor de cinema, ia passar filme nas casas particulares. Muitos anos depois, o Silvio Santos passou a usar esta expressão. Como não registrei, ele ficou como o dono daquilo que criei - Cinema em Casa.

E, com um ar de ironia, fez uma pequena provocação:

— Quem sabe se eu tivesse registrado estas palavras, eu não poderia agora, estar recebendo um dinheirinho do *Baú da Felicidade*?

Em 1950, surgia a televisão no Brasil. Segundo Francisco Doratioto e José Dantas[5], no dia 18 de setembro de 1950, foi ao ar o primeiro programa de televisão da América Latina, pela PRF3 TV Emissora Associada de São Paulo, chamada *TV Tupi*, de propriedade de Assis Chateaubriand, também dono dos *Diários Associados*. Na época, havia apenas cinco aparelhos particulares de televisão em São Paulo. Eles foram espalhados pela cidade de São Paulo, em pontos de maior circulação a pedido de Chateaubriand, para que a população pudesse assistir. Em 1952, surgiu a *TV Paulista* e, em 1953, a *TV Record*.

Todos os programas de televisão eram ao vivo, e os erros dos artistas ficavam muito evidentes. No cinema nacional, era a época das "chanchadas" que saíam dos Estúdios da Atlântida, no Rio de Janeiro, que representava a diversão popular. Apesar do estilo carnavalesco, eram filmes que abordavam temas do cotidiano dos trabalhadores, como a falta de água, os aumentos dos preços, a burocracia infernal, as diferenças sociais e as promessas de políticos que jamais eram realizadas.

No Rio Grande do Sul, a TV entrou no ar em 1959. Portanto, filme, só nos cinemas do centro da cidade, 35

---

5 DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva e Dantas Filho, José. De Getúlio a Getúlio: O Brasil de Dutra e Vargas, 1945 a 1954. São Paulo, Atual, 1991

mm ou via projetor 16 mm, em casa de quem podia pagar.
— *Tu mesmo projetavas os filmes?*
— Claro, nem sei quantas vezes fui à casa do Brizola e da Neuza passar filmes para seus filhos pequenos, o Vicente e a Neuzinha. Depois, meu filho Antônio passava também. Criei aquilo que muitas empresas têm hoje: a tele-entrega, outro pioneirismo. Isto foi entre 1953 e 1955. Eu tinha um funcionário que entregava na casa do meu cliente, quando este ligava e escolhia por telefone o filme que gostaria de ver em sua própria casa. Tinha cliente também na Ilha da Pintada, para o qual a entrega do filme ia num barco a vapor. O menino que entregava, que era meu empregado, levava sempre até o vapor, para ser entregue ao meu exibidor. Numa destas vezes, o espaço que ficava entre o vapor e o cais do porto ficou muito grande. Coitado, ele caiu dentro d'água, com a maleta de filme nas mãos, indo para o fundo. Um marinheiro que estava perto atirou-se para salvá-lo. Quando foi retirado de dentro d'água pelo marinheiro, o menino estava agarrado na maleta de ferro, que pesava uns sete quilos, aproximadamente.
— Outro pioneirismo da Zaniratti Filmes foi o cinema em Cabeleireiro Infantil. Hoje, em *shopping*, tem cabeleireiro que anuncia corte de cabelo para criança com diversão. No entanto, nas Lojas Renner, acho que no fim da década de 60, havia um departamento de cabeleireiro infantil, que exibia meus desenhos animados em 16 mm, enquanto a criança cortava o cabelo.
Inclusive foi nesta loja que ocorreu uma tragédia, morreu muita gente queimada quando a loja foi destruída pelo fogo, entre estas pessoas estavam as moças que cuidavam deste departamento. Algum tempo depois, eu fui indenizado pelos filmes que foram queimados. Passei por situações de todo tipo. Pirataria, por exemplo. Hoje, se fala

muito em pirataria de disco, fitas de vídeo, fita cassete, CD, como se há 40 anos atrás não existisse pirataria. Numa ocasião, eu mandei fazer 15 cópias de um filme do Teixeirinha, na Líder, em São Paulo. Quando faltava uma semana para entregarem as cópias, já havia gente passando o filme no interior do Rio Grande do Sul: isso era pirataria.

— Nem tudo foi maravilha e pioneirismo. As condições de subdesenvolvimento atrapalhavam também, principalmente no início. Quando estava trabalhando no Departamento de Correios e Telégrafos, DCT, eu passava cinema nos fins de semana em Porto Alegre, alugava filmes das companhias americanas, pois eu tinha poucos filmes. Naquela época, iniciou um racionamento de luz, em um dia tinha luz, no outro já não tinha. Alguns dias, só tinha energia pela manhã, outros dias só à tarde. Assim era um racionamento de energia. Era uma companhia americana, que depois foi estatizada pelo Governo do Brizola e tudo melhorou. Quando era da companhia americana, existia racionamento. A população reclamava, e a companhia americana dizia que só poderia melhorar se aumentassem o valor. Aí, o Governo do Brizola negava o aumento. Só melhorou depois que virou CEEE. Aquele racionamento de energia acabava me prejudicando muito. Minha situação piorava cada vez mais. Cheguei ao ponto de deixar de pagar o aluguel de três filmes a uma empresa americana. Fui salvo por um funcionário da MGM, o Elias, que pagou por mim e me entregou o recibo pago. Naquele momento, eu só pude agradecer e, assim que consegui o dinheiro, fui lá e paguei meu amigo. Mas isto não era a regra. Havia muita rivalidade entre as empresas 35 mm e as de 16 mm.

Havia duas faces na cinematografia, eu sobrevivi até o final porque tinha amigos do peito como este na Metro, como o

Ataliba, na programação da Universal por 19 anos e depois na Fox por mais nove anos. Conheci Ataliba quando comecei a DIPA Filmes. Ataliba é mais uma das amizades que tenho e que iniciou na cinematografia. Recordo-me que ele ia para a Zaniratti Filmes conversar. Uma das coisas que fazia com que ele me procurasse era que, assim como ele, eu tinha uma vida regrada, do trabalho para casa e da casa para o trabalho o que não era comum da cinematografia. O Ataliba intermediou contatos para mim nas companhias americanas, facilitando muito meu trabalho. Ele não entrava em enroladas financeiras do 35 mm, o que acontecia muito freqüentemente na cinematografia. Foi possível perceber que o 35 mm era muito diferente do 16 mm, inclusive eles faziam festas e nunca fui convidado por ser do 16 mm, eu e meus funcionários éramos discriminados. Ele era um dos poucos elementos da cinematografia, que era correto, honesto, um exemplo de conduta, de amigo, de bondade, de seriedade. Ele ia ao meu escritório até para conversar sobre redistribuição de filmes e as vezes íamos até o DCT conversando. A cinematografia 35 mm, que eram fornecedores e grandes distribuidoras como Universal, Paramount, Fox, Warner Bros, MGM, Columbia, para os grandes cinemas de Porto Alegre, desprezou o 16 mm, porque não dava a importância devida para o cinema junto das populações mais pobres. O desprezo era tanto que estes gerentes das companhias americanas, salvo algumas raras exceções, nas sextas-feiras se reuniam e participavam de uma feijoada, todos juntos, mas o pessoal do 16 mm, eu e outros, éramos desprezados, não éramos convidados para participar das festas. Afinal, éramos do 16 mm, trabalhávamos com ambulantes, com as populações mais pobres do sul do país. Mesmo assim, tive

oportunidade de ajudá-los. As companhias americanas cada vez mais produziam filmes, porém os meus eram de produção nacional. Com o tempo, a minha distribuidora Zaniratti Filmes passou a ser a única possibilidade de colocação dos filmes 16 mm no mercado. Eles passaram a ser dependentes de mim e não o inverso. Chegaram a ser 23 companhias contra mim, a única nacional, mas fui a última a fechar as portas, eles não resistiram como eu.

O café terminara e já era tarde. O inverno não havia terminado, o frio era intenso, e meu cotidiano no dia seguinte iniciaria cedo. Fui embora com muitos pensamentos sobre o início da Zaniratti Filmes e o cinema em Porto Alegre. Tudo ficaria para outro dia. Cada dia que passava, a lista de itens que Geraldo e Ironita alimentavam crescia de forma espantosa.

Agora, no ônibus, olhava para os prédios da Assis Brasil e me perguntava quanta história existia por entre tijolos antigos da Vila do IAPI. Quantos Geraldos e Ironitas nestas vilas escreveram partes importantes da história desta cidade? Quantos filmes de longa metragem poderiam ser produzidos com mais valor que os enlatados americanos da cultura do consumismo? Duro é perceber que uma sociedade faz opções erradas ao negar o direito aos seus de escreverem sua própria história. Perguntas cujas respostas são outras perguntas.

Editor de filme, também chamado de moviola, Super 8 mm de marca MINETTI.

III

Resolvi voltar com mais tempo. Fui recebido num sábado. Estava ainda frio, mas havia um sol que abrandava os 15 graus que fazia. Ao chegar, Ironita apresentava as dificuldades das casas de avós aos sábados.

— Geraldo, leva ele lá para o cinema, fechem a porta, assim haverá menos barulho quando os filhos e os netos passarem por aqui.

Geraldo imediatamente acatou a sugestão e subimos em direção ao cinema. É de fato um cinema 16 mm. Cadeiras do antigo cinema Colombo. Ao lado, um painel com centenas de nomes de filmes já exibidos em casa. No chão, o tapete vermelho combinando com as grande cortinas que escondiam a tela de projeção. Não poderia faltar o projetor de cinema 16 mm da IEC. Podia-se ver Charles Chaplin, o símbolo maior, pendurado pelas paredes, e o Gordo e o Magro em diversas poses, fotografias, pinturas, desenhos, em tamanhos pequenos e grandes completavam o cenário.

Sentei à escrivaninha e logo liguei o gravador. Sabia que, daquele cinema, muitas histórias seriam contadas. O que se pode esperar de alguém que tem um cinema em casa se não a própria vida misturada ao cinema?

Percebi logo que a escrivaninha era semelhante às mesas da Zaniratti Filmes do passado. Tinha um vidro grosso sobre a parte superior que abrigava antigas fotografias de seus pais, sua esposa aos 16 anos, filhos, netos, casa na praia e até uma filha que passou a ser filha sem nunca tê-lo sido.

— *Quem é Tânia que está na lista dos filhos nesta mesa?*

— A Tânia e o Alemão, Edgar Haas, são nossos amigos. Nós os conhecemos através da Lídice. É daquelas

amizades que se espalharam por toda a família. Para nós, a Tânia e o Alemão são filhos do coração, e não é por acaso que aparecem neste cartão como se filhos fossem.

— *Vejo que aqui neste cinema se encontra muito da história da Zaniratti Filmes.*

— E de Porto Alegre também, disse Geraldo, com orgulho.

Geraldo conta mais uma parte de sua vida envolvido com cinema, quando, em 1951, já aplicava novos conceitos de propaganda em Porto Alegre, pouco ou nada sabendo sobre o assunto. Era seu instinto, necessidade de vencer ao lado de sua grande paixão, o cinema.

— Quando fazia propaganda dos meus filmes 16 mm nos meus cineminhas, não existia o megafone. Encontrei uma forma de amplificar minha voz para anunciar o filme a ser exibido num determinado local. Mandei fazer um canudo de folha de zinco, no formato de um funil, tipo uma corneta. Com este canudo, eu fazia propaganda dos filmes no carro de um amigo. Ele também tinha um cinema em outro bairro. Eu fazia propaganda para ele na região dele e ele fazia para mim. A propaganda era improvisada e funcionava de maneira formidável.

— *Como chegaste a ter cinemas em Porto Alegre?*

— É uma história muito longa. Em 1951, depois de minha viagem para Buenos Aires, comecei a trabalhar com muito mais vontade. Lembro que, trabalhando na Casa Bayton, fiquei sabendo que um avião com carregamento de projetores de cinema de marca Victor fizera uma aterrissagem forçada. Neste avião, havia um conjunto de aparelhos para serem comercializados pela Casa Bayton, entre eles alguns projetores de cinema que ficaram danificados com o impacto da aterrissagem. O seguro pagou, e três projetores ficaram em condições de uso.

Foi então que me ocorreu a idéia de comprá-los. Então, comprei a um preço baixo, muito baixo, pois eles não poderiam vender para seus clientes aparelhos com pequenos defeitos. Paguei em prestação, sendo descontada no pagamento do mês. Com estes projetores, eu montei um cineminha na Vila Nova, num salão recreativo. Tirei um bom dinheiro. Cheguei a comprar um carro caro, antigo, que tinha que empurrar. Sempre que possível comprava um filme, outro e mais outro. Exibia estes filmes no cinema da Vila Nova, alugava para casas de família e para ambulantes. Com o dinheiro que ganhava lá, e mais o que eu recebia nos Correios, resolvi abrir mais cinemas. Abri um no Passo da Mangueira, outro no Sarandi, num salão do João Satte, que foi meu sócio com os cinemas. Abri também outro no salão da Sociedade Baluarte, onde hoje é a Igreja Cristo Redentor, outro na Sociedade Erechim, no Bairro Nonoai e mais um na Igreja velha de Teresópolis. Trabalhava sábado e domingo nos cinemas. Nesta época, já tinha seis cineminhas. Em Vila Nova, eu mesmo projetava o filme e, nos demais, como o cinema de Passo da Mangueira, pagava uma pessoa para projetar o filme e outra para controlar a bilheteria. No Sarandi, o João Satte se encarregava disto. Continuei comprando e alugando outros filmes.

O cinema, para Geraldo, foi o início de muitas realizações pessoais. Teve sociedades como a do cinema no Sarandi com o João Satte, um comerciante que mais tarde tornou-se deputado estadual pelo PDT. Na época, tinha um armazém e, ao lado, um pequeno salão. Durante alguns meses, o cinema funcionou bem no Sarandi.

Viveu situações típicas de um período presidido pela guerra fria e nem percebeu as razões. Aquela guerra entre

os EUA e a URSS atingiu todo o mundo, atingiu o cotidiano de cada cidadão, mesmo que não tivesse compreensão do que estava acontecendo. Geraldo e Ironita nunca conseguiram entender o que ocorrera na Sociedade Baluarte, como ele conta:

— O cinema na Sociedade Baluarte era o que tinha a maior bilheteria. Um dia, eu estava exibindo um filme sobre a Rússia, chamado *A Canção da Rússia*. Estava no metade da segunda parte de um total de três partes e, de repente, entraram vários agentes da censura federal, impedindo a continuidade do filme. A explicação, eu não entendi até hoje, mas só poderia ser por razão de ordem política. Tentei fazê-los entender que teria grande prejuízo, pois teria que devolver o dinheiro do ingresso, e as pessoas poderiam fazer tumulto, quebrar tudo, o que chamaria a atenção de todos. Consegui convencê-los a aguardarem o final do filme. No final da sessão, a censura levou o filme embora, não sendo nunca mais exibido e, pelo que sei, retornou aos EUA. Lembro muito bem da Segunda Guerra, os inimigos eram os italianos, os japoneses e, principalmente, os alemães, mas não os russos. Lembro de ter passado a noite com meu primo Jutay na Usina do Gasômetro, que, no período da Segunda Guerra, era uma espécie de presídio. O Brasil havia declarado guerra, durante o governo de Getúlio, e era uma daquelas noites em que meu primo tinha que cadastrar as pessoas que vieram da Itália e da Alemanha, que compareciam ao Gasômetro para declarar os aparelhos de transmissão que tinham em casa. Conforme o que declarassem, o governo ia buscar e confiscava, principalmente rádios da marca Telefunken. No caso dos russos, isto aconteceu depois da guerra, era o medo que o comunismo tomasse conta do país. Até hoje, não sei

porque ainda há empresários que se dizem modernos e usam computadores, e têm uma visão monstruosa do comunismo e do socialismo.

— *E nos teus cinemas, havia exibições simultâneas? Isto era possível?*

— Eu tinha cinemas em pontos diferentes da cidade, distantes um do outro. Enquanto o cinema 35 mm não abria nos bairros, eu consegui sobreviver com os cinemas 16 mm.

Quando, por exemplo, abriu o cinema Real, na Av. Assis Brasil, no Bairro Cristo Redentor, fui obrigado a fechar o cineminha na Sociedade Baluarte. Cheguei a passar algumas vezes um filme, uma única copia num mesmo dia em três cinemas. Começava colocando o primeiro rolo do filme no projetor no cinema na Sociedade Erechim no Bairro Nonoai. Deixava alguém cuidando do projetor saía para preparar o projetor no cinema em Vila Nova, deixava tudo pronto e alguém de minha confiança vendendo os ingressos. Voltava para a Sociedade Erechim e esperava o fim do primeiro rolo, fazia um intervalo de 15 minutos para que o pessoal da copa vendesse alguma coisa. Era o momento de levantar, ir ao banheiro, comentar alguma parte do filme e descansar das duras cadeiras. Não esperava o fim do intervalo, deixava tudo pronto para que a mesma pessoa ligasse dois botões e pronto, iniciaria o segundo rolo na Sociedade Erechim. Saía correndo para Vila Nova com o primeiro rolo, para iniciar a seção onde o soldadinho já estava me esperando. Ele mesmo colocava no projetor e já voltava para a Sociedade Erechim para buscar o segundo rolo. Preparava tudo para iniciar o terceiro rolo e levava o segundo rolo para Vila Nova. Voltava para a Sociedade Erechim, onde já estava terminando a terceira e última parte. Saía de lá para a Vila

Nova, deixava o último rolo e ia para casa. No dia seguinte, o soldadinho levava os três rolos de filme na minha casa. Por sorte nunca ocorreram maiores problemas, os intervalos eram grandes e quando o filme escapava ou arrebentava, os responsáveis pela copa das sociedades adoravam, pois vendiam muito mais que o normal, afinal, se tudo desse certo, seriam apenas dois intervalos. Nestes casos aumentava o número de intervalos, nem sempre o carro agüentava a correria de um local para o outro, às vezes fervia a água e eu era obrigado a esperar resfriar para seguir a maratona.

Lembrou Ironita:

— *Geraldo, e o soldadinho do Exército na Vila Nova?*

— É verdade. Uma particularidade importante na Vila Nova. O movimento começou a cair novamente devido às condições do cinema. Era um salão com cadeiras de palha e madeira. Já fazia mais de um ano que exibia o complemento "Povo de Vila Nova". Os filmes não agradavam mais por serem legendados. Havia um soldadinho do Exército que estava sempre ao meu lado. Chegou até a aprender a colocar filme no projetor, ele gostava muito de cinema.

— Num belo dia, fiz uma proposta para o soldadinho.

— *Escuta, vejo que tens interesse pelo cinema aqui na Vila Nova, queres tomar conta do cinema? Eu mando os filmes, com a renda tu pagas o aluguel e o restante dividimos em duas partes, cada um fica com uma parte.*

Irmã de João Rocha, o soldadinho do Exército, ao lado de Geraldo e Ironita na Vila Nova.

— *Eu aceito, sim, senhor, disse o soldadinho.*

— Assim, João Rocha, o soldadinho, continuou o trabalho. Dei para ele o filme "Povo de Vila Nova". Desta forma, aos poucos fui saindo do cinema de Vila Nova e dos demais cinemas também.

— *Geraldo, havia filmes pornográficos naquela época circulando em Porto Alegre?*

— Havia sim, muito pouco e quase nem se enxergava nada, e olha que naquela época eu não tinha catarata.

— *Sem vergonha! Exclamou Ironita.*

— Aconteceu um escândalo com filme pornográfico, envolvendo um amigo meu que chamarei de S. Por volta de 1952, ele me contou um fato:

— *Geraldo, tu nem sabes o que me aconteceu. Andei meio doente e deixei de comparecer por uns três dias em minha sala onde estão meus filmes para aluguel. Na sexta, como de costume, apareceu o senhor I, daquela família muito rica de Porto Alegre. Meu funcionário, com muita pressa de sair, atendeu-o.*

— *Olha, quero este filme aqui, e coloca também um complemento, tá?*

— *Pois não, senhor.*
— *Geraldo, ele colocou um complemento qualquer, sem verificar nada. Pegou de uma pilha que eu havia separado. O senhor I, no sábado, convidou parentes, vizinhos, crianças e adultos e se reuniram na sala para assistir o filme. Colocaram primeiro o complemento, apagaram as luzes e de repente começa um filme com homens e mulheres nuas. Era um filme pornográfico. Deu gritaria, risadas misturando-se com gemidos do filme. A pessoa que estava operando o projetor ficou nervosa e não atinava desligar. Que inferno. Ele anda me procurando, estou apavorado.*
— Comigo também aconteceu algo antes deste fato e acho que bem pior. Apareceram em meu poder, não sei como, quatro rolos pequenos de filme pornográfico, preto e branco, que quase não se enxergava, como eu já disse. Eu estava no telégrafo, a minha situação financeira continuava difícil, e os meus colegas sugeriram que eu passasse os filmes, que eles arrumariam o local e os clientes para assistir. Concordei e disse que entrava com o projetor e os filmes, e eles mandariam imprimir os ingressos. Para a confecção dos ingressos, perguntaram:
— *Geraldo, o que a gente deve colocar no ingresso?*
— Respondi sem pensar muito:
— *Coloquem Zaniratti Filmes. Afinal Zaniratti é meu nome e Filmes é o que vai ser exibido.*
— Os ingressos foram impressos com os seguintes dizeres: Zaniratti Filmes apresenta só para homens, no Edifício Santa Marta às tantas horas, eu não me lembro... O Edifício Santa Marta tinha um andar inteiro vazio que o zelador concordou em ceder. Por isto, a sessão seria sem cadeiras, em pé mesmo. Um dos meus colegas, aliás um grande amigo já falecido e que não vou revelar o nome, na

mais pura ingenuidade, para vender bastante e me ajudar, colocou o talão de ingressos na vitrina da Casa Bichara, na rua dos Andradas, a casa mais importante de loteria da cidade. Eu tinha um amigo policial e que era delegado, Vitor Menegueti, para quem perguntei se poderia passar este filme só para homens. Mas ele não sabia se era ou não legal exibi-lo, não podia garantir nada. Chegou o dia da sessão. Faltavam mais de três horas para iniciar a sessão, e não paravam de chegar homens de todos os lados, todos os tipos, com carro, táxi, até com motoristas fardados, pessoas da alta sociedade. Comecei a suar frio, nunca imaginei poderia chegar tanta gente assim. Resolvi de forma definitiva não exibir o filme, pois eu não tinha certeza se era permitido ou não exibir aquele tipo de filme só para homens. Então, cancelei. Pedi a um dos meus amigos que trocasse os ingressos pelos dois réis que havíamos cobrado. Eu já não tinha nem levado os filmes, tinha deixado os filmes na loja onde eu também trabalhava, na Casa Bayton, que também distribuía filmes, só que normais, é claro. Eu já estava muito assustado com o fato e com a multidão no local. De repente, chegaram dois camaradas com as entradas na mão, querendo assistir o filme e insistindo. Eu expliquei que não sabia se era ou não permitido passar os filmes e, por este motivo, tinha cancelado a sessão. Em seguida, estas pessoas se apresentaram com a carteira de policiais e me levaram para a Central de Polícia na Duque de Caxias. Naquela época, havia um tal de delegado Muniz que estava com suas atividades sob suspeita e por isso queria mostrar serviço. Mandou então dar uma *batida* na tal exibição. Subi com os dois elementos. Meu amigo e colega do DCT ficou devolvendo o dinheiro para as pessoas que chegavam com os ingressos. Fiquei até quase às 22 horas

com os dois inspetores. Contei tudo para eles.
— *O senhor precisa nos entregar imediatamente os filmes.*
— *Olha, não dá para fazer isto. Os filmes estão na gaveta da minha mesa na loja onde eu trabalho. Imagine, vou ter que tirar o meu patrão da cama para abrir a loja e pegar os filmes. Eu não posso fazer isso ao meu chefe, mas amanhã, na primeira hora, eu entrego os filmes para vocês.*
— Conversamos, e eles resolveram telefonar para o delegado e explicaram:
— *Delegado, o rapaz é um homem casado, tem filhos, trabalha nos telégrafos e, nas horas de folga, ele trabalha no comércio, tem uma pequena distribuidora de filmes. Ele é um virador, não é qualquer elemento. Isto aconteceu por necessidade, mas ele não exibiu os filmes, inclusive estão dentro de uma gaveta em seu trabalho e pretende devolver os filmes pela manhã.*
— O delegado achou justo e me liberou, porém marcou horário para prestar declarações e responder a um processo, além de entregar os filmes. No dia seguinte, entreguei os filmes e pediram que comparecesse à tarde na delegacia de polícia. Algumas perguntas me foram feitas, e a pessoa que estava me interrogando disse:
— *Nós tiramos algumas informações a seu respeito, senhor Geraldo, e, como os filmes não foram exibidos, não vamos abrir nenhum inquérito. O senhor pode ir embora.*
— Fui trabalhar, mas no outro dia, pela manhã, recebi um telefonema da Folha da Tarde, de um elemento que não se identificou, dizendo o seguinte:
— *Geraldo, vem até aqui, na Folha da Tarde, para evitar uma reportagem a teu respeito que não será muito boa.*
— Eu achei que era uma brincadeira, pois os meus

colegas sabiam do que tinha ocorrido, e não fui. A tarde, às 18 horas, no bonde, estavam vendendo a Folha, e vi em letras garrafais escrito, numa página inteira: *Zaniratti Apresenta Pornografia Nua e Crua*. Nesta mesma página, aparece a foto dos inspetores olhando o filme contra a luz e uma reportagem enorme. Cheguei em casa chorando de vergonha, eu tinha que ter ido ao jornal quando me avisaram, mas não fui. Foi um erro.

— *O nome Zaniratti Filmes nasceu assim? Mas como nasceu a Empresa Zaniratti Filmes?*

— As vendas começaram a cair na Casa Bayton, onde trabalhava. A parte de cinema foi a primeira a ser desativada. Ela devolveu os filmes para a distribuidora e produtora. Mudaram para venda de produtos domésticos. Meu lugar não era mais lá, vender ferro elétrico não era para mim. Não tinha mais razões para estar lá. Isto não era o que eu queria fazer. Eu já tinha comprado dois filmes em 16 mm, estava pagando as prestações. Resolvi então continuar no telégrafo e aluguei uma saleta, de 16 m^2, na rua dos Andradas, em cima da Confeitaria Paris, defronte ao Grande Hotel, onde hoje é a Caixa Econômica Federal. Naquela sala, só cabia uma mesa, cadeira e um conjunto de enroladeira para revisão de filme. Fiquei naquele local e coloquei uma placa - Zaniratti Filmes, com letras brancas no fundo preto. Isto foi em 1953.

Os olhos de Geraldo brilharam e neles percebi o mais profundo dos sentimentos. Senti um ar de vitória, de prazer, de conquista como se tivesse vencido a maior das batalhas. Como traduzir um sentimento de um sonho realizado? Como expressar o que percebia nele, ao me dizer:

— Assim nasceu a Zaniratti Filmes.

O cinema é contemporâneo ao automóvel. Ambos são

expressão da tecnologia deste século. Mas foi o cinema que o seduziu. Charles Chaplin, seu ídolo e símbolo de sua empresa, de sua paixão. Se Griffith[6] inovou por ter criado a possibilidade de montagem de um filme, Geraldo e Ironita representaram aqui, a popularização do cinema em Porto Alegre, em nosso estado e para as distantes e pequenas cidades de Santa Catarina e Paraná.

— A Zaniratti não era a única empresa, mas a única empresa brasileira no estado. Os filmes 16 mm foram os primeiros filmes que apareceram em Porto Alegre. Eram filmes de pequena bitola, de onde vem o seu nome. Com essa bitola, é possível a projeção em máquinas pequenas com aproximadamente vinte quilos, de fácil uso, de fácil transporte e com possibilidade de ser ligada em baterias. O filme colocado em carretéis e em maletas de ferro pesava uns sete quilos. Essa bitola de filme servia para pessoas que andavam em pequenas cidades, lugarejos, pequenas vilas pelo interior exibindo filmes. Eles eram chamados de exibidores ambulantes. Existiam aqueles exibidores que ficavam permanentemente numa determinada localidade. Todos esses eram os meus clientes. Os locais de projeção eram os mais variados, como paróquias, salões de clubes, residências, justamente nos locais, onde as opções de lazer eram menores, e a televisão custou muito tempo para chegar. Então, após o horário do telégrafo, eu corria, abria a minha saleta e me sentava ali. Nos arredores, havia muitas distribuidoras cinematográficas grandes, empresas americanas, como a Fox, Paramount, Columbia, Universal, MGM. Fui comprando filmes em prestação havia muitas distribuidoras cinematográficas grandes, empresas

---

6 David Wark Griffith (1875 - 1948) era um norte-americano que introduziu o corte, a montagem e os *"closes"* no cinema.

americanas, como a Fox, Paramount, Columbia, Universal, MGM.
Fui comprando filmes em prestação chegando a ter meia dúzia. Os filmes eram: *Os Milagres do Padre Antônio, A Vida do Padre Dom Bosco, A Vida de Cristo, Sem Mãos a Medir, Barulho no Texas* e *Chandu na Ilha Mágica*. Foi duro o início. Naquela época, fiquei com todos os filmes parados, sem alugar nada para ninguém. O que me sustentava eram os mil cruzeiros dos Correios e Telégrafos.

Detalhes internos do projetor de filme 16 mm, sonoro óptico e magnético, da marca norte-americana Bell & Howell. Década de 1960.

Fiz, então, a velha e tradicional pergunta que qualquer jornalista faria:
— *Chegaste a pensar em desistir?*
— Não, eu sabia que seria difícil. Minha vontade era tão grande que eu estava sempre criando formas de atingir o público. Tive muitos empregados, a maioria bons empregados. Tive um grande prazer em receber em meu escritório visitas ilustres como Ernani Behs, meu amigo,

que, na época, era galã de novela. Muitas vezes ele vinha até minha casa pegar os filmes depois do horário de serviço. Então, a Ironita e a Lídice perguntavam como seriam os próximos capítulos da novela, mas ele nunca contava. Há pouco tempo atrás, ele disse que estava advogando, profissão que seu pai sempre desejou para ele. O curioso é que, certa ocasião, ele fez um comentário contra uma figura pública importante. Então, ele foi chamado no escritório do advogado desta figura pública, e o advogado disse:

— *Por esta razão, vamos processar o senhor,*

— Então, em seu velho e bom estilo, Ernani disse:

— *Olha, este* cursinho *que o senhor fez, eu também tenho. Passe bem.*

— O Serrão Vieira[7], com sua voz, fazia *A Hora Certa da Casa Masson* na rádio. Ele gravou, em seu estúdio, a mensagem em minha primeira secretária eletrônica. Quando mandei pagar, ele respondeu:

— *Diga ao Geraldo que minha voz na casa dele é suficiente pelo meu serviço.*

— Outro que freqüentava meu escritório era Dimas Costa. Ele lutou para se manter. Eu emprestava um projetor e ele passava o filme *Pára, Pedro* em determinados localidades nas proximidades de Camaquã, onde morava. Neste filme, ele era o artista principal e aproveitava a exibição do filme nos *shows* que dava no interior. Aliás, o Dimas era uma artista pouco reconhecido. Foi um tradicionalista, compositor, publicou livros de poesia e chegou a ter um

---

[7] Serrão Vieira (...) "não era um homem de rádio qualquer, Serrão Vieira foi criador dos principais programas humorísticos da antiga Rádio Farroupilha, além de ter o crédito de ser o "pai" do Disque-Piadas". (Fonte: Famecos-PUC-RS) Aposentado, dedicou-se ao seu estúdio profissional de gravações que montou, inicialmente, para fazer propagandas para as lojas Renner. Quando conheci Serrão prestava serviços à Zaniratti Audiovisuais gravando filmes Super 8 mm para fitas VHS.

programa tradicionalista na televisão, *Fogo de Chão*. Ele sempre me convidava para participar das gravações do *Fogo de Chão*. Em 1988, depois de ele insistir muito, eu resolvi ir com minha família. O programa faria uma homenagem aos 100 anos do 18º Batalhão de Infantaria Mecanizado. Chegamos lá e, quando iniciou a gravação da TV, ele convidou toda a família para subir no palco com a família do comandante. Ele fez as homenagens ao Batalhão e, de repente, virou-se para mim e colocou o microfone na minha frente e pediu que contasse algo sobre o cinema. Eu disse que tinha sido o pioneiro na cinematografia do cinema 16 mm e estava sendo o último a apagar as luzes. Ele perguntou sobre os filmes e fui falando sobre as produções brasileiras até chegar no *Pára, Pedro*. Depois da homenagem, houve um carreteiro oferecido pelo Batalhão, para todos os presentes, duzentas pessoas, aproximadamente. Durante o carreteiro, eu disse para o Dimas:

— *Eu já fui assaltado na Zaniratti, Dimas. Um sujeito me colocou uma arma na cabeça e engatilhou, mas hoje, quando colocaste aquele microfone na minha frente, eu confesso que senti mais medo do que se fosse uma arma engatilhada.*

— Outro que conheci em meu escritório foi o Pares. Ele era meu exibidor em Torres, Praia Grande, e, num dia, chegou em meu escritório e disse:

— *Geraldo, eu gosto muito de cinema e gostaria de entrar para a cinematografia.*

— Durante algum tempo, procurei um negócio que pudesse envolver aquele homem silencioso, sempre muito tranqüilo para falar. Descobri um cinema 35 mm em Viamão, perto de uma igreja, que havia fechado e avisei o Pares.

Ele fez negócio e abriu o cinema em 16 mm. Durante um tempo, foi tudo bem, mas o movimento começou a cair e então ele me procurou:

— *Geraldo, acho que não deu certo aquele cinema. Tenho que ser o porteiro, o bilheteiro, o operador do projetor, o cara que limpa o cinema, tudo. Não posso contratar ninguém, pois o cinema não dá o suficiente para contratar alguém.*

— Então, vendo aquela situação, fiz uma sugestão:

— *Pares, tu tens uma profissão, és farmacêutico formado, inteligente. Vem para Porto Alegre e abre uma farmácia na Zona Norte da cidade. É uma região que cresce com uma velocidade espantosa.*

— *Vou pensar nisto, Geraldo.*

— Hoje, ele tem uma farmácia *Flora da Índia,* na Zona Norte, e um laboratório em Cachoeirinha. Sinto-me muito feliz por ter ajudado o meu amigo Pares.

— *E o Antônio Hohlfeldt?*

— Antônio Hohlfeldt é um grande jornalista, sensível ao papel social do cinema 16 mm. Em 1972, publicou no jornal *Correio do Povo* a tese da Zaniratti Filmes para o I Congresso Nacional da Indústria Cinematográfica. Éramos a única empresa de 16 mm do Rio Grande do Sul representada no Congresso e a única exclusivamente de 16 mm do país. A tese, que Antônio ajudou-nos a divulgar, referia-se à necessidade da implantação de políticas distintas entre 35 mm e 16 mm e apoio ao cinema 16 mm como espaço alternativo no campo educacional, recreativo, social e cultural para as populações distantes dos centros urbanos.

A posição da Zaniratti Filmes, aparentemente, contrariava a realidade indiscutível da televisão no Brasil. Afinal, durante o “milagre econômico”, a televisão avançou muito

no país. o Brasil saiu de 9,5% de residências com aparelhos de televisão no fim da década de 1960 para mais de 40% em 1970. Nesta época, a Rede Globo já estava consolidada como expressão da opinião do poder constituído e demonstrava grande relacionamento com detentores do poder. A televisão e o cinema não escaparam das propagandas ufanistas do patriotismo verde-oliva sem sentido e “democraticamente” imposto pela linha dura do Exército no poder.

CORREIO DO POVO

Tese Gaúcha da Zaniratti no Congresso de Cinema

O cinema 16 mm poderia ter desempenhado um papel social e cultural ainda maior se tivesse obtido apoio para chegar em locais de difícil acesso.

— A distribuição de filmes 16 mm era um mundo de contrastes e surpresas como o caso estranho de um funcionário, chamado por todos de Baiano. Ele era muito educado, trabalhador e muito quieto. Depois de três meses, ele sumiu. Um dia chega um sujeito dizendo: “Sou da polícia. Fiquei sabendo que fulano, de alcunha Baiano, trabalha aqui.”

— Sim, mas sumiu faz uns 30 dias.

— O policial procurou o Baiano e não encontrou. Depois, ele foi à minha sala e contou:

— *O senhor deve ter muita atenção, pois este tal de Baiano está condenado a 115 anos de prisão.*

— Outro caso foi meu afilhado, que chamarei de PM. Era vizinho de minha cunhada Beverly e conviveu com meus sobrinhos e filhos na rua Sorocaba. Ele foi ao meu escritório pedir ajuda numa certa época. Estava armado e fugia da polícia por algum crime. Dei uma ajuda para ele. Não sei se conseguiu fugir via rodoviária, porém, depois de algum tempo a Ironita encontrou com ele por acaso, no Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre, baleado, com a mão na barriga.

— *Madrinha... Gritou ele entre dois policiais.*

— Sempre nos tratou com respeito e nem sei por onde anda. Tive muitos funcionários, como o Greco e outros. No DCT, onde trabalhava durante a noite, passava alguns telegramas para os meu amigos, oferecia, para quem comprava, projetores, ia para a rodoviária e anotava o nome de alguns filmes das companhias americanas para oferecer para outros. Caso eles quisessem alugar, eu iria

às companhias e alugaria para sublocar. Até que chegou um funcionário de outra distribuidora, que eu conhecia, dizendo que andava um cigano querendo alugar filmes 16 mm, mas que eu tivesse cuidado, pois ninguém quis alugar, porque tinham medo que o tal cigano levasse os filmes e não devolvesse nunca mais.

— *Olha, Geraldo, ele está vendendo tacho. Não dá filme nenhum para ele, ele é perigoso. Deve estar esperando por um otário para aplicar o golpe.*

— Fiquei alerta. Logo recebi o tal cigano, que carregava os tachos. Pois não, senhor, abordei o sujeito.

— *Quero alugar filmes, tem aí?*

— Olhe esta lista. Tenho mais outros filmes, mas disponíveis são apenas estes seis.

— Mentira, eu só tinha seis. Claro que poderia alugar das companhias americanas e locar para o tal cigano, mas não quis arriscar tanto.

— *Quero complementos também, disse o cigano.*

— Tenho também, não tem problema. Ele ficou lendo a lista.

— *Quero estes três aqui.*

— E apontou para os três melhores filmes. Fiz os meus cálculos de quanto tinham custado os filmes. Fiz de cabeça a soma, quanto paguei para ter cada filme e botei um percentual de lucro em cima.

— Quanto tempo o senhor vai ficar com os filmes?

— *Por um ano, senhor.*

— Fiz a oferta, mas ele não disse que sim, disse apenas:

— *O senhor vai comprar um tacho de mim?*

— Era uma bagatela. Comprei um tacho. Aí ele falou:

— *Eu aceito o negócio.*

— No dia seguinte, ele passou um cheque do valor que eu tinha pedido, menos, é claro, o valor do tacho. Mas era

mais de 16 horas de uma sexta-feira, os bancos já estavam fechados e não tinha como receber o cheque. Lembro muito bem, era o Banco do Distrito Federal, na Praça da Alfândega. Ele me deu o cheque, e fiquei desesperado, pois acreditava ter perdido os filmes e não iria receber nenhum tostão pelo aluguel, que representava cinqüenta por cento de todo o meu capital, pago em anos. Passei um sábado e um domingo em desespero. Na segunda-feira, às 9 horas, pedi ao funcionário que me atendesse, mas tive que aguardar até as 10 horas, que era o horário bancário. Então, fui ao caixa do banco para receber o cheque. Perguntando ao caixa se o cheque era quente, ele o olhou e leu o nome. O funcionário verificava com atenção, pois o valor era muito alto. Naquele momento, eu já pensava estar na miséria, pensava como ia me levantar depois daquele golpe. Dizia para mim mesmo, Geraldo teimoso, porque não ouviste os teus colegas das companhias americanas. Para quem vou pedir dinheiro para terminar de pagar minhas despesas do mês? Numa fração de segundo, eu havia ficado arrasado, mais do que já estava durante todo o fim de semana.

Eu deveria estar pálido, quando o caixa olhou para mim e disse:

— *O senhor Lázaro Stefanoi é um ótimo cliente nosso.*

— Respirei fundo aliviado. O caixa, então, entregou os doze mil cruzeiros. Foi um bom dinheiro. Foi meu primeiro grande negócio. Foi quando viajei para Buenos Aires com minha mulher. Foi uma surpresa, mas acho que não deu muito certo. Foi uma aventura e serviu pouco como férias. Fazia um bom tempo que não proporcionava férias para minha família, nesta época com dois filhos, e a sogra morando conosco. Então, resolvi fazer uma surpresa para a minha mulher. Consegui um colega para tirar o meu

trabalho nos Correios, durante os dias em que estaria fora, pagando o mesmo que eu recebia e fechei minha saleta. Chegando em casa, disse para a minha mulher que tinha comprado uma passagem para Santa Maria. Ela ficou apavorada por não termos dinheiro, dizendo:

— *Como, se estamos numa miséria louca? Tu foste comprar uma passagem para conhecer Santa Maria?*

— Pegamos um trem de banco de madeira. Chegando lá, fomos para um hotel, não gostamos do local. É claro que isso ocorreu há 46 anos atrás. Resolvemos continuar a viagem, então compramos uma passagem para Uruguaiana, novamente de trem. Resolvemos atravessar Libres, mas era exigida carteira de identidade, que Ironita não tinha, então o cobrador do ônibus, que atravessava de Uruguaiana para Libres, disse que conseguiria a carteira para nós. Combinamos continuar. No outro dia, resolvemos seguir viagem e encontramos o mesmo cobrador, que nem a passagem cobrou, pois seu interesse era passar outras coisas, mercadorias em baixo do banco do ônibus. Neste dia, estava a força armada, os militares, na época do Perón, pessoal com armamento. Passamos, pois respeitavam o cobrador do ônibus e fomos nos hospedar em Libres e Porto Uruguai.

Quando fomos revistados pelo guarda da Alfândega, ele fez apenas duas observações:

— *A revista que a senhora está levando não pode entrar na Argentina. Recomendo que não façam nenhum comentário sobre Perón e Evita. Como vocês não conhecem a língua, podem ser mal interpretados, e seus comentários podem ser considerados ofensivos ao nosso governo.*

— A revista a qual o guarda se referia era *O Cruzeiro*. Nem me lembro se falava algo sobre Perón, mas sem

dúvida era uma época em que Getúlio Vargas sofria muitas críticas e Perón tinha uma política muito semelhante à dele.
— Lá, no dia seguinte, continuamos o passeio. Em Porto Uruguai, estavam anunciando passeios, um de vapor para Buenos Aires, e outro de trem para Assunción no Paraguai. Como estava com dinheiro na mão, perguntei para a minha mulher para onde ela queria ir, já que este tipo de passeio nunca tive condições de fazer por falta de dinheiro, e ela preferiu ir para Buenos Aires de vapor. Em Buenos Aires, pedimos para o motorista do táxi nos levar para um hotel modesto. O hotel na frente tinha cortinas, que pensei ser de pano ou outro material leve, mas não, era uma corrente de ferro. Ao arredar, bateu na vitrine, percebi que o dono do restaurante já não gostou muito. Subimos para o quarto. Depois de nos instalarmos, desci para comprar uma galinha de vitrine (galinha assada), porém a galinha estava estragada. Ficamos doentes um dia inteiro, com diarréia. Acho que o cara do restaurante nos deu a galinha estragada por não ter gostado da batida em sua vitrine com as correntes. Melhoramos, e dali fomos de metrô por tudo, e conhecemos muito de Buenos Aires. Voltamos para Libres. Lá, fomos aconselhados a conversar com o pessoal da alfândega, pois tínhamos alguns presentes, e podiam na fiscalização retirar o material. Fomos então até a casa de um dos membros da fiscalização, e dali fomos até a alfândega. Chegando lá, ele arregaçou as mangas e foi trabalhar. Pedimos que o táxi então continuasse, e este fiscal olhou as malas, liberou e pediu uma carona.
Ele sentou no banco da frente do táxi, com a mão para trás, então coloquei um presentinho na sua mão, seguindo viagem. Retornamos, e como ainda tínhamos um

dinheirinho e estávamos muito cansados, resolvemos comprar uma passagem de leito. Entrei na fila e só percebi que havia sido roubado e ficado sem carteira na hora de pagar as passagens de leito e fiquei sem dinheiro até para o lanche. No trem, encontrei um amigo e pedi dinheiro para comprar um lanche para mim e minha mulher. Chegamos então em Porto Alegre. Fizemos uma grande aventura.

Desta vez, eu estava esgotado. O sol já havia sumido. Eu também precisava sumir para refletir sobre tanta informação. O que representava a preocupação do funcionário da alfândega em Passo de los Libres com a revista *O Cruzeiro*? Os EUA solapavam todos os projetos de cunho nacionalista na América Latina. Perón na Argentina, assim como Vargas no Brasil estavam pressionados pelos EUA a pagar suas dívidas e entregar, cada vez mais, a economia nacional. Geraldo e Ironita nem sonhavam que, em breve, Vargas sairia de cena e culparia a pressão norte-americana.

IV

Saí do trabalho correndo. Havia prometido que estaria cedo na casa de Geraldo e Ironita para continuar as gravações. Chegaria atrasado. Por que estava correndo? Entrei no ônibus, logo relembrei o que um dos netos havia escrito. Isto poderia explicar minha pressa. Tiago, filho do Augusto, criado mais distante da família por morar com a mãe Sandra, soube que eu estava escrevendo sobre a vida de Geraldo e Ironita e enviou-me um texto. Nele, contou-me como havia sentido o ano em que estudou no Colégio Dom Bosco, perto da casa dos avós. Nas quintas-feiras, tinha aula pela tarde. Para evitar a volta para sua casa em Cachoeirinha, almoçava com eles. Assim, ele narrou:

— *Toda a quinta-feira, era assim, o neto saía do colégio e fazia o percurso de três ou quatro quadras. Rápido. Muito rápido, a passos decididos, firmes, grandes e ligeiros, não tinha pressa, tinha medo, não gostava muito daquela zona. Quando passava um pouco do meio dia, os avós já se preparavam para abrir a porta. Encontrava o avô, tranqüilo, abrindo o portão e dizendo:*

— *Sempre na hora certa, meu guri.*

— *O neto sorri tímido - era a resposta ao elogio. Já lá dentro, os dois procuravam pela avó que agilizava o almoço. Bruno, o outro neto, já havia almoçado, mas também aguardava a chegada de Tiago. Um poderia estar servindo de modelo para o outro talvez. Sentados à mesa, conversavam sobre coisas que assistiram na TV, leram nos jornais e revistas, falavam da família, sobre o futuro, relembravam coisas do passado, falavam de valores e de ética.*

Não era uma lição dada por professores bem vividos, era

simplesmente uma conversa, uma troca. Tinham o carinho no olhar e dava para sentir a satisfação com que eles recebiam seu neto para almoçar. E toda quinta-feira era assim. Depois do almoço dirigiam-se à sala onde o avô sentava na sua poltrona predileta, que só cedia para seus netos mais novos. Todos os netos, desde pequenos, paravam na frente do avô sentado em sua poltrona e baixavam a cabeça levemente para que o avô pudesse beijar-lhes a cabeça. Então, ele começava a contar as velhas histórias. Ah, como eram boas aquelas histórias! Falava dos seus tempos de guri, das dificuldades que passara durante a vida. As lindas história do cinema, dos filmes de Teixeirinha, e, sempre que contava suas histórias, um sorriso faceiro lhe surgia no rosto. Então, subiam lentamente as escadas, primeiro o neto que travava o vigor dos quinze anos para acompanhar os passos dos avós que subiam logo atrás. Acomodavam-se no quarto, a avó sentada na cama, o avô em uma poltrona próxima à cama, e o neto em outra mais ao lado, todos atentos ao que a tevê matraqueava. Havia tempo até que a hora de ir embora chegasse, e aquela hora de descanso tinha seu valor. Não foram poucas as vezes em que o neto olhou para o lado e percebeu que estava falando sozinho. Tudo bem, era a sesta da tarde. Chato era quando ele tinha que acordar os avós para avisar que tinha de ir embora, pois a tarde começava e teria que voltar para o colégio. Era desagradável destruir o tranqüilo sono daquele casal. Despedia-se da avó com um beijo, ouvia suas recomendações de zelo, e descia as escadas com o avô, que lhe abria a porta, recebia um abraço e ouvia um tímido agradecimento ao qual recebia sempre a mesma resposta: não quero que me agradeça, quero que apareça aqui na quinta-feira que vem.

Poderia ser isto mesmo, eu estava com medo de contrariar a pontualidade mais do que britânica. Aliás, o único costume de tradição inglesa naquela casa. Ali, as coisas que lembrassem os americanos do norte nunca foram bem vindas, mas isso é outra história.

— *Saí tarde do trabalho — já me explicando.*

— *Com chuva é assim mesmo — amenizou Geraldo.*

Aproveitei a subida da escada de mármore para ligar o gravador e perguntei:

— *Tenho apenas um emprego e já me dá muito trabalho. Tiveste poucos empregos, não é, Geraldo?*

— É verdade, foram poucos. Era guri quando tive meu primeiro emprego. Decepcionado com a falta de consideração de meu patrão, abandonei o emprego e saí para procurar novo emprego. Logo lembrei-me de uma empresa que tinha perto de onde trabalhava. Nas imediações, havia uma chapelaria, *A Capital*, próxima do cinema Carlos Gomes, ao lado da Igreja do Rosário. Todos os dias que eu passava com os produtos farmacêuticos, o proprietário, senhor Laitano, dizia:

— *Oh guri, quando não quiseres mais trabalhar para essa firma, vem trabalhar aqui.*

— E foi o que fiz. No dia seguinte, fui até a chapelaria *A Capital*, e disse para o senhor Laitano:

— *Eu vim trabalhar aqui.*

— Ele ficou surpreso.

— *Então, pega um pano e inicia com a limpeza da vitrine.*

— Fiquei feliz, não levei 24 horas para achar um novo emprego. Estava limpando a vitrine e vi que o meu ex-patrão estava caminhando em frente da chapelaria, me olhando. Fiz que não percebi e continuei limpando a vitrine. Claro, eu havia abandonado o trabalho e ele nem sabia porquê. Ele continuou a sua caminhada. Passaram-

se alguns dias, a minha irmã insistia para que eu fosse receber o meu ordenado, mas eu não queria ver aquela gente. A minha irmã, por estarmos em uma situação financeira desesperadora, resolveu ir até lá.

— *Sou a irmã do Geraldo.*

— *O senhor Geraldo sumiu mesmo. Ele passa bem?*

— Então, minha irmã contou a história.

— *Mas o senhor Geraldo deveria ter conversado comigo. Eu teria solicitado um aumento para ele — disse a secretária do patrão.*

— *É, mas ele não voltará mais, nem para receber o que tem direito. Ele prefere perder o pagamento do que vir até aqui. A partir desta data, não contem mais com ele, respondeu minha irmã.*

— Continuei o meu trabalho com o senhor Laitano, na chapelaria *A Capital*. Após algum tempo, ele abriu outra filial, na Rua de Bragança, da qual fui tomar conta. O senhor Laitano não ficava o dia inteiro comigo, ele ficava na matriz. Eu trabalhava com um guri. Em alguma horas do dia, principalmente no final, ele aparecia. Num determinado dia, no horário do meio dia, ele inventou de comprar um carro, um fordinho antigo. Lembro que ele ficou muito faceiro, agitado, ansioso. No dia seguinte, ele veio de carro novo. Faltando dois minutos para o meio dia, eu disse, como sempre:

— *Senhor Laitano, vou preparar o fechamento.*

— O senhor Laitano disse:

— *Deixa para mim, meu guri. Hoje eu fecho a loja, pois estou de carro e logo estarei em casa. Pode ir.*

— *Sim, senhor, respondi e fui embora.*

— Almocei descansadamente. Quando retornei às 14 horas, a casa estava aberta, e o carro não estava mais no local. Emocionado com o carro, acabou saindo e não

fechando a loja. Imagina que realmente eram outros tempos, pois a casa ficou aberta das 12 às 14 horas, e, se algum cliente entrou para comprar algo, não sendo atendido, deve ter saído e nada foi mexido.
— Na chapelaria, não tinha hora para fechar, só tinha hora para entrar. Então, eu fechava a loja depois de terminar a sessão do cinema Carlos Gomes. Nós esperávamos ainda um pouco, porque poderia aparecer alguém interessado em comprar. Nesta época, eu era solteiro e depois de fechar a loja, saia de motocicleta, às vezes, bem acompanhado. Tinha uma mania: anotar o nome das meninas que eu carregava na garupa, chegando a ter um lista com 32 nomes.
— *Mas o meu nunca esteve nesta lista, disse Ironita.*
— É verdade. O único nome que eu não anotei foi da minha namorada que hoje é minha mulher, pois ela nunca andou na motocicleta. Trabalhei na chapelaria por quatro anos, como balconista e uma espécie de gerente.
E ajudavas com as despesas na casa de teus pais?
— Sempre, eu garantia parte das despesas, nada mais que minha obrigação. Lembro de um fato muito triste, um dos mais dramáticos de minha vida, por ser muito jovem e ter pouca estrutura para suportar. Ao receber o primeiro e o segundo ordenados do meu primeiro emprego, que era 75 mil réis, contratei serviço de energia elétrica, e minha casa passou a ter uma lâmpada em cada peça. Nós morávamos em casa de aluguel, assim a minha irmã, que queria muito ser professora, começou a estudar com luz elétrica e minha mãe, que fazia os coletes para meu primo Luiz Cunha, alfaiate, passou a ter mais conforto. Isto para mim era muito importante. Eu deveria ter uns quatorze anos. Andava trabalhando muito e acabei esquecendo de pagar a conta da luz. Um guri, simplesmente um guri,

perto de fazer 15 anos. Chegou dezembro, época de festa. Quem tinha luz em casa fazia questão de mostrar. Chego em casa, depois do trabalho, no dia 24 de dezembro, e não havia energia em minha casa.

— *Suely, faltou luz?*

— *Geraldo, os homens vieram cortar, disseram que não havia sido pago.*

— Aquilo me matou muitas vezes por dentro. O dia foi escurecendo, e eu ficava cada vez mais arrasado. Chegou a noite de Natal e estava arrasado, triste. As lágrimas foram de dor e raiva. A falta de responsabilidade era só minha. Eu era só um guri e aqueles estrangeiros insensíveis não foram capazes de esperar o Natal para cortarem a minha luz. Seria o primeiro ano que teria luz em minha casa. Por estas e por outras que este país já viveu, que eu odeio os americanos. Bem que fez o Brizola, que estatizou e o Olívio, que não vendeu.

— *E depois da chapelaria?*

— Numa determinada época, fui convidado para trabalhar em outra casa, a *Camisaria Aliança*. O senhor Laitano não era mais o proprietário da chapelaria. Fizeram-me uma proposta bem melhor e fui trabalhar na *Camisaria Aliança* com um salário dobrado e com responsabilidade de gerência sobre os demais empregados. No meu primeiro dia no novo emprego, o patrão, Homero Lopes, um dos proprietários da camisaria, fez um discurso à noite para todos os funcionários, despedindo-se porque estava abrindo a *Loja Homero Camiseiro*, mas que contava comigo na firma, com o meu progresso e esperava que chegasse onde ele chegou. Fiquei com responsabilidade, como gerente, e assim fui levando.

— Eram três os proprietários: Jandir Silvério, que gerenciava a filial da Marechal Floriano; P. M. Araújo, que

gerenciava a filial da Andradas, e Homero que estava saindo. Eu, sem ser sócio, passaria a gerenciar a filial da Otávio Rocha.

— Eu estudava no Colégio Anchieta à noite, depois de sair da *Camisaria Aliança*. No final do expediente, eu saía correndo e ia para o colégio. Chegando lá, cansado, muitas vezes cochilava na cadeira de aula. Muitas vezes, era acordado por colega ou até pelos professores. Num determinada noite, eles resolveram não me acordar por brincadeira, saíram em silêncio e me deixaram sozinho. Quando acordei, já não havia quase mais ninguém. Saí da sala, que ficava no fundo do corredor. Ao passar por um dos corredores, percebi que estava acontecendo um princípio de incêndio em uma sala vazia. Os mapas que estavam junto da lata de lixo estavam pegando fogo. Acredito que alguém jogou ponta de cigarro e pegou fogo. Eu fiz o alarme e algumas pessoas e os poucos alunos que estavam próximos ajudaram com baldes de água. Desta forma, foi possível apagar o incêndio, sem chamar os bombeiros. Mas eu era bem aceito, tanto entre meus colegas de aula como em meus empregos. Tinha meus defeitos, a respeito dos quais o patrão Jandir, certa vez, foi muito claro:

— *O senhor é muito bom funcionário; entretanto, o senhor é uma pessoa muito triste para atender no balcão.*

— Concordei com ele. De fato, sou uma pessoa de semblante triste, embora não seja uma pessoa triste. Ele era professor de balcão em uma instituição comercial daquela época. Não era meu único problema, com certeza. Eu fazia o Tiro de Guerra, depois do trabalho. Como não era todos os dias, não atrapalhava muito o colégio. O Tiro de Guerra 318, na Praça Parobé, era uma opção para ter a carteira de reservista, sem passar pelo

serviço militar regular. Como eu precisava trabalhar, esta foi minha alternativa. Depois de quase um ano, chegou o dia do meu exame, estava presente um general do Rio de Janeiro. O tiro ao alvo era o exame final e foi feito em Teresópolis. Eles faziam uma trincheira e atiravam no alvo.

— Cada um recebia um pente com cinco balas. Havia um elemento que estava atrás do alvo com uma bandeira, sinalizando quantos tiros cada um acertava, sendo que o máximo era cinco tiros. Chegou a minha vez, estava no meio de um grupo de outros que prestavam exame. Foi muito engraçado. Meu colega acertou dez tiros, e eu, nenhum, mas ele só tinha cinco tiros. Eu havia acertado no alvo do colega, acreditando na ser o meu.

Acampamento no Tiro de Guerra

Geraldo e um colega com uniforme do Tiro de Guerra.

O General me reprovou.

— *Sr. Geraldo, o senhor está reprovado e deve procurar um oculista imediatamente.*

— Realmente, quando eu assistia aos filmes, tinha que sentar bem frente, para ver melhor.

Procurei, então, um oculista. Para ter carteira de reservista tive que repetir o Tiro de Guerra por mais um ano. No mesmo dia em que recebi os óculos, fui ao cinema e sentei no último banco. Foi uma maravilha. Depois de 60 anos, fiz uma cirurgia de catarata em um dos olhos e senti a mesma emoção. Bem, no ano seguinte, tirei novamente o Tiro de Guerra. Lembro de uma noite em que havia um dos exercícios que era uma marcha do cais do porto até Tristeza ou Ipanema. Nem sempre saía na hora. Saí tarde do trabalho, naquela noite, correndo para pegar a arma. O pelotão já havia saído. Fiquei desesperado, não podia ser reprovado novamente. Fiz uma coisa que eu nunca imaginei que pudesse fazer. Subi até o local onde eram

guardadas as armas. Por sorte estava aberto, e retirei a minha arma. Eu sabia que o pelotão iria pelo Menino Deus. Discretamente, fui para o abrigo, como se fosse possível ser discreto com aquele enorme fuzil de guerra. Quando chegou o bonde, entrei e fui para a porta de trás em pé, com o fuzil ao lado. O bonde tocou e logo avistei o pelotão. Fiz sinal para o motorneiro e me atirei no primeiro pelotão que eu vi. Fui caminhando e coloquei-me em meu lugar. Parece que Deus me ajudou, pois só quem ficou sabendo foram os meus colegas. Foi uma aventura muito grande. Não foi fácil também gerenciar pessoas. Aquele emprego eu encarei como uma grande escola, que nunca tive condições de cursar. E, se tivesse cursado, aprenderia tudo isto? Não sei. Lembro-me de um funcionário que não gostava de trabalhar naquele ramo, não gostava do balcão. O balcão é muito difícil mesmo.

Ele tinha uma voz muito bonita, tipo locutor, bonita mesmo. Quando não havia muita gente na loja, ele ia para o telefone. Ligava para qualquer número e dizia para quem atendesse:

— *Tome Urudonal...*

— Havia uma promoção na Rádio Difusora. Quem respondesse corretamente ganhava um brinde. A pessoa do outro lado deveria dizer: “e viva contente”. Se a pessoa respondesse corretamente, ele dizia:

— *Parabéns, você ganhou um brinde. Compareça na Rádio Difusora e venha retirá-lo.*

— Se a pessoa não soubesse responder corretamente ele dizia:

— *Você acabou de perder um brinde da Rádio Difusora.*

— Eu percebia isto, mas ficava calado. Afinal, o que ele gostava mesmo era da locução e não do balcão. Que bom que ele estava descobrindo o gosto por uma atividade tão

importante. Num destes dias, entrou na loja uma senhora com duas crianças. Ela pediu a ele uma roupa de marinheiro para seu filho de nove anos. Ele procurou e não achou o tamanho desejado e disse para a senhora que não tinha. A senhora saiu e foi em outra loja, filial da nossa, na Marechal Floriano, onde o gerente era o próprio patrão, o senhor Jandir. Para seu azar, a senhora chegou ao balcão, e o próprio patrão foi atender.

— *Senhora?*

— *Eu quero uma roupinha de marinheiro para meu filho de nove anos.*

— O patrão procurou e não achou, então ligou para mim.

— *Geraldo, tens aí uma roupa de marinheiro para nove anos de idade?*

— Procurei e encontrei a roupa.

— *Senhor Jandir, tem sim.*

— *Então, tá, Geraldo. Manda alguém trazer até aqui.*

— Eu não sabia o que havia acontecido. Era um procedimento comum e logo mandei levar lá. Minutos depois, ele me ligou novamente.

— *Geraldo, pergunta para os teus funcionários qual deles atendeu uma senhora com duas crianças que procurava uma roupa de marinheiro.*

— Então, perguntei, e o Rubens Wagner disse ter sido ele. Voltei ao telefone e informei o senhor Jandir, que, sem pensar, disse:

— *Geraldo, podes dispensá-lo, já não trabalha mais conosco.*

— Não tinha como não fazê-lo, demiti.

— Pouco mais de um mês depois, eu passava na Praça Parobé, onde tinha um ponto de divulgação com cornetas enormes por toda a praça que fazia propaganda, tipo uma rádio ao ar livre. Notei que conhecia aquela voz, acho que

era a voz do Rubens Wagner. Acredito que seja o mesmo que trabalhou na Rádio Gaúcha e, recentemente, escreveu um livro sobre os radialistas do passado. Fico feliz com o sucesso dele. Os anos foram se passando. Os donos da *Camisaria Aliança* eram muito enérgicos. Uma de minhas atribuições como gerente, aos 18 anos de idade, era escalar os funcionários para hora extra. Mas havia um dos funcionários que eu nunca escalava para limpeza e organização das vitrines à noite. Eu sabia que aquele jovem era doente, por este motivo eu evitava colocá-lo em tarefas fora do horário normal. O patrão Jandir, certa ocasião, questionou:

— *Geraldo, porque não escalas este funcionário aqui? Nunca o vejo na lista...*

— *Senhor Jandir, acho que ele é doente, parece ser alguém muito doente do pulmão, parece bastante frágil mesmo.*

— Porém, os patrões não se interessavam por esses problemas, não aceitavam este tipo de desculpa.

— *Se é doente, não deveria trabalhar, condenou o patrão com olhar questionador.*

— *Mas, senhor Jandir...*

— Fiquei pensando como alguém assim poderia se sustentar sem trabalhar. Essa é uma daquelas perguntas que nasce dentro das pessoas e que não se pode fazer em voz alta.

— *Geraldo, quem está aqui tem que trabalhar, diziam. Nas próximas noites o senhor o escale para hora extra.*

— Como gerente, não havia mais ponderação a fazer, deveria executar a vontade do patrão ou ir embora. Passei a escalar o tal funcionário, que depois de umas duas semanas começou a faltar. Quando ficou sem vir três dias, comuniquei o fato ao patrão.

— *Senhor, o fulano não tem vindo trabalhar já faz três dias.*
— *Então, desconte os dias.*
— Fiz isto, mas, inconformado, pedi a um outro funcionário que fosse à casa do faltoso.
A forma de administrar funcionários, para Geraldo, intuitivamente, deveria ser outra, ele também queria ser tratado de forma diferente. Aos dezoito anos, percebia mais que o trivial, mais que o lógico, mais que a obrigação. Considerar as diferenças era obrigação de quem gerencia seres humanos.
— No dia seguinte, fiquei sabendo. A casa dele era um barraco, ele estava banhado em sangue. Teve uma hemorragia, estava morto. Eu não gostava da forma como meus três patrões tratavam os empregados. Naquele dia, fiz um juramento para mim mesmo:
— *Eu vou casar, porém, não quero receber ordem de patrão, principalmente de patrão violento e duro. Vou me estabelecer.*
— O meu noivado com Ironita foi o ponto de partida para iniciar uma parte de meu sonho: ser o dono de meu negócio. Falei com meu chefe, enquanto fazia a vitrine da camisaria. Era a primavera de 1942.
— *A partir de 20 de outubro, não vou continuar trabalhando aqui. Vou me estabelecer.*
— *Olha, Geraldo, terás um grande futuro. Podemos te dar uma casa para morar e outras facilidades.*
— O patrão fez várias promessas, porém, como tinha jurado para mim mesmo, não aceitei nada. De repente, no meio daquelas promessas, não sei o motivo, a vitrine se desmanchou, caiu tudo que tinha feito. Eram mais de 23 horas. No dia seguinte tive que refazer toda a vitrine. Trabalhei alguns anos nesta camisaria, mas, como

gerente, nunca fui convidado para tomar um cafezinho com qualquer dos patrões. Nunca me convidaram. É verdade que até preferia que não me convidassem para não ficar constrangido. Eles saíam com os representantes, mas comigo nunca aconteceu. Porém, depois desta data, depois de pedir demissão, era convidado diariamente para tomar cafezinho, tomar um chope no Chalé da Praça XV. Tudo para fazer propostas para que desistisse da demissão. Não aceitei, e fui me estabelecer.

— Consegui um alfaiate que precisava de um sócio, com pouco dinheiro, e vi, nesta oportunidade, a possibilidade de cumprir o juramento e Então, nasceu a *Alfaiataria Arbiter*. Durante cinco anos, tive esta alfaiataria na Av. Eduardo Chartier. Não fui bem, o crediário não deu certo. Não perdi e também não me arrependo, pois, neste tempo, casei e sustentava a família com o meu trabalho. Perdi tudo, para pagar as dívidas que tinha com os bancos. Saí com uma mão na frente outra atrás, sem emprego e dinheiro. Estava desempregado. Havia fechado a minha loja de roupas, a alfaiataria. Mesmo assim, continuei pagando o IAPI, e, em função disso, recebi uma casa na Vila do IAPI, onde moro até hoje, desde 1948, com uma prestação de 230 réis por mês. Minha situação financeira era muito grave. Precisava sustentar a família. Cheguei a tirar a roupa do corpo para vender e pagar a quem devia. Cobrava de meus credores e não conseguia receber quase nada. Eu recebia até bicicleta como pagamento, e depois vendia. Era tão grave minha situação, que fui até a pensão onde morava um sujeito que me devia uma roupa feita na alfaiataria. Cheguei lá e o encontrei no quarto, dormindo só de cuecas. Fui até o guarda-roupa, vi a peça que havia feito e da qual ele não havia pago nenhuma prestação.

Não tive dúvidas, tirei a roupa do armário, levei e vendi. Se ele estiver vivo, através deste livro, ele saberá que fui eu quem pegou.

— Nesta época, 1947, fui procurado pelo Nelson Mesquita. Eu o conhecia por ele ter alugado alguns filmes para passar em sua casa. Ele ficou sabendo do meu desemprego. O Mesquita era funcionário da Departamento dos Correios e Telégrafos - DCT, chefe da transmissora, localizada na zona norte - emitia e retransmitia os telegramas de Porto Alegre para qualquer lugar.

— *Geraldo, te inscreve para a vaga que tem nos Correios e Telégrafos.*

— *Mas, Mesquita, eu não sei nada sobre isto.*

— *Não tem importância. Faz assim: tudo que te perguntarem e tu não souberes fazer, diz que sabes. E pronto.*

— *E depois?*

— *Depois, deixa que eu te ensino a olhar os ponteiros.*

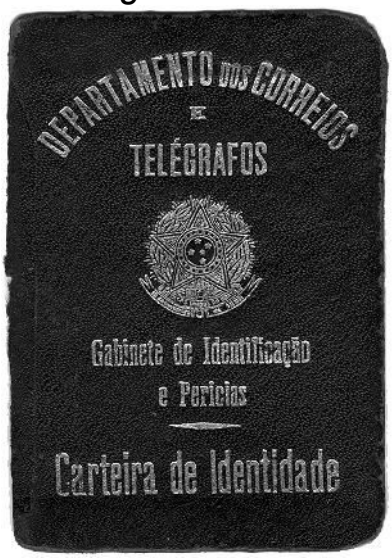
— Assim fiz e acabei entrando no DCT. Veio uma proposta para trabalhar na Mesbla. O emprego era para cuidar da filmoteca. Pedi para trabalhar à noite no DCT, assim poderia trabalhar na Mesbla durante o dia. A Mesbla não aceitou porque não era permitido trabalhar em dois locais. Procurei a Casa Bayton, expliquei que precisava trabalhar no DCT no turno da noite e poderia trabalhar durante o dia lá e deu certo, fui aceito. Ganhava Cr$ 1.000,00 no DCT e na Casa Bayton ganhava Cr$ 500,00. Estava bom, mas, nos bons tempos da alfaiataria, eu faturava três vezes mais. Foi mais uma vez um fracasso, uma dificuldade para sustentar a família. Passei dificuldades. Um dia, a minha esposa, Ironita, pediu que, quando eu saísse de casa pela manhã, comprasse um remédio para a minha filha Lídice. Era uma época muito

ruim da minha vida, ela tinha cinco ou seis anos. Ela disse:
— *Eu preciso deste remédio até a noite, pois ela tem que tomar ainda hoje, disse o médico. Tem que ser quando tu voltares do Telégrafo.*
— Era um remédio muito caro. Fui trabalhar. Eu ficava sozinho na minha repartição, cuidava de tudo. Quanto ao remédio, não sabia o que fazer. Bem perto, havia uma farmácia na rua da Praia, que fechava perto da meia noite, horário em que eu saía. Fui tomar um cafezinho no bar que havia no próprio Telégrafo e percebi que o dono estava precisando de troco. Então, tive uma idéia. Quando saiu o último freguês, eu disse ao dono do bar:
— *Escuta, precisas de troco? Na minha zona, seria possível conseguir bastante. Eu troco.*
— *Ótimo, Geraldo, estou atrapalhado sem troco.*
— Entregou-me uma nota graúda, e eu saí. Não pensei em outra coisa, entrei na farmácia e comprei o remédio. Acordei Ironita, para ela dar o remédio para a nossa filha. Porém, no dia seguinte, não era o dia de trabalho no DCT, era folga. Peguei o resto do dinheiro e fui trocando, com compra de balas. Mas não consegui juntar o valor total. Eu já trabalhava também na Casa Bayton e, no fim do trabalho, fui para casa, peguei um bibelô da minha esposa e o vendi no armazém da esquina. Assim, completei a importância que o dono do bar tinha me dado para fazer troco. No dia seguinte, ao meio dia, entreguei todo o troco, e ele ficou muito feliz e me perguntou:
— *Geraldo, aceitas tomar alguma coisa?*
— Claro que aceitei, só tinha dinheiro para voltar para casa.
— *Quero café, pão e manteiga.*
— Este foi o meu almoço e café da tarde, e estava feliz por ter conseguido comprar o remédio.

— *E como ficou no DCT?*
— Não entendia nada dos equipamentos que lá estavam, mas fui procurando aprender, fui levando durante alguns anos, tendo passado a emitir fonogramas, mais tarde. Ao mesmo tempo, como fazia este trabalho durante a noite, mantinha meu pequeno escritório da distribuidora aberto. Tenho uma enorme gratidão pelo Nelson Mesquita.
Ele me proporcionou este emprego que evitou que, quem sabe, fizesse alguma bobagem. Eu tinha era muita sorte. Certa época, fui designado para cuidar de motores com corrente continuada na parte de teletipo e para fazer plantão. Num determinado dia, parou tudo, e todos os telegrafistas ficaram parados. Vi que os motores pararam e não sabia o que fazer. Além de não saber nada, não tinha nenhum técnico, porque era madrugada de inverno. Os colegas foram para o local das máquinas olhar o que eu iria fazer. Acho que Deus me guiou. Peguei uma caneta, por medo de levar choque, e coloquei num determinado lugar para empurrar um botão que comandava o carvão das máquinas. E não é que consegui fazer funcionar? Só Deus para me ajudar. Fui em direção dos funcionários perguntando:
— *O que estão fazendo aí? Está tudo funcionando. Podem voltar ao voltar ao trabalho.*
— Acredito que me acharam um grande técnico, fiz tudo funcionar em minutos. Uma vez um técnico avisou-me que, durante temporais, deveria evitar de falar ao telefone, porque pode ocorrer a queda de algum cabo de alta tensão sobre os nossos cabos e poderia dar um curto. Para mim, aquilo era sagrado, eu não sabia nada mesmo. Então, chegou um dia de temporal, um grande temporal. Começaram a sair enormes labaredas dos teletipos, e o pessoal a correr. Na sala em que havia 55 telegrafistas, de

repente, fiquei sozinho. Estava desesperado. O telefone tocou, atendi, louco de medo:

— *Aqui é da CEEE, ocorreu a queda de um poste de alta tensão nos cabos do telégrafo.*



Identidade de Geraldo no DCT

Avisarei quando a situação estiver normalizada e pronta para vocês iniciarem o conserto.

— Obrigado, respondi, e fiquei aguardando notícias. Perto da 1h da manhã, a CEEE informou que já era possível iniciar o conserto dos equipamentos. Corri à residência dos técnicos para avisá-los sobre o acontecido e pedi que fossem pela manhã, bem cedo, realizar o conserto dos equipamentos. Tive muita sorte, mais uma vez, muita sorte. Quando estava designado para a área de transmissão, que fica hoje num mato próximo da Av. Sertório, Vila Floresta, ocorreu a mesma coisa, começou a sair faísca por tudo e resolvi desligar a chave geral. Isto significou o isolamento de Porto Alegre do resto do Brasil, a comunicação para todo o Brasil ficou totalmente nula. Um grande amigo, então meu chefe no DCT, hoje pai de um técnico de futebol, ligou questionando:

— *O que houve aí, Geraldo?*
— *Olha, começou a sair fogo, faísca de tudo que é canto aqui, aí desliguei tudo.*
— *Bem, para evitar problemas contigo, faça um relatório explicando tudo.*
— *Certo, respondi sem saber o que colocar no tal relatório.*
— No dia seguinte, fui pessoalmente explicar o ocorrido na noite anterior. Dias depois, recebi um comunicado, elogiando a minha atitude, por ter poupado a transmissora, que poderia ter explodido. Esta foi outra que veio do céu.
— Eu recebia muitas visitas trabalhando no DCT. Foi então que um cinegrafista castelhano apareceu:
— *Olha, estou filmando empresas, fábricas do interior e necessito de uma espécie de tradutor, pois só falo espanhol e preciso de ajuda para conversar com os empresários para vender os documentários que pretendo fazer.*
— Até que ele falava muito bem. Acabei indo. Vinha no mesmo dia. Foi quando, pela primeira vez, estive em Caxias. Ele filmou a inauguração da Rádio de Caxias do Sul e também uma fábrica. Quando foi filmar mais uma empresa, ele disse que iria colocar mais filme virgem na câmera de 35 mm.
Ele foi para uma salinha ao lado e, pela porta entreaberta, observei que ele não tinha colocado filme nenhum na filmadora. Percebi logo que era tudo pura vigarice. Voltei para Porto Alegre e não quis saber dele, não soube mais da vida do castelhano.
— Chegou uma época em que o DCT me atrapalhava. Tirava o tempo que era necessário para a Zaniratti Filmes. Foi uma época em que era possível um outro empregado realizar o trabalho de um terceiro. Então, pedi ao Greco,

que entendia muito mais do assunto, que fizesse o trabalho dele e cobrisse o meu plantão. A isto se chamava *gronga*. Repassava a ele todo o meu salário do DCT. Na época de Jânio Quadros, a *gronga* não foi mais permitida. Então, pedi uma licença por seis meses sem vencimentos. Voltei e pedi mais seis meses, sem vencimentos, e me foi concedida em quadro de aviso da repartição. Fui lá e fiz cópia. Porém, descobri mais tarde que o aviso foi trocado no dia seguinte, negando a segunda licença. Como não fiquei sabendo, continuei em licença. O DCT continuou depositando meu salário mensalmente na conta, pois, para eles, eu não estava de licença. Quando terminou minha licença, a Zaniratti Filmes ia muito bem, e o Greco estava aposentado. Então, chamei o Greco para trabalhar para mim e pedi exoneração. Foi quando um colega avisou-me que havia um comunicado oficial de "abandono de emprego" e uma convocação para dirigir-me ao advogado do DCT. Esse advogado informou-me que havia também um processo por roubo. Afinal, o DCT havia depositado o meu salário.

— *Doutor, o que devo fazer?*

— *Procure um advogado.*

— *O senhor pode indicar algum?*

— *Claro, vá até este endereço aqui. Ele é muito bom.*

— Fui. Cheguei lá no dia seguinte e a secretária levou-me até a sala do tal advogado. Fiquei espantado, era o próprio.

— *Não se preocupe, aqui vou defendê-lo.*

— Durante dois anos, gastei bastante até que provei que não tinha recebido salário do DCT, via extrato bancário. Depois, então, saiu minha exoneração.

Imaginava que todas aquelas dificuldades foram enfrentadas por mais alguém. Sabia que naquela história

tinha um caso de amor à primeira vista, que começava mais ou menos assim: uma tarde de sol, mas era frio. O calor do olhar de Geraldo ao encontrar o rosto de 13 anos de Ironita aqueceu o dia.

— *E Ironita? Quando ela entra em cena? Quando começou o namoro?*

— Foi a Suely que me mostrou a Ironita. Estava caminhando na Rua Coronel Neves, no Bairro da Glória. Vinha caminhando com a minha irmã, ela mostrou uma menina que era nossa vizinha, toda de preto.

— *Esta, Geraldo, é a menina que perdeu o pai recentemente. Foi assassinado por um carroceiro, lembras?*

Segundo um jornal da época, na rua Marcílio Dias, defronte ao número 711, onde morava o Dr. Menna Barreto Mattos, que saía de casa no momento e acabou testemunhando o crime, o carroceiro Sebastião dos Santos, com sua carroça, quase atropelou Dorval que ia para o trabalho. Dorval era vidraceiro, operário da Secretaria de Obras e Viação Pública e seria efetivado no mês seguinte. Além de quase atropelar Dorval, declarou Menna Barreto, Sebastião dirigiu-se ao transeunte e gritou:

— *Bem se vê que é um judeu...*

Lydia e Ironita, em 1939.

Naquele momento, iniciou-se uma discussão, até que Sebastião saltou da carroça com o relho em mãos, e a discussão transformou-se em luta corporal. Dorval conseguiu retirar o relho da mão de Sebastião, e Menna Barreto tentou separar a briga com a ajuda de Alberto Grandi, mas não conseguiu, dirigindo-se, então a um guarda para pedir ajuda. Neste momento, Sebastião, já sem o relho, sacou uma faca de seu cinto e atingiu a carótida de Dorval. Menna Barreto apontou o criminoso para o guarda, Benjamin Pinheiro de Castro, que prendeu Sebastião em flagrante, ainda com a arma do crime na mão. Foi uma briga de rua sem sentido, acabando com a vida de um chefe de família que deixou três filhos sem recursos para sobreviver. Entre eles, Ironita com 13 anos. Um fato em centenas, mas revelador do preconceito que os israelitas já sofriam também aqui, no final da década de 1930, às vésperas da Segunda Grande Guerra.

Para Geraldo, Ironita era apenas uma linda menina que mexeu com seu coração.

— Alguns dias após, comprei umas balas de guaco, que era a bala mais barata e ofereci para ela, no portão da sua casa. E a partir dali, iniciou um namoro. Em seguida, ela

começou a trabalhar na Loja Sloper, para ajudar a família.

Clara, Edi e Ironita, no balcão da Casa Sloper na rua dos Andradas - 1943.

— Algum tempo depois, com 22 anos, já estava noivo, pretendendo casar.

— Quando namorava Ironita, ela morava na Av. Protásio Alves, n.º 1914, em casas de parentes que ampararam a Lydia, agora viúva.

Depois de noivo, já com a *Arbiter*, eu levava o conjunto vocal *Garotos Endiabrados* para a casa da Ironita e lá eles cantavam durante muitas horas. Os cinco componentes eram meus amigos e um deles foi meu padrinho de casamento.

Os Garotos Endiabrados como propaganda da Alfaiataria Arbiter - 1945. Fotografia de Sioma.

— Entre o namoro e o noivado, além de trabalhar na *Arbiter*, era também remador do Clube União. Treinávamos quase todos os dias. Nós treinávamos às

seis horas da manhã. O nosso timoneiro era o que dava as *dicas*, ele era um *achacador*[8], *mordia* o nosso pessoal, pedia dinheiro e, para animar a todos, elogiava muito a nossa guarnição dizendo que era uma grande guarnição e que o horário em que treinávamos era para ganhar o campeonato. Sempre treinando com ele e sempre nos *achacando*. Ele pedia valores não muito altos, mas o que mais era *achacado* era eu. Eu era o único que tinha uma loja. A nossa guarnição foi tachada de *Guarnição Fantasma*, porque o horário em que nós treinávamos não era o verdadeiro, por isto o apelido. No dia da participação do campeonato, convidei a minha noiva, a futura sogra, Lydia, e parentes para irem até o Cais do Porto e assistir o campeonato, ou seja, corrida entre oito clubes, União, Guaíba, e outros.

Lydia foi muito importante na vida das filhas e do filho. Observei que havia uma espécie de lembrancinha no cinema de Geraldo que dizia assim:

Eu existo, vivo.
Rodeada pelo calor humano,
E pela amizade de muitos corações,
Que me querem bem
A todos muito Obrigada.
Lydia 02/05/1996

Foi ela que escreveu esta lembrança?

— Sim, quando completou 93 anos. Ela tem uma saúde e lucidez fantásticas, ainda hoje, aos 96 anos de idade. Mas, como dizia antes, foi dado o tiro de largada para os barcos, e a distância era grande. E lá fomos nós. Tiramos o penúltimo lugar, porque a equipe que ficou em último tinha um homem a menos. Foi apenas achacação do

---

8 Expressão usada para designar a pessoa que engana, sistematicamente, fazendo falsos elogios, *"puxa o saco"* e em troca pede algo aos amigos, dinheiro, favores e etc.

timoneiro, que mentiu todo tempo sobre nosso desempenho, fazendo-nos crer que éramos os melhores. Imaginem a vergonha que eu passei, na frente da noiva, mãe da noiva, parentes, com este resultado. A Lydia achava que a Suely, minha irmã, era completamente contra o casamento. Sabe, aquelas coisas de namorar gente rica para se dar bem na vida? Nunca fui homem de pensar deste jeito. Eu queria vencer, mas com minhas próprias pernas. Na época do namoro, Ironita tinha 13 anos, e eu 20, eram sete anos de diferença. Ela tinha oito tios, que iam visitá-la seguidamente por ela ter perdido o pai há pouco tempo. A mãe dela passou a morar com a sogra, em casa próxima a minha. Para fazer pouco caso de mim, mostrando que ela era uma criança, um destes tios, Pedro Cordeiro, que ficou um grande amigo meu, chamou a mãe dela e a sogra e disse:

Lídice, no colo da madrinha de batizado, Suely, ao lado do padrinho Pedro, tio de Ironita.

— *Essa menina está se afogando em meio copo d'água, é uma barbaridade.*

— Ele era um grande empresário. Viajava muito de avião e ficou tão amigo que deixava sempre, quando viajava, num cofre, uma carta lacrada, dirigida a mim para que eu

pudesse tomar providências, caso algo lhe acontecesse. Foi um grande amigo. Oscar reclamava do barulho que eu fazia ao passar pela casa dele com o motociclo e ele não podia estudar. Outros tios que me desprezavam ou que faziam coisas para me mostrarem que Ironita era uma criança, todos eles ficaram meus amigos. Quando casei, a minha festa de casamento foi paga pelo tio Pedro, e a lua de mel foi em uma casa de veraneio em Ipanema, de propriedade deste mesmo tio. Casei com um terno de albenia e a Ironita de tecido de cetim. Na nossa primeira manhã juntos, batem na porta às 8 horas da manhã.

— *Bom dia, Geraldo, viemos tomar café da manhã.*

— Entraram rindo. Eram oito homens, a equipe de remadores do *Clube União* da qual eu também fazia parte. Minha timidez produziu muitas histórias cômicas durante o tempo de noivado. Ainda noivo, fui a um churrasco, de um tio dela. Estavam servindo todos. Eu, como estava com vergonha, pois era a primeira vez que estava visitando esta família, resolvi cortar a carne, costela, e cheio de cerimônias, ao cortar a carne o prato virou no meu colo, com carne, salada, farinha, e tudo mais. Pior do que esta, foi quando fui visitar o

Catetinho, que era um tipo de sítio, de um tio da Ironita, o tio Pedro.

E lá, eles ofereceram um belo café da tarde. Eu estava louco de fome. A mesa sendo colocada, com pães, doces, e colocaram na minha frente um pratinho de geléia, muito doce, puro açúcar. Ao lado, estavam os meus talheres, a xícara de café, e, como colocaram na minha frente, pensei que aquilo era um doce, que todos iriam receber. Peguei uma enorme colher próximo a mim e passei a comer com o pote na mão. Mas era um pote para todos se servirem com faca, e eu sozinho comecei a comer. Quando percebi

que não era um doce individual, fiquei com muita vergonha e tive que comer a geléia até o fim. Este foi um fato que nunca mais esqueci. Hoje, estou casado há 54 anos e vivo muito bem com a minha mulher.

Casamento de Geraldo e Ironita - 31/01/1945. Ao fundo, imagem do coração de Jesus que os acompanha até hoje.

Geraldo e Ironita durante a lua de mel na então distante praia de veraneio Ipanema.

Ao completar 50 anos de casado, em 31 de janeiro de 1995, dei um santinho comemorativo. No santinho, falava

dos nossos anos de casados. Mas, como “fiz escola de gozação”, meu filho Augusto saiu com uma que mostra bem os novos tempos.

— *Pai e mãe, procurei por muitos lugares cartão que falasse de casamento de 50 anos, de casamento eterno, estas coisas todas. Mas não encontrei. É claro, ninguém faria um cartão sem mercado consumidor, vender uns cinco ou seis cartões a cada dez anos, mãe, não é negócio.*

— Completou o filho Luiz:

— *De fato, casais com Bodas de Ouro são tão raros. A não ser com mudanças no critério de contagem do tempo. Por exemplo, se poderia considerar Bodas de Ouro o somatório dos anos que alguém viveu casado em seus casamentos.*

— *Receita para o casamento não existe, mas tenho certeza de que só dura com muito amor, respeito mútuo e muita fé, disse Ironita.*

— Vivemos em outra época. Fomos criados como nossos avós e somos obrigados a viver como nossos netos. Temos três filhos e seis noras. Temos o maior carinho por todas elas, a Dóris, a Sandra, a Lisiane, a Julia, a Cristiana e a Indáia.

— *Seis noras?*

— Sim, embora eu e Geraldo tenhamos dado exemplo, nossos filhos não tiveram um casamento apenas. Mas todas foram bem aceitas por nós. Netos são muitos: Cristina, Jones, Cristian, Geraldo Neto, Tiago, Anderson, André, Bruno, Vinicius e a bisneta Paolla.

Estranho em nossa família é que existem centenas de Zaniratti em Porto Alegre, muitos morando no Partenon, e nunca tivemos contato sistemático. A vida nos levou por caminhos diferentes. Em ocasiões diferentes,

encontramos um ou outro, como foi o caso de Nádia Zaniratti.

— *E como eram as férias?*

— Sempre foi uma aventura. Quando eu tive uma casa na praia Estrela do Mar, mais ou menos 12 km antes de Torres, as viagens naquela época eram pelo mar. Tinha-se que ir até Torres e voltar 12 km pela praia. Além disso, a estrada era esburacada. Então, usava a beira da praia. Meus carros eram carros velhos, antigos, hidramáticos. A preparação para as férias era grande na década de 50. Começava na sexta-feira. No sábado, era a arrumação do carro e, ao meio-dia, a gente saía. Não era aceitável ficar menos do que 30 dias. Afinal, era tanto trabalho, a viagem era desgastante e perigosa. Para se ter uma idéia, durante muitos anos, até o Chico, um canário belga, ia para a praia, com gaiola e tudo. Num dos veraneios, tinha um carro Hudson, muito antigo.

Hudson semelhante (outra cor) ao de Geraldo e Ironita, adquirido do Consulado Americano em Porto Alegre.

Coloquei toda a bagagem, a família e fui para a praia. Chegou num determinado local na beira do mar, mais ou menos na altura de Tramandaí, o carro esquentou e não fazia as mudanças. Era hidramático, portanto o câmbio alterava de acordo com a velocidade. De repente, ele parou. Parei o carro, fiquei esperando esfriar para tentar ligar. Quando pegava, ele não saía do lugar, o câmbio parou de funcionar, nem para frente, nem para trás. E passou um carro da polícia:

— *Precisam de algo?*

— *É, o carro é hidramático e não responde mais às marchas.*
— *E para onde vocês vão?*
— *Estamos indo para Estrela do Mar.*
— *É muito longe, mas a gente reboca vocês.*
— Então, um deles resolveu engatar o meu carro no deles e tocou. Fomos indo pela beira da Praia com a polícia.
Atravessamos arroios, as ondas subiam, desciam, e chegaram perto das rodas do carro que estava super carregado. Afinal de contas, iríamos passar 30 dias e a comida na praia era muito cara, então ia até o rancho para quatros filhos, sogra, irmã, tudo. A polícia nos largou em frente de casa. Depois de recolher as cordas, e arrumar tudo, eles perguntaram se estava tudo bem. A minha esposa, durante a viagem, preparou duas "balas", balas de dinheiro para cada um, pois eram dois policiais. E, na saída, entreguei para eles.
— Isto é para vocês.
— Estas balas não estamos acostumamos a receber.
— E foram embora. Esta foi uma época passada. Guardamos tudo, e deixamos o carro na rua. Resolvi ir até o carro verificar o que estava acontecendo. Liguei o carro, ele pegou, então engatei uma primeira ele respondeu, guardei o carro na garagem, depois saí outras vezes com ele e nada ocorreu. Voltamos para Porto Alegre, depois de 30 dias de veraneio, e foi uma ótima viagem. No ano seguinte, tive mais uma aventura de praia. O carro era o mesmo, a praia também. Na viagem, sempre uma tensão permanente. Começou a chover. A areia ficou ainda mais fofa, vento forte, e as ondas mais fortes que o normal.
Em algumas partes, havia um espécie de esteira por onde era possível passar com maior segurança. Muitas partes estavam encobertas pela areia, e a gente precisa

adivinhar onde ela estava. Quando chegava perto dos arroios que desaguavam no mar eu era obrigado a chegar mais perto do mar para passar. Isto porque não era possível passar próximo da origem dos arroios, pois, com a correnteza, que aumentava com a chuva, rapidamente se produzia profundidade pela erosão da água sobre a areia. Numa destas manobras, o carro, pesado, atolou na beira da praia. O Hudson pesava mais de 500 quilos vazio; cheio como estava, carregando até passarinho, o peso era enorme. O carro não saía, as ondas vinham e batiam nas rodas. Aos poucos, o carro ia afundando. Minha sogra, que juntara um ovo que havia caído, de medo se descontrolou e o esmagou. Passou um *jeep* e foi embora, nem parou. Em seguida, veio um *jeep* mais forte. Era o filho do prefeito de Torres que havia voltado para ajudar. Trouxe corda, correntes, pá e madeira. Cavamos e colocamos madeira nas rodas. Nada, o peso era enorme. Numa destas, o carro se mexeu, mas, quando ia saindo, a corda arrebentou. Ironita estava nervosa, preocupada com os filhos e não pensou duas vezes. Atirou-se em baixo do carro atolado, amarrou a corrente no *jeep*. O carro conseguiu sair como num passe de mágica. No fim das férias, tive que vender o carro, em pouco tempo estaria inutilizado. No fim da década de 60, passamos a fazer férias em Albatroz, mais próxima.

Casa da Praia de Albatroz

Compramos terreno e construímos uma casa, aliás, a décima casa da pequena praia. O compadre Kralik já

estava por lá.
— Lá, os filhos andavam mais soltos, tão soltos que tivemos que instituir o “caderno”. Como a família era enorme, cada um que chegasse fora do horário de almoço ou janta receberia o *caderno* para comer algo no mercadinho que tinha ali perto. Pagávamos no fim do veraneio, e o caderno era o local onde se anotavam os gastos.
Os anos 60 foram de instabilidade política, com períodos de crises para Geraldo, tanto do ponto de vista financeiro como profissional.
Seu filho Antônio estava envolvido na política estudantil, lendo livros em russo e desejando estudar na URSS em plena Guerra Fria.
Nos EUA, era a época de grande consumismo. A classe média norte-americana acumulava eletrodomésticos, automóveis, e os mais radicais questionavam a “a inútil guerra do Vietnã”. Lá, assim como aqui, a caça aos comunistas crescia como nunca, a diferença ficava por conta do poder de consumo da classe média brasileira, pois vivia num país de modelo econômico dependente.
Talvez uma cena descrita por Augusto retrate as contradições que as pessoas viviam aqui no Brasil na época do consumismo americano. Em 1968, voltando da escola, pela rua Pedras Altas, avistou uma fogueira próxima de sua casa. Ao se aproximar, percebeu que eram livros com capas coloridas e muitas em vermelho. Achou estranho aquela queima de livros. Afinal, sua mãe exigia tantos cuidados com os livros. Tentou ler os títulos e os autores. Não conseguiu. Havia palavras que ele não conseguia ler direito: Marx, Engels, Comunismo, Socialismo, Revolução, Imperialismo, URSS, Lênin, Trostky. Entrou triste em sua casa e pensou que não

estava bem na escola. Estava na terceira série e ainda tinha muita dificuldade para ler.
Assim foram os anos 60: para uns a rebeldia, para outros, as dúvidas que tornaram-se certeza na década de 70, quando a repressão usava todos os recursos disponíveis na medicina para torturar, dos computadores para espionar, das armas para matar.
No início dos anos 70, era lugar comum os adolescentes serem rotulados de subversivos, agitadores, perigosos para a Segurança Nacional. Viviam como se portassem doenças contagiosas, fichados como traidores da pátria. No fim dos anos 70, eram rotulados como “um punhado de estudantes desocupados” que “deveriam estar estudando e não fazendo arruaça”. Mas não eram apenas estudantes “inconseqüentes”, pois, quando chegaram os anos 80, tornaram-se partidos políticos.
Em 1984, a vontade popular era a eleição direta para Presidente. A elite mirou em Tancredo Neves e acertou em José Sarney; os chamados inconseqüentes miraram na vontade popular, acertaram, mas arrancaram deles as eleições diretas, para que não estragassem a festa daqueles que os reprimiam. De repente, em 1988, os jovens rebeldes idealistas passaram a ser inimigos temidos. Os anos se passaram e, com eles, desapareceu a possibilidade de “confundirem” os ideais destes com simples sonhos adolescentes.
Durante semanas, fiquei retomando minhas lembranças das conversas. Percebia claramente que havia algo em que não havia tocado mais profundamente. Geraldo criou a Zaniratti Filmes na década de 50, antes do suicídio de Getúlio Vargas. Alguns filhos eram adolescentes durante a ditadura militar. Os meios de comunicação de massa foram usados de forma muito significativa durante a era de

Getúlio Vargas. É claro que o cinema é um instrumento poderoso ideológico e de comunicação. A imprensa participou da vida política deste país, inclusive é apontada, por alguns, como quase um quarto poder da república brasileira. Falava sempre, com muito orgulho, que tinha o título eleitoral todo preenchido e sempre com voto no PTB e depois no PDT. Mencionava o Brizola como um amigo. Como teria sido sua participação no cenário político? O fato de ser proprietário de uma distribuidora cinematográfica poderia tê-lo envolvido na política? O cinema como expressão da arte humana é absolutamente político, parcial e passional. Ou teria sido neutro o grande Chales Chaplin? A cada pergunta, uma história; cada história, um universo a ser explorado.

Havia chegado setembro. Desci do ônibus na estação IAPI. Olhava para os prédios e fiquei imaginando os personagens de uma história bem próxima. Passei por uma pequena rua que terminava no portão da Escola Estadual Gonçalves Dias, fiz o seu contorno e estava na Rua Pedras Altas.

Lembrei de uma passagem rápida em uma de nossas conversas, em que Geraldo e Ironita lamentavam o defeito na filmadora 16 mm, quando Getúlio Vargas, “o pai dos operários”, inaugurava aquela escola, em 1953, com a filha Lídice em seu colo. Lídice foi indicada para dar um buquê de flores para ele em carro aberto, oficial, do governo. Depois de receber o buquê, ele a colocou no colo, a máquina estragou e não filmara nada. Imaginei a cena e a raiva de Geraldo por não ter conseguido fazer a máquina funcionar num momento daqueles: “sua filha no colo do maior político de todos os tempos”.

Ali, tudo me era familiar: a calçada, as pedras da rua, a fachada das casas geminadas, tudo...

— Boa tarde, Geraldo, aqui estou novamente.

Eu precisava encontrar uma forma de chegar às questões políticas. Preparei o gravador e voltei-me rapidamente para os livros que estavam na estante próxima do velho projetor 16 mm.

Foto de Edison Castêncio

Brizola, na saguão do Aeroporto Salgado Filho, enquanto falava com Geraldo pelo telefone, durante a campanha eleitoral presidencial de 1997, ao lado de Lídice.

Procurava algo sem saber o que era. Ótimo, encontrara um livro chamado Legalidade, editado por vários autores, dentre os quais, Rafael Guimarães. Abri, furtivamente, e li a dedicatória:

"Geraldo, fatos são fatos em qualquer período da história, em qualquer lugar do planeta. Estes fatos (pelo menos alguns) você viu e viveu. Agora é revivê-los. Até o segundo turno, beijos de sua nora preferida. Julia/outubro-1989."

— Lendo? Perguntou Geraldo com a grande térmica de café na mão.

— Perdão, tomei a liberdade de olhar teus livros. Achei este, que pelo que li, me parece muito interessante. Estiveste envolvido com esses fatos mesmo?

— Política é uma parte muito curiosa em nossas vidas. Sempre havia algo envolvendo o ramo profissional,

a cinematografia ou mesmo a Zaniratti Filmes. Existiram situações interessantes, curiosas e outras mais dramáticas. Eu tinha uns 14 anos de idade e cuidava dos estandes da Festa do Centenário da Revolução Farroupilha de 1935. Numa daquelas noites frias de agosto, um menino, mais moço que eu, com uns 12 anos, perguntou-me:

— Posso dormir aqui?

— Pode, respondi.

— Era o estande do Pará. O menino estava com livros embaixo do braço.

— Como é teu nome?

— Leonel Brizola.

— Tu estudas e não trabalhas?

— Sou ascensorista da Galeria Chaves.

— Eu não tinha certeza se aquele menino era de fato o Brizola que conheci mais tarde. Em 1979, depois da Anistia, quando Brizola voltou para o Brasil, ele fez um discurso aqui no Esporte Clube São José e depois veio à minha casa. Conversou, e relembramos muitos momentos, ele contou um pouco da sua vida. Foi então que fiquei sabendo que aquele guri em 1935 era o Brizola mesmo.

— *E Getúlio Vargas?*

— O Estado Novo foi uma ditadura muito feroz. A luta contra os comunistas era muito forte. Até hoje, a gente percebe que a população ficou com o pensamento errado dos comunistas como se “comessem criancinhas”. Em pleno século XX, eles não entenderam nada ainda. Vejo que pessoas de 40 ou 50 anos têm ainda este tipo de pensamento. Não é por acaso. A propaganda era muito intensa contra os que faziam ou tinham opinião contrária ao Governo de Vargas, que foi adorado pelo povo. No dia 24 de agosto de 1954, fui ao hospital buscar minha mulher

e a filha Regina, que havia nascido quatro dias antes. A dor que sentia era enorme. Era como se tivesse ficado órfão, como se perdera um pai. Getúlio estava morto, e o povo desta cidade estava furioso, louco. A fúria se via em toda a parte, carros queimando, máquinas de escrever sendo jogadas dos edifícios, pessoas chorando na ruas, gritando. Correria se via por toda parte. Vidros sendo quebrados, lojas fechando as portas. Foi difícil andar em Porto Alegre naquele dia. Caminhava pela rua da Praia em direção ao hospital. Não havendo táxi disponível, fui a pé. Deveria ser um dia feliz para mim, criança nova na família. Mas estava tenso, nervoso, triste, preocupado com tudo. Cheguei a esquecer, por um momento, do nascimento de minha filha. Na rua da Praia, encontrei meu primo José da Cunha, o Juca, e ele, atencioso e educado, disse:

— *Bom dia, Geraldo, meus parabéns.*

— Fiquei enraivecido, pois pensei que ele estava me dando os parabéns pela morte de Getúlio. Por instantes, havia esquecido do nascimento de minha filha Regina e, a seguir, me dei conta. Continuei caminhando até o hospital e, para levar a criança e Ironita para casa, fui obrigado a ligar para um vizinho que tinha carro para buscar a gente lá no hospital. Este fato mostra claramente o envolvimento que o povo tinha com o Presidente. Mas, como todo fato, há sempre um lado engraçado. Algum tempo depois, eu trabalhava ainda no DCT, quando organizações do Rio de Janeiro produziram o documentário *A História Falará por Mim*.

Era uma espécie de história da vida de Getúlio Vargas. Tinha uns 45 minutos de duração e fizeram várias cópias. Fui procurado para fazer a distribuição em 16 mm. Ao sair do DCT, fui direto tomar café no bar da praça, na rua da Praia, perto de meu escritório. Neste local, o pessoal da

cinematografia se encontrava normalmente.
— *Geraldo, uma pessoa te procurou, disse o balconista. Falava baixo e não queria muita conversa. Procurava um tal de Zaniratti.*
— Meu horário era meio irregular mesmo. Num certo dia, ele conseguiu falar comigo. Ofereceu o filme de Getúlio e, com muito sacrifício, consegui emprestado o dinheiro e comprei algumas cópias. Fiquei devendo uma parte. Iniciei a distribuição. Foi muito bem aceito, todos queriam assistir. Tive a oportunidade de receber uma carta de um exibidor, dentro da maleta de filme, pois este era um complemento que ia junto com o filme de longa metragem alugado pelos exibidores.
— *Senhor Geraldo, o filme é muito bom, mas aquele filme menor que fala sobre o Getúlio Vargas é decepcionante. Afinal, não vi o Presidente se matar.*
— Depois disto, outros reclamaram, pois pensavam que iriam assistir ao suicídio.
— *E a Legalidade?*
— Na Legalidade, eu não estive envolvido diretamente. Eu realizava as filmagens dos acontecimentos do Governo do Estado. Eu era conhecido do pessoal do DCT, que em grande parte, era ligado ao PTB. Acho que por alguma indicação deles, acabei realizando muitas exibições de filmes para o Palácio Piratini. Exibi, por exemplo, a demolição da Casa de Correção ali perto do Gasômetro, a primeira missa dos sem-terra, a construção de centenas de salas de aulas e muitas escolas, e outros acontecimentos. Um dos complementos mostrava a inauguração de 365 escolas em um ano pelo interior. Eu exibia os documentários para aprovação do Governo e recebia cópias dos documentários para divulgação das ações do Governo.

Eles pagavam a exibição. Assim, conheci o Brizola e o Major Emílio Neme, que era Chefe Militar, acredito, do Palácio do Governo. Quando Leonel Brizola viajava, ele ligava.

— *Geraldo, passa uns filmes para as crianças.*

— Quando era aniversário de um deles, também passávamos filmes para os seus filhos. Certa ocasião, fomos chamados para filmar um comercial do vinho Presidente, da Vinícola Aurora. Era um jantar reunindo Brizola, Tancredo Neves, na época, Primeiro Ministro, e Jango, Presidente. Era um jantar importante, politicamente, embora, durante a filmagem, não tenhamos ouvido nada importante. Pelo contrário, no momento da filmagem, eles até pegaram o vinho para mostrar que estavam bebendo.

Lembrei-me imediatamente do que Ironita havia me contado sobre as refeições da grande família. Ironita contou que cada um tinha um lugar definido na mesa. O filho Augusto, que tinha quase cinco anos em 1964, ficava ao lado da mãe. Geraldo, na cabeceira da mesa. Ao lado do pai, ficava o filho Antônio, depois a Lídice e, na cabeceira oposta ao pai, a filha Regina. Como de costume, Geraldo lia o jornal no trabalho pela manhã. Seus amigos ligavam comentando uma coisa ou outra. Ao chegar em casa, comentava na frente dos filhos as barbaridades que os militares faziam. Ironita ficava furiosa, pois daria mau exemplo para os filhos. Poderiam sair falando por aí, e Geraldo poderia ser preso ou algo parecido. Dizia Ironita:

— *Eu ficava nervosa, e o Geraldo, muito "boca grande", falava contra os militares na frente das crianças. Eu dava pontapé nele por debaixo da mesa para ele calar a boca, ficava pior ainda, ele reclamava e todos notavam o que eu*

havia feito.
Os filhos cresceram neste clima. Cresceram e gravaram em seu íntimo tudo que viveram. Cresceram observando o pai, com seu punho cerrado batendo na mesa, amaldiçoando o golpe militar, pela situação particular que viviam, pelo país.
Viam a indignação de seu pai em cada refeição, diante de tantas injustiças, mentiras, calúnias, falta de liberdade, da censura hipócrita. A mãe, reprimindo o marido com medo de perdê-lo, reclamava que podiam ser influenciados pelo pai, e tinha razão. Influenciou todos. Lídice, a mais velha, aprendeu a reclamar pelos direitos, lutar para que o mínimo direito seja cumprido e que nada fique para depois, que justiça não se aguarda, conquista-se. Antônio aprendeu a ser radical, firme, duro, ainda que terno e sensível por dentro. Regina aprendeu a ser dedicada, leal, organizada e aprendeu que há tempo para fazer tudo que se quer. Augusto, o do contra, o anti-militar, o anti-americano, envolvido desde a adolescência, foi anistiado em 1979, com 20 anos. Luiz, nascido na ditadura aprendeu o eterno redescobrir, recomeçar, reconstruir... Assim dava-se a formação política clandestina de uma família comum que absorvera de forma muito diferente este momento.
— *E o golpe de 1964?*
— Em 1964, fui, junto com um parente meu de nome C.J., pegar armas para defender o Governo do Estado. Chegamos num daqueles corredores subterrâneos do Palácio Piratini e já haviam distribuído todos os revólveres 38. Estávamos dispostos a ajudar, tinha até uma câmera 16 mm comigo. O C.J. era da organização Grupo dos 11, que não era forma de organização paramilitar ou revolucionária, como muitos dizem. O C.J., por exemplo,

estava num grupo, que pretendia dar aulas para a população de baixa renda, num salão paroquial. Tinha combinado com o padre quando estourou o Golpe. Em função disto, o C.J. foi procurado por um militar para, provavelmente, ser levado para interrogatório. Foi nas proximidades da casa de C.J., num açougue, e ele perguntou como poderia falar com o C.J. O militar deparou-se com o J.U., que já havia tomado um trago e estava com a camisa suja de sangue da carne.

— *Onde posso encontrar o senhor C.J.?*

— *Para quê?*

— *Para fazer algumas perguntas.*

— O J.U. gritou:

— *Te arranca daqui, seu sem vergonha, vai.*

— Na hora, o militar foi embora assustado, mas C.J. teve que se apresentar no dia seguinte para interrogatório. Mas eu sofri muito economicamente.

— *Conheceste outros que sofreram com o Golpe de 1964?*

— Muitos. No Palácio, conheci muitas pessoas, alguns viraram amigos, uma delas era o Major Neme. Acho que, na época em que o conheci, era Coronel, considerado o mais moço do país. Com o Golpe de 1964, desapareceu, sumiu. Muito mais tarde, ele foi ao meu escritório alugar um filme para um dos meus antigos exibidores, Lázaro, o Cigano. Havia perdido tudo, agora era um funcionário de um exibidor da Zaniratti Filmes. Depois de alguns anos, fomos detetizar a nossa casa, e minha esposa ligou para uma empresa especializada. Neme era proprietário desta empresa. Percebeu quem era e me procurou. Conversamos muito, e ele contou toda a história da sua vida. Até mesmo sua esposa teve seu contrato como professora cancelado. Quando comecei na cinematografia,

não havia faculdade de jornalismo aqui e todo aquele que fosse produtor cinematográfico possuía credenciais de jornalista por força do ofício. Como ia muito ao Palácio, acabei conhecendo também Carlos Contursi, era Secretário do Brizola e jornalista. Depois do Golpe em 1964, invadiram a casa dele, ficando na miséria também. Logo depois do Golpe, ele levou um projetor ao meu escritório para que eu vendesse para ele. Ele estava passando fome. Ficamos amigos. Depois, ele foi para o Rio de Janeiro e perdi contato. Muito tempo depois, fui para o Rio de Janeiro. Estava com muita dificuldade para encontrar um lugar para me hospedar. Fui à telefônica ligar para Porto Alegre e o encontrei. Conversamos bastante. Falei da dificuldade, ele fez alguns contatos e logo estava hospedado. Fiquei então devendo favor para ele. Assim conheci Carlos Contursi, um grande jornalista e fotógrafo.

— Mas, no comércio, acabamos conhecendo gente de todos os matizes políticos. Havia um General chamado França Furtado, que gostava muito de cinema. Levava filmes emprestados para passar para sua família. Ele era chefe das Comunicações do III Exército em 1964. Era um homem muito calado, quieto. Conheci-o, por acaso, quando comprava uma carta para poder navegar no Guaíba. Ele adorava andar de barco à vela. Ele sempre me dizia que ia para a Lagoa dos Patos.

— *Antes de anoitecer, Geraldo, procuro um banco de areia na Lagoa, paro o meu barco ali, ligo o rádio e durmo. Pela manhã eu volto.*

— Ele sempre me pareceu um homem muito só. Bem, em 1964, o pessoal da cinematografia se encontrava pelos bares para um cafezinho. Numa destas conversas, descobri que meu chefe, que chamarei de L, estava sob

investigação, por ser do PTB. Éramos quase todos do PTB no DCT. Mais do que isto, fiquei sabendo que havia acareação e que o Gen. França Furtado era o responsável. Casualmente, no dia seguinte, o Gen. França Furtado foi buscar um filme.

— *Olha, General, queria lhe perguntar se é verdade que um colega e amigo meu está sendo investigado, ele chama-se L.*

— Ele ficou em silêncio por um instante e fez um gesto afirmativo.

— *General, o senhor pode fazer algo por ele?*

— *Sabe que não, Geraldo. Faço o que sempre devo fazer. Depende só da cooperação dele. Noto que ele é muito nervoso e não está colaborando conosco. Não posso fazer nada.*

— *Está bem, General, mas posso lhe afirmar que ele é um ótimo chefe, bom pai de família, ótimo marido, é uma pessoa muita nervosa, mas, é incapaz de fazer mal para alguém.*

— O General escutou e nada disse. Pegou seu filme, como de costume, e foi embora. Meses depois, fiquei sabendo que nada de ruim havia acontecido com meu chefe L.

Não sei se o General Furtado fez alguma coisa para livrá-lo, mas como ele poderia ter ficado livre sem ajuda? Meus amigos do DCT estavam muito envolvidos contra o Golpe Militar. O General era um homem silencioso e muito sensível. A última informação que obtive sobre o General Furtado foi em uma rádio há uns três ou quatro anos atrás. Eu falava com meu filho Augusto, na casa de Lídice, em São Lourenço, cidade próxima da Lagoa dos Patos. Ela comemorava seu aniversário de 50 anos conosco.

— *Augusto, eu tenho um amigo que costumava andar de*

barco pela Lagoa dos Patos e até dormia lá, no meio da Lagoa.

— Terminei de dizer isto e, no rádio do carro, entra uma informação de que o General Furtado havia morrido afogado na Lagoa dos Patos, que seu barco tinha virado e afundado. Se não me engano, havia um sobrinho com ele, que conseguiu sobreviver.

E o cinema em 1964? E a Zaniratti Filmes neste período?

— Estava conversando no balcão da Dipa Filmes, empresa que eu havia criado com Hercílio, quando chegou um sujeito:

— *Sou agente da Polícia Federal, Censura, quero que o senhor Geraldo Zaniratti me acompanhe agora.*

— Levantei-me e saí sozinho com o policial. Hercílio não disse nada, não foi comigo e nunca me perguntou se precisava de alguma coisa. Aquilo me marcou profundamente, a falta de solidariedade dele. Isto aconteceu em l966. Chegando lá, já havia um outro agente da Censura esperando. Ambos tinham vindo diretamente de Brasília.

— *Nós vamos separar seus filmes e levá-los.*

— *E por quê?*

— *Recebemos uma denúncia de que eles não possuem censura e, além disso, divulgam documentários inadequados.*

— Então, contestei:

— *Mas o 16 mm é uma cópia do 35 mm: se o filme 35mm possui censura, automaticamente, o 16 mm também está devidamente censurado.*

— *Isto é o que o senhor acha, não é o que temos a fazer. Com licença.*

— Sabia o que eles queriam, os documentários do Governo do Brizola, mas não queriam dizer abertamente.

Eu sabia que eles não encontrariam, pois os havia levado para a minha casa no início do Golpe, em 1964. Sabia que isto poderia acontecer. A Ironita colocou os filmes no porão de quatro metros quadrados, espaço entre o quarto, a sala e o banheiro da casa da Vila IAPI.
Disse a Ironita, sorrindo:
— *O próprio Brizola, quando esteve aqui, em 1979, concordou com o que eu fizera, e disse: "a senhora agiu muito bem. Eu, dona Ironita, trouxe muitos problemas para a minha família com minha atuação política".*
— Enquanto eles separavam os filmes, fiquei pensando nos golpes sofridos em minha vida profissional na Zaniratti Filmes. Uma semana depois, recebi uma carta de um exibidor que havia alugado um filme naquele período e que me disse:
— *Senhor Geraldo, o filme que aluguei é regular, mas o complemento foi muito bom. É aquele que trata sobre os Sem-Terra e o Brizola e, quando passei para os operários do Frigorífico Armour, eles levantaram e aplaudiram por muito tempo.*
— Era um complemento que estava alugado e havia esquecido de retirar de circulação. Quando comecei, em 1953, o público da Zaniratti Filmes era a elite econômica da cidade: médicos, fiscais de imposto de renda, fiscais da alfândega, pessoal que atuava nas rádios, como Ernani Behs, Serrão Vieira, advogados, como Dr. Osvaldo De Lia Pires e empresas ou mesmo o Governo, pois não existia TV no Rio Grande do Sul. Quem tinha dinheiro para comprar um projetor 16 mm importado e alugar meus filmes tinha acesso a um tipo de lazer muito raro.
Quando surgiu o primeiro canal de televisão, eu perdi todos os exibidores. Entrou no ar a TV Piratini, no dia 19 de dezembro de 1959, dia do aniversário de meu filho

Antônio. No dia da abertura, o locutor fez o comunicado de abertura, sentou-se à mesa e, em seguida, chamou uma pessoa para entrevista. O entrevistador era Ernani Behs, grande amigo meu. Portanto, no dia seguinte, 24 horas depois, não tinha mais nenhum cliente alugando meus filmes na Zaniratti Filmes. Fiquei desesperado, tendo que recomeçar tudo de novo, na minha vida comercial. Fiquei pensando o que iria fazer, que público eu deveria buscar. Mas mantinha o meu trabalho nos DCT. Toda vez que o meu turno de trabalho era em horário comercial, eu pagava um colega para tirar o serviço.

— Num determinado domingo, a Piratini chega à minha casa, pedindo filmes para passar, pois estavam sem nenhum programa para colocar no ar. Eu tinha em casa uma lista de filmes e, no próprio carro deles, fomos ao meu escritório, onde eles escolheram os filmes e voltaram para a TV. Estava temporariamente salvo, do ponto de vista financeiro. Fornecia para a TV, de quem cobrava um valor de aluguel maior do que o normal. Afinal de contas, a abrangência de público via TV era bem maior. Eu mesmo, que não andava bem financeiramente, havia conseguido comprar uma televisão, imagine meus clientes. Na *Casa Coates*, havia uma chamada que anunciava televisões "madrugando no canal", e aquele que pagasse algumas prestações receberia uma televisão. Em 1957, eu já tinha uma televisão *Mullar*.

Tinha visto uma miniatura de uma câmera da televisão Piratini na estante. Percebi que deveria ter havido uma relação comercial, pelo menos.

— *Mas tu não tinhas contato comercial com a televisão que se preparava para entrar no ar?*

— Sim, antes de ocorrer a inauguração da TV, a própria Piratini alugava da Zaniratti Filmes todos os tipos de

complementos para passar como teste após a meia noite.
O mesmo aconteceu com o canal da Guaíba. Depois veio a TV Gaúcha, e, para esta, eu fornecia desenhos animados e outros tipos de filmes. Resolvi, então, ligar para a Líder - Laboratório Cinematográfico, e solicitei 1.600 pés com a apresentação da minha firma. Acreditava que, por muito tempo, teria um espaço de propaganda na TV gratuitamente. Em uma semana, estava com a apresentação em Porto Alegre e passei a colocar na ponta de todos os filmes que tinha e, com isso, ganhei uma grande publicidade da TV Piratini e Gaúcha. Em cada filme que passava, aparecia: “Esta é uma apresentação de Zaniratti Filmes” com uma música de clarins no fundo. Mais tarde, fiz outra assim: “Zaniratti Filmes Apresenta”. Chegava a assistir, em determinados domingos, 25 vezes a minha apresentação na TV. Algum tempo depois, veio uma lei que obrigava que todos os filmes que passassem no canal de televisão deveriam ser, obrigatoriamente, dublados em português. Novamente, cheguei a zero, pois tinha muitos filmes com legenda e poucos filmes nacionais, de longa metragem, que eram em português. Tentei oferecer filmes para escolas públicas em Porto Alegre. Fiz uma circular anunciando a possibilidade de aluguel de projetores e filmes para eventos nas escolas para conseguirem alguma renda para merenda ou obras. Enviei para todas as 195 escolas públicas. De todas, apenas uma escola deu retorno, justamente a escola onde Jussara, a filha do compadre Kralik, dava aulas. Como não houve retorno, comecei a fazer propaganda no interior e a comprar filmes nacionais. Informava que tinha fábrica de projetores em Porto Alegre, que era a Indústria de Equipamentos Cinematográficos - IEC, da qual fui um dos fundadores. Com esta divulgação, os salões paroquiais,

clubes recreativos e paróquias passaram a comprar projetores da IEC. Novamente, tive outra oportunidade, comecei a chegar em locais onde a televisão não chegava. Enviava os filmes por trem e pela rodoviária. Em alguns lugares, nem ônibus chegava. Havia um padre que viajava a cavalo por vários quilômetros para devolver o filme. Ele deixava a maleta em um gancho numa determinada árvore, à beira de uma estradinha. Mais tarde, o ônibus passaria por ali, o motorista pegaria a maleta e a traria para a rodoviária.

Para levar o filme na semana seguinte, o procedimento era repetido. A programação era para 30 ou 60 dias, iniciando novamente o movimento de aluguel de filmes.

— No interior, os espectadores chegavam a pé, a cavalo, de carreta, de ônibus, de todo o jeito, vinham para assistir filme no cinema, uma novidade. Eles não tinham nenhuma opção de lazer, só conheciam as novelas de rádio. Os filmes que passavam eram de longa metragem, estrangeiros e nacionais. Os filmes nacionais ou estrangeiros de fácil compreensão faziam sempre mais sucesso de bilheteria. A maior parte do povo era analfabeta. Nesta época, já existiam muitos concorrentes alugando para este tipo de exibidores, porém a nossa era a maior firma em filmes nacionais, e as televisões já tinham outros fornecedores. Agora, lá estavam os agentes da censura me fazendo cair novamente. Não desisti.

— *Bem, agora já selecionamos os filmes e vamos levar com um caminhão que está chegando.*

— *Não, não poderão levar porque os carretéis e as maletas me pertencem, e vou retirar os filmes dos carretéis para vocês levarem.*

— *Está bem, amanhã, pela tarde, voltaremos para buscar.*

— Eles saíram. Chamei os funcionários e passamos a

retirar os filmes dos carretéis e a fazer pacotes dos 200 filmes de minha propriedade. É claro que eu não fui bonzinho com a censura. Disse para os dois funcionários:

— *Quando retirarem o carretel, não apertem.*

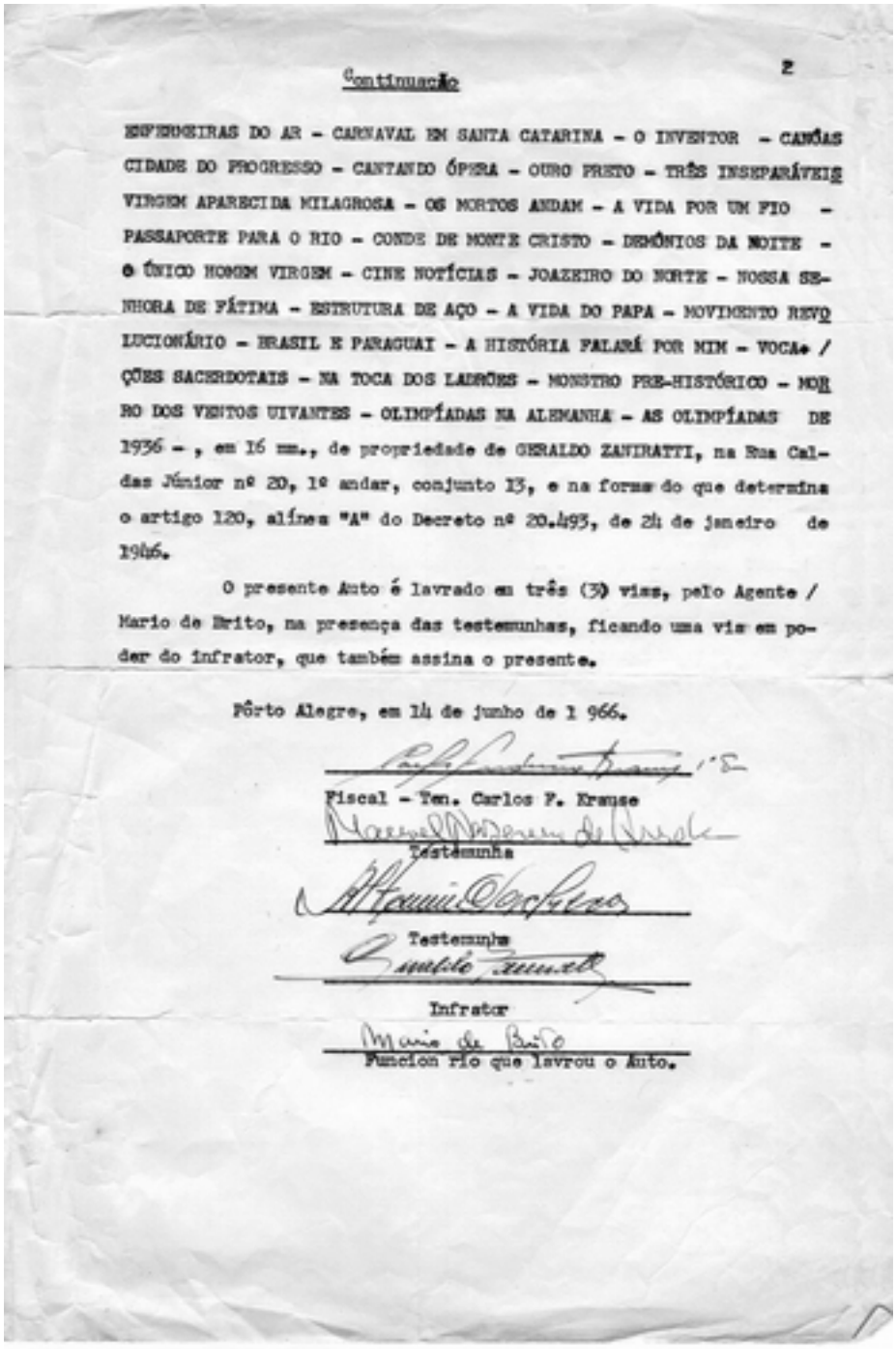
— Ora, isto criaria uma espécie de armadilha para quem fosse abrir o pacote. Se fosse alguém treinado no ramo, não aconteceria nada. Do contrário, o efeito seria o mesmo do que pegar um rolo de serpentina que se usa no carnaval e deixar cair a parte do centro e não a da ponta. O filme seria desenrolado de tal forma que não seria possível enrolar novamente sem perder dias e dias. Foi o que fiz. Fiquei na miséria, contava com os filmes que estavam alugados e com 36 documentários que não podia exibir. Vendi um sítio pequeno em Gravataí e recomecei novamente.

Auto de Apreensão da Censura de Diversões Públicas com a lista dos filmes aprendidos da Zaniratti Filmes em 14/06/1966

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES.
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA.
DELEGACIA REGIONAL / RS - POLICIA DE SEGURANÇA.
TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS.

AUTO DE APREENSÃO

Aos quatorze dias do mês de junho do ano de mil novecentos e sessenta e seis, cumprindo as disposições determinadas pelo Decreto nº 1.134, de 4 de junho de 1 962, e por infração do seu / artigo 4º, a fiscalização da Turma de Censura de Diversões Públicas, da Delegacia Regional/RS, apreendeu os filmes: SETE PORTAS DO DESTINO - NOBRESA GAUCHA - VOLTA DE DOM RICARDO - LUTAS DE ALMAS - MÁSCARA AZUL - VINTE ANOS E UMA NOITE - A HISTÓRIA FALARÁ POR MIM - CINCO BEIJOS - PEQUENO MUNDO ANTIGO - PRIMO DO CANGACEIRO - KIT KARSON - HOMEM DOS PAPAGAIOS - TANGO NA BROADWAY - NÁUFRAGOS DA VIDA - CLUBE HAVANA - HOMEM SOLITÁRIO - CAIXA ECONÔMICA - GRANDE LUZ - GRANDE CIRCO - CHAMAVA-SE CARLOS GARDEL - MULHER PECADO - ONDE ESTÁ MEU ASSASSINO - DOM BOSCO - ZAMBA - GALA DA ARÁBIA - SOMOS DOIS - VIENA DOS MEUS AMORES - NOS BASTIDORES DE LONDRES - SETE PARA UM SEGRÊDO - / ETERNO CONFLITO - TIRA A MÃO DAÍ - ATÉ A VISTA PAPAI - ENQUANTO OS ANJOS DORMEM - FLOR DO MAL - ENTREVISTA COM A MORTE - HISTÓRIA DO / PAPA (2) - O CRAQUE - DAMA E UM CASTELO - MINHA POBRE MÃE QUERIDA - O HOMEM E A BESTA - AMOR EM EXÍLIO - DUAS ALMAS SE ENCONTRAM - NOITE NUPCIAL - FEITIÇO - CASCAVEL - VIDA POR UM DESEJO - TRÊS ALMAS SOLITÁRIAS - QUEM AMA NÃO TEME - FLOR DO MAL - SEM MÃOS A MEDIR - BOLA / DE CRISTAL - KATUCHA - JOGOS DA PRIMAVERA (2) - FÔRÇA DO MAL - LA CUMPARSITA - HISTÓRIA DE UM JÔVEM POBRE - VIVE-SE UMA SÓ VEZ - PLANETA SATURNO - UMA AVENTURA AOS 40 - ESPÔSA DE MONTE CRISTO + - CANTO DA VITÓRIA - MAGNETOSO PACAEMBÓ - NATAL DO MUNDO - OS DENTES -



Continuação 2

ENFERMEIRAS DO AR - CARNAVAL EM SANTA CATARINA - O INVENTOR - CANÇÃO CIDADE DO PROGRESSO - CANTANDO ÓPERA - OURO PRETO - TRÊS INSEPARÁVEIS VIRGEM APARECIDA MILAGROSA - OS MORTOS ANDAM - A VIDA POR UM FIO - PASSAPORTE PARA O RIO - CONDE DE MONTE CRISTO - DEMÔNIOS DA NOITE - O ÚNICO HOMEM VIRGEM - CINE NOTÍCIAS - JOAZEIRO DO NORTE - NOSSA SENHORA DE FÁTIMA - ESTRUTURA DE AÇO - A VIDA DO PAPA - MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO - BRASIL E PARAGUAI - A HISTÓRIA FALARÁ POR MIM - VOCAÇÕES SACERDOTAIS - NA TOCA DOS LADRÕES - MONSTRO PRE-HISTÓRICO - MORRO DOS VENTOS UIVANTES - OLIMPÍADAS NA ALEMANHA - AS OLIMPÍADAS DE 1936 - , em 16 mm., de propriedade de GERALDO ZANIRATTI, na Rua Caldas Júnior nº 20, 1º andar, conjunto 13, e na forma do que determina o artigo 120, alínea "A" do Decreto nº 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

O presente Auto é lavrado em três (3) vias, pelo Agente / Mario de Brito, na presença das testemunhas, ficando uma via em poder do infrator, que também assina o presente.

Pôrto Alegre, em 14 de junho de 1 966.

Fiscal - Ten. Carlos F. Krause

Testemunha

Testemunha

Infrator

Mario de Brito

Funcionário que lavrou o Auto.

— *Foi a última crise?*

— Não, não foi a última. Os canais de TV começaram a abrir estações de retransmissão, e o cinema 35 mm avançava sobre as cidades grandes do interior. Comecei a perder exibidores novamente, começou nova crise, ficando quase a zero. Foi quando iniciei a campanha do cinema ambulante. O cinema ambulante era o seguinte: um

exibidor comprava um carro, um projetor de filmes e um gerador. Alugava filmes para um conjunto de localidades, onde o sinal da TV não chegava. Alugavam o salão ou davam um percentual para o proprietário do local e passavam os filmes e, assim, iam circulando pelo interior de nosso estado, de Santa Catarina e do sul do Paraná por uns 30 ou 60 dias. Não precisava nem ter energia elétrica, o gerador fazia o projetor funcionar. Continuei a minha vida, até que começou a chegada da energia elétrica, aparelhos de televisão mais baratos e os sinais dos canais ampliaram-se via retransmissão. No apogeu da Zaniratti Filmes, eram despachados para o interior 20 filmes por semana, em média. Passamos a uns quatro por semana e, aí, o aluguel recebido pelos filmes já não cobria as despesas mensais. Acabei indenizando os funcionários com a venda de máquinas e projetores. Tive o cuidado de encaminhar os empregados para outras empresas, inclusive para a TV. Desocupei o escritório na Av. Mauá, n.º 2071, passei a Zaniratti Filmes para a loja de Antônio, na Farrapos. Quando passei a alugar um filme por mês, resolvi trazer os 50 filmes restantes para a minha casa, quando então acabou a Zaniratti Filmes, tendo dado baixa em 1998, depois de 43 anos de funcionamento.

Neste momento, os olhos de Geraldo e Ironita brilhavam de emoção. Não caíam lágrimas de dor, de ódio, eram emoções do dever cumprido, sonho iniciado e concretizado, nunca de fim-de-linha. Por um momento, o silêncio tomou conta de todos. Escutava apenas o barulho dos carros da Assis Brasil e do gravador. Hora de ir. Não tinha mais o direito de continuar mexendo em sentimentos tão profundos. Será que eu estava entendendo aqueles sentimentos?

Saberia traduzir com palavras o que aquelas vidas haviam

marcado no coração de cada um que conheceu cinema pela Zaniratti Filmes? Quantos hoje contam para seus filhos e netos que conheceram seus amores, afetos ou desafetos numa sala escura com os filmes da Zaniratti? Quantos lembram com emoção a tela de lençol ou a parede branca onde assistiram a seus primeiros filmes? Quantos não pensaram que a tela estava pegando fogo quando uma cena do filme derretia ao parar em frente da lâmpada quente? E dos gritos quando o filme arrebentava e o clarão denunciava as mãos mais atrevidas dos meninos?

Nem sempre as importâncias estão nos panos de fundo, mas nas lembranças que o fundo dos panos proporcionam. Uma tela de cinema nos leva para lugares desconhecidos de nossas mentes. Como pano de fundo, não estava apenas uma tela branca de lençol manchado. Duas vidas choraram muitas vezes para garantir que milhares conhecessem o cinema e pudessem rir e sonhar. Não tiveram medo do poderoso inimigo tecnológico, mas foram além, conquistaram novos mercados com novas idéias e foram até o último momento de um mercado finito. Hora de ir, hora de deixar que as emoções curem as feridas abertas.

V

Chovia forte e não poderia me atrasar. Peguei um táxi. O motorista perguntou:

— *Onde vamos, senhor?*

— *Na frente do Esporte Clube São José.*

— *Sei. É onde mora o seu Zaniratti e a dona Ironita.*

— *Como o senhor sabe?*

— *Olha, isto faz muitos anos. Eu assistia filme na rua, melhor dizendo, na calçada da rua Pedras Altas ao lado da casa do seu Geraldo. Ele levava uma máquina e passava filme de dentro da casa dele, virado para a parede da casa do outro lado na rua Pedras Altas. Então, aos sábados, a gente escrevia o nome da gente na calçada ou colocava uma pedra para marcar o lugar de cada um. Ao entardecer do sábado, toda a gurizada ia para seus lugares esperar o filme. Eu conheci o cinema assim. Como poderia esquecer daquela dupla? No IAPI, onde me criei, duvido que alguém não se lembre disso que contei agora.*

Olhava para a janela da porta do táxi, com vidro embaçado pela chuva, e imaginava a cena narrada. Perguntava-me quantos casos daquele tipo não ocorreram ao longo de 43 longos anos?

Paguei e agradeci.

— *Mande um abraço para o seu Zaniratti e dona Ironita. _ disse o motorista.*

Não havia perguntado seu nome e com toda a certeza não era o único a lembrar deles.

— *O motorista daquele táxi mandou lembranças para vocês.*

— De onde ele nos conhece?

— *Aqui da vila, do cinema na calçada.*

— É verdade. Quem lembra disto é a Eulália, uma amiga nossa que vem seguido aqui em casa. Ela deixava uma marca na calçada reservando o seu lugar e na hora trazia o banquinho de madeira que seu pai tinha feito para ela assistir ao filme na calçada. Outro dia, ela nos disse: "Ironita, como era bom aquele tempo, brincar na calçada até tarde da noite e não ter medo de nada".

— *A Gilda, o Gilberto Cabral, o Soneca, a Marlene e outros tantos marcavam seus lugares, disse Ironita.*

— *Certamente,muitos casos curiosos ocorreram ao longo destes 43 anos de Zaniratti Filmes.*

— Sem dúvida. Muitas coisas eu aprendi com meus exibidores e passei a conhecê-los melhor. Desde vilarejos como Feijão Graúdo, Feijão Miúdo até cidades antigas como Santo Antônio da Patrulha, desde o pilantra até homens bons, honestos de jeito simples. O seu Antônio Padeiro, de Santo Antônio da Patrulha, por exemplo. Era mais conhecido por Antônio Padeiro. Era de origem portuguesa, residia em Santo Antônio da Patrulha. Ele era uma pessoa especial que transmitia bom humor e alegria. Gostava de fazer surpresas agradáveis. Não media esforços para ver os outros satisfeitos. Tinha um *jeep* e, com ele, andava por toda aquela região exibindo os meus filmes. Num sábado, ele foi buscar um filme, e eu estava em casa doente. Ele não teve dúvida, pegou o *jeep* e foi me levar em casa uma galinha e um pão. Ele, como outros, não era apenas exibidor, era amigo. Quando ele não buscava os filmes em meu escritório, mandava a professora Augustina, sua funcionária, pegar as pesadas maletas. Não faltavam presentes para os funcionários, as famosas e gostosas rapaduras e a cachaça. Fundou a primeira emissora de rádio em Santo Antônio da Patrulha, a Rádio Patrulhense, com sede no salão paroquial.

A rádio tinha programas como *Falando à Família* que, segundo dona Augustina, que dirigia o programa, foram de vanguarda na educação das famílias. Certa vez, os comerciantes que financiavam a rádio resolveram fazer uma reunião com ele.

— *Seu Antônio, a gente anda preocupado com os apresentadores da rádio. Falam errado e não possuem boa locução. O senhor pode fazer alguma coisa para melhorar isto?*

— Os comerciantes não queriam magoá-lo. Ele era uma figura humana fantástica. Se existiu um homem santo, ele era um. "Eu já havia notado mesmo. Mas deixa comigo que eu resolvo", contou-me mais tarde. Na manhã seguinte, para a surpresa de todos, passaram a ouvir a locução do próprio seu Antônio Padeiro: "Rádio Patrulhense, falando de Santo Antônio da Patrulha para o Brasil e para o mundo". Havia demitido um dos apresentadores e assumido pessoalmente o trabalho. Claro que uma rádio do interior copiava algumas coisas das rádios da capital e nem sempre dava certo na hora de aplicar. No fim do dia, todos os comerciantes voltaram a falar com ele, quando ouviram: "atenção para a próxima atração: encerramento".

— Meus exibidores contavam ou escreviam coisas muito interessantes, como o que ocorreu em uma localidade do interior, quando foi passado um filme de faroeste. Era um filme no mais tradicional estilo italiano, em que havia uma cena de duelo entre bandido e mocinho. Neste duelo, o mocinho era ferido pelo bandido, mas, em seguida, o mocinho mataria o bandido. No momento em que o mocinho foi ferido, um agricultor na platéia do salão levantou-se, sacou seu 38 e descarregou seu revólver no bandido, ou seja, na tela. Foi aquela gritaria, todo mundo

saindo do cinema antes do fim do filme.
— O cinema envolve muito as pessoas, principalmente na época em que as pessoas não estavam acostumadas com o cinema. Outro caso contado ocorreu em Santa Catarina. No fim do filme, o exibidor acendeu as luzes, e o pessoal começou a sair do salão. O meu exibidor percebeu que um homem havia levantado e se dirigiu para trás da tela. Ao se aproximar, o exibidor notou que o homem estava de quatro no chão do salão por detrás da tela.
"O senhor está precisando de alguma coisa. O senhor perdeu algo?" O homem se levantou e respondeu: "estou procurando os cartuchos das balas para levar para o meu filho brincar".
— Numa ocasião, um cidadão foi comprar um projetor de cinema na minha firma. Estava mal vestido, de manga de camisa, de chinelo de dedo. Conversamos, realizamos o negócio. Na hora de pagar, ele perguntou onde era o banheiro. Apontei o local do banheiro, que ficava próximo da porta de saída, o que me fez pensar que ele iria embora. "O senhor pode ir comigo?" perguntou, e eu fiquei mais desconfiado, pensando que fosse assalto. Mas fui. Ele tirou as calças, ficando só de cueca. Na cueca, havia um bolso e, de lá, tirou o dinheiro e me pagou tudo na hora. São coisas que mostram o pensamento do homem simples do interior sobre o que é a cidade grande, o medo do assalto, do roubo.
— Eu fui obrigado a encontrar soluções para situações bem difíceis. Certa vez, dois exibidores alugaram dois filmes por 30 dias. Findo o prazo, descobri que eles não moravam na cidade informada na ficha. Avisei a polícia, mas não tinha esperança de encontrar os filmes. Resolvi então fazer um panfleto dizendo que os filmes de tal nome haviam sido roubados. Se alguém soubesse de algo,

ligasse ou avisasse a polícia. Colocava dentro das maletas de filmes e pedia para meus exibidores que colassem em todos os lugares. Assim foi também na localidade de Descanso: o agente rodoviário colocou na sua loja o folheto que enviei. Alguns dias depois, recebi um comunicado de que estariam naquela localidade os filmes roubados. Um delegado me telefonou dizendo: “olha, senhor, um amigo da rodoviária aqui em Descanso nos informou que chegaram dois elementos, com tela, projetor e duas maletas na rodoviária e colocaram os equipamentos na calçada. Olharam o cartaz, largaram os filmes na calçada e pegaram outro ônibus para outra cidade com os equipamentos. O agente trouxe os filmes para a delegacia. São seus mesmos?”

— Mesmo assim, durante este tempo, 43 anos, eu tive mais de 17 filmes roubados. Durante a distribuição de filmes, tudo era surpresa, pois os filmes eram carregados de forma portátil, eram exibidos em qualquer local. As maletas com os filmes pesavam mais ou menos sete quilos. Muitos eram os pedidos de fornecimento gratuito de filmes. Para alguns hospitais, como o Espírita e o Pronto Socorro, igrejas, e até a escola Santa Luzia, escola de cegos, eu fornecia filmes sem cobrar. Conta o responsável que as meninas e os meninos cegos ouviam o filme e imaginavam como era a imagem. Quando havia cenas de beijos, a madre, muito rigorosa, baixava o som. Mas a turma reclamava, pois queria ouvir tudo. Cheguei ao ponto de emprestar 14 filmes por semana para este tipo de entidade.

— As catástrofes também me afetaram. Quando aconteceu aquela grande enchente em Tubarão, cidade de Santa Catarina, a rodoviária foi inundada e o filme *Tarzan, o rei das selvas* ficou debaixo da água. Alguns

dias após, devolveram o filme, só que o filme não mais existia: só tinha a película transparente e a maleta toda suja de barro. A água retira toda a imagem do filme. Comparado com as vidas perdidas lá, eu não perdi quase nada.

— No caso do filme que estava no avião que caiu com o Secretário de Educação, Salzano Vieira da Cunha, tive mais sorte. A VARIG ofereceu o seguro pelo filme, mas preferi o filme, que, apesar do buraco que atravessou a maleta de ferro, estava em perfeito estado.

— Tive muita emoção em minha vida, resultado de meu trabalho. Um exemplo disto era a preparação das maletas. Toda maleta de filme era colada com rótulos da Zaniratti Filmes por fora. Uma vez, fui até São Paulo fazer negócio e circulava na Av. São João, quando passei por uma pessoa com uma maleta de filme na mão com o nome Zaniratti Filmes. Fiquei muito emocionado com isto. Muitos exibidores voltavam com os filmes dizendo que não iam me pagar e justificavam, como foi o caso do Cassemiro Veronezi, de Pelotas.

"Geraldo, teu filme é uma porcaria, a gente não enxerga nada. Olha, eu tentei resolver. O filme se passa numa noite. Então, eu comprei umas dez lâmpadas e as coloquei atrás da tela. Na hora das cenas que se passavam à noite, eu liguei todas as lâmpadas. Ficou pior ainda."

— Tinha um padre que nunca mais voltou. Certa ocasião, ele apareceu desesperado. Entrou na minha sala, ainda de batina e disse: "meu salão foi destruído e ainda o povo não me quer mais por lá. Levei um filme daqui e lá pelas tantas a atriz do filme usa uma blusa indecente. Meus paroquianos ficaram revoltados." Neste caso, o programador não se deu conta de que um padre de batina

deveria trabalhar numa região onde qualquer cena mais picante poderia causar problemas. O conceito do que poderia ser público através do cinema era bem diferente de hoje. Hoje, se o filme não tem cenas de sexo e violência, é um fracasso. Quando iniciei, a coxa de fora, de uma mulher, era um escândalo.

— Logo que casei, fui morar na Rua Eduardo Chartier. Nesta rua, subia diariamente o padre Máximi, diretor da Casa Pequeno Operário - Colégio Dom Bosco. Parava para conversar e depois ia para a escola. Foi do padre Máximi que eu comprei o primeiro filme em 16 mm para a minha distribuidora, que foi *A Vida do Padre Dom Bosco*. O tipo de filme já revela um pouco do público que encontrei no interior.

Propaganda do primeiro filme da Zaniratti Filmes - 1953.

— Havia muitas pessoas anônimas que fizeram a cinematografia funcionar, uma delas é o *negrão* Valdemar. Ele morava no palco do cinema Imperial, e depois, no do Cacique. Ele bebia muito. Carregava os filmes para as companhias americanas. Colocava os filmes numa carroça e levava até a rodoviária e depois despachava para todos os exibidores do interior. Numa determinada semana, os exibidores reclamaram porque os filmes não tinham

chegado ao seu destino. Eu conversei com ele, que dizia nada saber. Fui verificar se o mesmo tinha ocorrido com alguma companhia americana. Chegando na Paramount, verifiquei que os meus filmes estavam embaixo da escada, ele não os tinha mandado. Era um homem correto e honesto, mas bebia muito. Ele recebia o dinheiro para despachar os meus filmes e trazia o troco, mas não saía da minha frente sem receber a sua parte, ou seja, ele esperava a comissão. Assim era com todas as companhias americanas e a minha. Ele era do Zequinha. Assistia aos jogos e, antes da partida, ele passava na minha casa e eu dava um trocado para ele se *defender* no campo. Ele brigava pelo Zequinha, até a polícia ser acionada.

— Também fui assaltado. Já era final de expediente, quando um sujeito com um revolver na mão, entrou e gritou a velha frase: "é um assalto! Todos deitados no chão!" Ao deitar, caíram os meus óculos, e o assaltante já engatilhou o revólver. Senti a morte perto. Pegaram o que queriam e nos carregaram para o banheiro, que era muito pequeno. Tinha uma janela que dava para a Av. Mauá. Depois de muito tempo, consegui abrir a janela, fiz sinal para a rua. Um rapaz subiu, e os ladrões o prenderam conosco no banheiro. Coitado, ele não conseguia nem falar, achei até que era mudo. No fim, descobri que estava muito nervoso, acho que por medo de perder o pacote que tinha na mão. Era uma calça de brim que tinha acabado de comprar.

— *Nas situações de crise, houve algum caso que representou um marco para a Zaniratti Filmes?*

— Sim. Foram três grandes marcos que diferenciaram a Zaniratti Filmes em sua característica, em suas relações empresarias e nas alternativas para a saída

das crises. Iniciei a alugar filmes das companhias americanas, aumentando assim o número de filmes. Possuía uma boa lista e procurava sempre aumentar o número de exibidores. Tinha filmes nacionais que, sem dúvida, eram os filmes de preferência do público do interior, na sua maioria analfabetos. Os anos se passaram, procurei melhorar cada vez mais os locais, ficando, na última mudança, em frente à rodoviária. Neste local, coloquei uma faixa bem grande "Zaniratti Filmes", contratei empregados, estando bem melhor a minha situação. Quando o Teixeirinha iniciou a produção de filmes, tive a sorte de ser o distribuidor de filmes como Coração de Luto e mais onze outros que ele produziu. Também da Leopoldis Som, com Não Aperta Aparício, Pára, Pedro. Comecei a comprar os direitos de distribuição dos filmes, mandando fazer cópias em São Paulo. Graças a Deus e ao grande amigo Teixeirinha, consegui me erguer plenamente com a distribuição dos filmes produzidos por ele. Começo citando o Teixeirinha, o irmão que não tive, meu grande amigo e uma pessoa muito boa. Mas muitos não gostavam ou diziam que não gostavam de Teixeirinha.

MAUÁ SERÁ ASFALTADA

Ficará pronta até janeiro, evitando congestionamento na saída da elevada (foto). PÁGINA 6

Capa do Jornal Zero de 15/11/1972, tendo como centro o prédio da Zaniratti Filmes, na esquina da Av. Mauá.

No edifício onde eu tinha o meu escritório, havia também o escritório dos despachantes aduaneiros federais, no lado oposto do corredor. Quando foi lançado o filme Coração de Luto, eu exibia pedaços de filmes para mostrar aos exibidores do interior. Mais de uma vez, chegou um despachante que tinha seu trabalho ao lado do meu e disse: “escuta, vocês podiam evitar de exibir o filme “Churrasquinho de Mãe”?

— Outros fechavam a porta quando o filme era exibido. Então, expliquei ao despachante que o meu negócio era igual ao de todos, inclusive ao dele. Para alugar, eu tinha que apresentar ao meu exibidor cenas do filme. Pouco tempo depois, um empregado deste despachante contou-me que, andando de carona no seu carro, a música no rádio era a do Teixeirinha. Lá no escritório, tinha mandado contra o filme, mas a música no carro revelava que era fã do Teixeirinha. Nunca revelei que sabia disto. Eu tinha 14 cópias do filme Coração de Luto circulando por toda parte. Os exibidores informavam as localidades em que eles iam exibir, porém, uns acabavam exibindo nas praças de outros. Eu não tinha condições de verificar quem passava onde. Houve um caso em que o exibidor chegou com o filme e projetor e lá estavam cartazes anunciando o filme através de outro exibidor. “Geraldo, já tem gente aqui passando o Coração de Luto.” “Olha, faz assim, faz um acerto com o outro, façam propaganda juntos e repartam o resultado da exibição.” Este também era meu papel, procurar conciliar interesses de todos, evitando problemas maiores e até prejuízo.

— Mas como conheceste Teixeirinha a ponto de virar seu amigo?

— Não sabia quem era o Teixeirinha. Ouvi no rádio a

música Coração de Luto. Fiquei apaixonado pela letra e pela música. Imaginei que o filme desta música daria muito dinheiro. Na mesma semana, Ironita ouvia de um médico que Teixeirinha era um dos poucos cantores cujas músicas tinham letras de conteúdo, que dariam um enredo maravilhoso. De cada disco, ele fez mais de 12 mil cópias.
Depois, eu comprei o disco *Coração de Luto* e disse para Ironita que era uma música que daria um grande filme. Isto em 1966. E coloquei no toca-discos. Minha filha, Lídice, começou a chorar e esta foi mais uma razão que me fez compreender que estava certo, daria um bom filme. Neste ano ainda, Odilon Lopes, para quem eu havia conseguido emprego na televisão, contou-me que a Leopoldis Som iria fazer o filme *Coração de Luto*. Conversei com Derli Martinez e confirmei a informação. Custaria uns Cr$ 150 mil cruzeiros. Mesmo sem dinheiro, a empresa *Leopoldis Som* realizou o filme com equipamentos emprestados e outros alugados.
— O primeiro encontro com o Teixeirinha foi numa filmagem. Fui apresentado a ele pelo Derli Martinez, amigo de infância. Depois disto, passei a ter mais contato com ele, pois ele me considerava como o distribuidor do 16 mm e o Elias Poccos como o distribuidor de 35 mm. Assim, ficamos amigos, participávamos das refeições, procurava-me no meu escritório. O diretor do filme era Eduardo Lorendi, e o diretor de fotografia o Américo Pini. A maioria das gravações aconteceu em Belém Velho. A dificuldade para realizar o filme foi muito grande pela falta de dinheiro. As gravações paravam até conseguir um empréstimo para dar continuidade às filmagens. Levou um ano para a produção do filme. Quando não havia sol, a filmagem não saía, pois, na época, não havia tecnologia disponível no Brasil para este problema. Muitas vezes, faltava até

alimentação para a equipe técnica. Quando íamos às gravações, a Ironita levava arroz com galinha e servíamos para todos. A minha família participou de todas essas gravações. A cena do cachorro é um exemplo do tipo de problema que se tinha. O menino tinha que deixar cair o pão no chão, e o cachorro tinha que fugir com o pão. E isto não acontecia, pois o cachorro cheirava o pão e o deixava no mesmo lugar. A cena já tinha sido repetida muitas vezes. A Ironita teve a idéia de colocar um pedaço de lingüiça, que tínhamos trazido para o almoço, no pão, e assim deu certo. Outra cena curiosa, reveladora dos bastidores de um filme, foi a que o Teixeirinha tinha que beijar a Mary no fim do filme.

O diretor achava que Teixeirinha não estava fazendo corretamente a cena do filme. Então, disse o diretor Eduardo: "Teixeirinha, beija direito, se não eu vou aí e resolvo esta cena." Então, ele beijou a Mary. O diretor, feliz com a cena, berrou na frente de todos: "tá, chega, Teixeirinha, parece que está chupando um picolé."

— Uma cena que gerou grande perda de tempo foi a do caixão. O caixão que, no filme, continha a mãe de Teixeirinha, precisava ser pesado. Colocaram pedras. Na hora do enterro, todos concentrados, segurando o caixão quando, de repente, rompeu o fundo, e as pedras caíram. A filmagem foi interrompida por um bom tempo para o pessoal parar de rir. Outras cenas foram difíceis para sincronizar. O Lazzarotto, bandido do filme, tinha que passar a cavalo por uma pedra e dar um relhaço no Teixeirinha. Ao fazer isto, o violão teria que cair na pedra e se quebrar. Esta cena foi repetida 16 vezes, pois não coincidia o relhaço e a queda do violão. Quando uma cena destas era resolvida, todos os presentes batiam palmas.

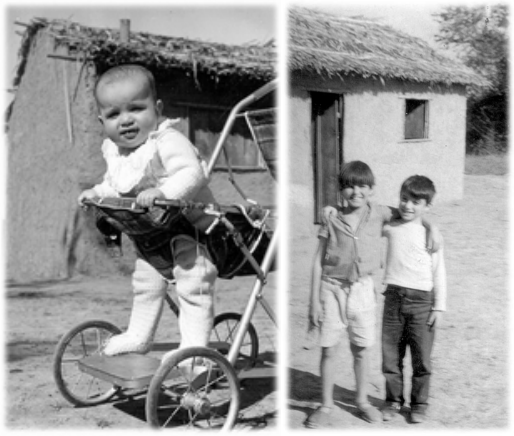
— O menino que faria o papel do Teixeirinha aos nove

anos foi escolhido entre 36 candidatos. O diretor Lorendi iniciou entrevistando um por um e, na quinta entrevista, suspendeu as demais e escolheu o menino. O menino tinha decorado com perfeição todo o texto. Este menino hoje tem uns 40 anos, seu apelido era Mirinho. Esteve no meu escritório há pouco tempo. Ele é hoje motorista de uma firma comercial.

— Eu e parte da minha família participamos dos filmes do Teixeirinha, entre os quais: *Pobre João, Ela Tornou-se Freira e Teixeirinha a 7 provas*. Foi uma pequena participação, mas, para atender o pedido do Teixeirinha, fomos de imediato para os locais de filmagem. Itacir Rossi seria o sócio do filme *Ela Tornou-se Freira*. Neste tempo, Teixeirinha estava fazendo uma plástica na clínica do Pitangui e me ligou dizendo: "Geraldo, estou escrevendo um filme, sabe, do meu jeito. Quero discutir com o Itacir a produção do filme lá em casa. Quero combinar com ele algumas coisas. Podes me esperar no Aeroporto, na Quarta, com o Itacir?"

— Fomos ao Aeroporto e combinamos uma janta na casa dele. A esposa iria fazer uma lasanha. Os casais então se reuniram na casa dele, jantamos e depois fomos conversar sobre o filme. Numa noite de inverno, estávamos lá eu, Ironita, Itacir e sua esposa, irmã do ex-governador Triches, Teixeirinha e a esposa Zoraida. O assunto era a produção de um filme. O Teixeirinha serviu o vinho, e Itacir, como manda o figurino, degustou e acabou rejeitando, dizendo que não o vinho estava bom. Teixeirinha serviu outro e recebeu aprovação de Itacir. Que vergonha senti. Mas parece que Itacir não sentiu o mesmo, afinal, o garrafão foi esvaziado. O jantar foi ótimo, mas o negócio não deu certo porque o Teixeirinha e o Itacir não chegaram a um acordo sobre o controle da

produção. Então, o Teixeirinha resolveu fazer sozinho. Este foi mais um filme que deu certo, foi um sucesso. Neste filme, eu e minha família também tivemos participação: Regina, Antônio, Lídice, o genro Eduardo e a nora Dóris, foram figurantes, dançando à beira da piscina.



Luiz, aos 10 meses, Mirinho, que atuou como Teixeirinha menino, e Augusto. Todos em frente à choupana que representava a casa da infância de Teixerinha no filme Coração de Luto em agosto de 1966.

— *Até que ponto o filme* Coração de Luto *reflete a história da vida de Teixeirinha?*

— Tudo foi real, pois na época só era feito um filme sobre a vida de alguém, caso fosse identificada a realidade dos fatos. A mãe do Teixeirinha realmente sofria de epilepsia e, um dia, ela estava numa choupana varrendo o quintal e colocou fogo no lixo, composto basicamente de folhas secas e palha. Neste momento, ela teve um ataque epiléptico e caiu no fogo, vindo a morrer das queimaduras. A choupana também foi queimada, pois a fogueira estava próxima. Então, tudo é pura verdade.

— O Teixeirinha dizia que sentia muito não haver na época filme colorido. O filme *Meu Pobre Coração de Luto* foi colorido, mas não teve o mesmo sucesso do outro. O

filme *Coração de Luto* foi lançado em 35 mm, no cinema Guarani, na sessão das 14 horas. Estávamos eu e o diretor da *Leopoldis Som* em 1967. Ele estava bastante contrariado, pois achava que o filme não daria bilheteria. Seria exibido em dois cinemas ao mesmo tempo. Eu contrariava a opinião dele. Ficamos até a hora de abrir a bilheteria, a fila já era de quadras e quadras, filas intermináveis. E nem assim ele se convenceu, só mais tarde passou a acreditar. Nas filas, havia pessoas de todos os tipos, até os burgueses que tinham vontade de assistir, mas vergonha de entrar. Ficavam na frente do cinema debochando e pediam para os engraxates comprarem os ingressos, entravam e saíam rapidamente. Foi sucesso total. Depois, no cinema Rosário, e depois outros 12 cinemas. No cinema Rosário, o povo paralisou o tráfego dos bondes. A crítica mandava contra, pois dizia que era “Churrasquinho de mãe”.

— Eu e Teixeirinha ficamos amigos a ponto de ele me convidar para ser padrinho de casamento do filho, Vitinha, Teixeirinha Filho. Fui convidado também para uma linda festa, o casamento da Margarete, filha dele, e nesta festa o Teixeirinha estava tão feliz em me ver que me beijou. Naquela época, era muito estranho um homem beijar outro.

Ele me contava muitas coisas, inclusive situações dele com a Mary Terezinha, pedia orientação e apoio para o que ele pretendia fazer. Por exemplo, ele resolveu fazer o filme e queria escolher o nome. Pediu sugestão e fiz uma lista. Havia gostado mais do nome *Entre a Cruz e o Amor,* que era tema de uma de suas músicas, mas ele usou no filme o nome *Ela Tornou-se Freira*. Ele era muito teimoso, quando ele queria alguma coisa, ninguém o convencia do contrário.

— *Teixeirinha a Sete Provas* era uma história na qual, para que uma viúva pudesse receber uma herança, precisavam ser realizadas sete provas. No final, tudo não passaria de um sonho. Disse para ele: "Teixeira, o público em geral não gosta de filme que termine em sonho, o público gosta de cenas reais." Ele teimou, argumentou e saiu assim mesmo. Este filme não foi bem. Neste, eu participei como figurante fazendo um lorde inglês. Este foi o terceiro filme.

***Cena do filme* Teixeirinha a 7 provas.**

Normalmente, eu fazia 14 ou 15 cópias do filme para que o retorno fosse mais rápido em função do alto custo de cada cópia.

— Do filme *Pobre João,* eu também participei no papel de gerente do Banco do Rio Grande do Sul. Foi um grande sucesso. Este filme ajudou a terminar a reforma da minha casa, que é o meu sexto filho. Todos os filmes ganharam prêmios, mas alguns não foram grande sucesso. Foi o caso de *A Quadrilha do Perna Dura, Meu Pobre Coração de Luto e Teixeirinha a 7 Provas*. Comprei os direitos de quase todos os filmes do Teixeirinha.

— Tive duas grandes tristezas em relação ao Teixeirinha. A primeira foi quando não pude aceitar o convite dele para que fosse padrinho de casamento do Vitinha. Tinha um compromisso inadiável e tive que negar. Aquilo me doeu muito e não tive chance de pedir perdão ao Teixeira. A segunda tristeza foi não ter comprado os direitos do último filme dele, *A Filha de Yemanjá*. Foi o único filme que eu não comprei.

— *Não havia um programa de televisão do Flávio Cavalcanti?*

— É verdade. Flávio Cavalcanti achava que quebrar os discos de Teixeirinha era garantir qualidade na música brasileira. Como está a música brasileira hoje? Melhorou em função dele? A criação de arte é algo que vem de dentro do ser, de seus sentimentos. Nunca agradará a todos, mas para quem gosta será sempre muito importante. Em função deste programa, ocorreram várias brigas entre eles. Teixeirinha, além de ter sido meu grande amigo, do peito, a relação comercial com ele foi um grande marco em minha vida na cinematografia em 16 mm. Depois dos filmes de Teixeirinha, a Zaniratti Filmes nunca mais foi a mesma.

— *E o segundo marco?*
— A IEC - Indústria de Equipamentos Cinematográficos, foi muito importante para o desenvolvimento da cinematografia 16 mm no país. Ela tem uma longa história que começa com um fugitivo de um campo de concentração na Segunda Guerra Mundial. Mensalmente, visitava a IEC com meu filho Antônio, para comprar os equipamentos que eram vendidos na empresa.
Quem fazia as compras era meu filho. Eu ia junto porque gostava muito do Rudi e de toda aquela turma. Ficava no gabinete com Rudi conversando por horas. Rudolf era seu nome, Rudi seu apelido. Era muito alegre e brincalhão, uma pessoa de temperamento forte, um homem rude e de muito bom coração. Ele e mais Ary chefiavam a IEC. Passávamos quase o dia todo juntos, inclusive almoçávamos. Nossas conversas eram interrompidas pela dona Maria que trazia um cafezinho especial para mim. O Rudi então me contava muitas histórias. Era muito interessante a história da vida dele. Ele era chefe de tanque de guerra na Alemanha nazista. Era 1945, ele já não agüentava mais a guerra. Nos intervalos, conversava com os demais soldados. Começaram a surgir boatos de que a guerra havia terminado. Ele e mais alguns colegas resolveram fugir do campo de batalha. Estavam com medo, mas, mesmo assim, fugiram para o lado contrário às tropas da Alemanha. Pelo que ele contava, a guerra já havia terminado, estava naquele período de negociações. Mesmo assim, fugiram a pé. Nessa fuga, passaram 15 dias caminhando pelo campo, comendo folhas, flores e capim. Foram capturados pelos inimigos da Alemanha e levados para um campo de concentração, possivelmente na França. Ele me dizia: “Geraldo, assisti coisas horríveis lá dentro. Nunca vou me esquecer. Era uma tragédia,

outra e mais outra todos os dias. Um prisioneiro matou o outro com um tiro para pegar o cigarro que já estava sendo fumado pelo que morreu."

— Lá, ficaram pouco tempo e fugiram novamente. Saíram do campo de concentração e voltaram para o lado da Alemanha. No entanto, no dia seguinte à fuga, a guerra já havia realmente acabado. Chegando à Alemanha, conseguiu vender a sua propriedade. Comprou espaço em um navio mercante e foi embora para os EUA. Lá, por ser mecânico, conseguiu trabalhar em uma oficina de projetor de cinema. Era uma mão-de-obra barata para os americanos, um estrangeiro chegado de um país derrotado. Fez alguns amigos que lhe contaram que era muito bom viver na América do Sul.

Outros diziam que o Brasil era o melhor país. Neste tempo, conseguiu acumular algum dinheiro que, somado ao que ele tinha trazido, facultava-lhe viajar para o Brasil. Mas havia um problema, dizia ele: "se não tivesse batata, eu não iria. Já passei muita fome, agora quero viver num bom lugar. Vou para onde tenha batata, sabe, Geraldo. E vou para um lugar onde se possa viver bem com pouco dinheiro."

— Então, ele resolveu ir ao consulado brasileiro, nos Estados Unidos, para perguntar se no Brasil havia batata e se era barato viver. Segundo Rudi, ele foi muito bem recebido pelo cônsul brasileiro. O cônsul respondeu que existiam vários tipos de batata, a inglesa, a doce, e outras. Então, resolveu vir para o Brasil, escolheu a cidade do Rio de Janeiro. "Não me senti bem e resolvi ir para São Paulo e também não gostei."

— Em São Paulo, havia muitas possibilidades de trabalho para ele, mesmo assim queria ir embora. Até que resolveu seguir o conselho de um amigo de lá. "Olha, do jeito que

você quer viver, só tem um lugar, é a cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul."

— Então, ele veio e alugou uma garagem na rua Barros Cassal e passou a fazer conserto de projetor de cinema. Descobri o Rudi, através de alguém que havia consertado um projetor de cinema com ele. Eu o procurei porque necessitava de conserto de projetores. Com o tempo, passamos a conversar e ficamos bons amigos. Eu dizia para ele que deveria estudar uma forma de construir um projetor de cinema para 16 mm. Ele dizia que era difícil, mas resolveu tentar. Afinal, mecânica era com ele mesmo. Depois de algum tempo, ele abriu uma empresa na Av. Alberto Bins, com loja. Começou a estudar, planejar um projetor de cinema, começou a juntar as peças para fabricá-lo. Outros amigos, como o Carlos De La Rocha e o doutor Monteiro, juntaram-se a mim para convencê-lo e incentivar a construção do tal projetor 16 mm. Sempre que podíamos, passávamos para ele detalhes de outros projetores que a gente conhecia, principalmente os defeitos mais comuns: como cada projetor estragava a perfuração dos filmes ou que partes dos projetores estragavam mais.

O primeiro projetor foi uma desgraça, pois, apesar de a Mesbla ter comprado toda a produção, os exibidores retornavam com o filme totalmente estragado. Então, reunimo-nos novamente e dissemos porque estragava o filme, problemas de iluminação e etc. Até que ele chegou a fazer projetores de qualidade, superando os americanos. Os produtos importados do Projetor de Cinema da IEC eram as lâmpadas, as lentes e a foto-célula que fazia a leitura do som. Todo o restante era fabricado pela IEC. Da Alberto Bins, ele foi crescendo e iniciou a fábrica na Casa do Pequeno Operário, ao lado do Colégio Dom Bosco.

Continuamos comprando os projetores. As condições de trabalho dos operários não eram boas. Quando necessitavam de uma ferramenta, tinham que pedir para o outro, ao lado. Sentavam em bancos de madeira. Aos poucos, ele foi comprando equipamentos e melhorando as instalações da fábrica. Com isto, crescia mais a produção. A fábrica já estava pequena, então foram para a Av. Farrapos. Todas as manhãs, quando eu ia para a Zaniratti Filmes, passava pela fábrica, tomava um café com o Rudi e o grupo, e às vezes já comprava um projetor novo para vender. A produção crescia, e outros equipamentos eram fabricados como os projetores de *slides*, por exemplo. Pretendiam produzir também projetores para transparências. Depois de algum tempo, ofereceram uma terra de graça para ele construir a fábrica em São Leopoldo. Ele aceitou o desafio. Lembro-me claramente de um fato marcante em nossa amizade. Havia um funcionário chamado Alex, que era muito dedicado. Por alguma razão, Rudi brigou com Alex, que pediu demissão. Alex, depois de algum tempo, me procurava para dizer que a família dele era a Empresa IEC. "Geraldo, fala com o Rudi. Eu quero voltar, gosto muito de lá." Resolvi ajudá-lo, telefonei e conversei com Rudi. Ele ouviu e me disse: "Alex quer voltar? Mande ele me procurar."

— Apenas me disse isto. Alex foi conversar com ele, e Rudi recebeu-o de volta e deu a responsabilidade de organizar a construção da nova fábrica em São Leopoldo. Esta fábrica passou a produzir produtos de plástico, telas de arames e até material fotográfico.

Assim nasceu a IEC, o único projetor fabricado na América do Sul em 16 mm. Era superior na qualidade e na assistência técnica também. Atualmente, ninguém mais fabrica este equipamento, porque acabou o comércio de

filmes 16 mm. De uma simples amizade, cheguei a ser fundador e acionista da IEC, da qual muito me orgulho. Mas foi mais que isto: através da IEC, fortaleci minha amizade com De La Rocha e Monteiro.

— *E o terceiro marco?*

— A Zaniratti Audiovisuais foi um marco muito importante por várias razões. A criação da loja foi uma mudança na atividade da Zaniratti Filmes. Havia uma mistura do cinema 16 mm com um outro ramo de atividade comercial que vinha surgindo. A venda e a locação de equipamentos crescia a cada dia. Sempre foi um assunto em que eu não me envolvia muito. Portanto, de um problema, com a ajuda de meu filho Antônio, criamos uma solução, ou seja, uma nova empresa que é uma referência na cidade na sua especialidade. A partir desta loja, meus filhos puderam exercitar suas qualidades profissionais no balcão, em que eu nunca fui bom, e outras que realizo até hoje, como a arrumação da vitrine. No início, era tudo difícil, até mesmo cobrar uma conta. Antônio tinha um cliente que já lhe devia a locação de equipamentos por vários meses. Ele ligava para o tal cliente, e ele nunca estava para atender o telefone. Como de rotina, Antônio ligou novamente, já muito irritado: "eu quero falar com o senhor X, disse Antônio."

— *Quem deseja? Falou a voz doce e suave no outro lado.*

— *Aqui é o José Antônio Zaniratti.*

— *Momento, por favor.*

— Ao telefone, o senhor X logo começou a justificar-se:

— *Olha senhor Daudt, houve um engano e já vou mandar o pagamento.*

— Antônio não entendeu o fato de ter sido chamado de Daudt, mas ficou só ouvindo. De fato, trinta minutos depois lá estava o pagamento.

A secretária deve ter confundido o nome de meu filho com o ex-deputado Antônio Daudt, que na época tinha um programa na televisão que criticava todo mundo que não andava na linha. O senhor X achou que o proprietário da loja era o Daudt. Confusão ou não, recebemos tudo o que ele devia.

— Lembro-me de um caso entre tantos que vivi na loja. A loja possuía uma garrafa térmica com café para que os clientes pudessem servir-se. Numa manhã de inverno, fria, de 1995, o café foi muito procurado e logo terminou. Estava parado no balcão e percebi que havia um cliente sacudindo desesperadamente a garrafa térmica para sugar as últimas gotas. Achei aquilo muito curioso e comentei o fato com um outro cliente:

— *Olha só como aquele cara gostou do cafezinho!*

— O cliente observou o outro que lutava para obter mais algumas gotas de café e me falou:

— *Ele é meu pai.*

— Mas o mais dramático e cômico ao mesmo tempo é quando um cliente chega no balcão e pergunta: “o Geraldo Zaniratti ainda vive?” E eu ali, escutando.

E a Dipa Filmes? Era uma concorrente também? Porque ela foi criada?

— Criei outras distribuidoras para *pescar* os devedores. Alguns exibidores não pagavam os aluguéis dos filmes e então procuravam a outra distribuidora para alugar. Então, eu conseguia cobrar antigas dívidas ou até fazia um valor que cobrisse os débitos anteriores. Abri a distribuidora Sacra Filmes, Cacique Filmes e Distribuidora de Filmes Brasileiros. Isto aconteceu na década de 50. A DIPA - Distribuidora de Filmes Porto-alegrense, foi um pouco diferente. Em 1953, fui convidado para cuidar da filmoteca de 16 mm da Mesbla. Eu não tinha condições, porque

estava iniciando a Zaniratti Filmes. Mas disse que poderia organizar o departamento, indo duas ou três vezes por semana, e colocaria permanentemente um empregado para atender. A Mesbla não aceitou, porque eu teria que ser empregado da empresa. Então, comprometi-me a indicar uma pessoa para ser contratada. O Hercílio foi a minha indicação.

Ele, que trabalhava na Ópera Filmes na época, passou a trabalhar na Filmoteca de 16 mm da Mesbla. Esta filmoteca tinha filmes de muitas empresas independentes, formando uma vasta filmoteca. Com o tempo e as modificações do mercado do 16 mm, eles foram perdendo o interesse pela filmoteca, indenizaram o Hercílio e me ofereceram os filmes. Eu comprei toda a filmoteca e a coloquei no meu escritório. Para ajudar Hercílio, abri na rua Caldas Júnior, próxima ao meu escritório, uma distribuidora de filmes, chamada Dipa Filmes. Aluguei este lote de filmes e ele colocou o seu genro de empregado.

— No decorrer dos anos, senti-me mal com alguns acontecimentos na Dipa. Todos os dias, eu tomava um cafezinho com meu filho e com o Hercílio. Num destes cafezinhos, eu percebi que ele tinha escrito uma carta para uma empresa de São Paulo. Ao chegar perto da mesa, onde estava a carta, ele a virou. Isto foi como um tiro em meu coração. Eu senti muito. Em outra ocasião, mandei vários materiais de propaganda de filmes. Como percebi que o material não voltava, mandei buscá-lo. Ele disse que o material era de patrimônio da Dipa Filmes. Em 1966, ele não foi solidário comigo diante da situação que vivi com a apreensão, pela Censura Federal, de 200 filmes meus. Ele não tinha muita sensibilidade para tratar com as pessoas. Sempre que ele comprava filmes, perguntava se eu estava interessado por algum. Em uma ocasião,

comprei um filme dele e não paguei, éramos sócios ainda. Ele mandou me cobrar na véspera de Natal. Essa foi a gota d'água. Eu resolvi terminar com a sociedade e o perdoei. Ele continuou meu amigo. Falei com o Elias e contei para ele a situação: "Vamos fazer assim, Geraldo, eu apresento uma proposta pra ti para comprar a DIPA e aí tu fica em condições de negociar com Hercílio."

— Elias fez uma proposta de compra da DIPA e, como o Hercílio não queria se desfazer da DIPA, resolveu comprar minha parte e, claro, não vendeu para o Elias. No decorrer dos anos, eles venderam para outros, fazendo com que a DIPA virasse uma concorrente.

O tempo nos aproximou novamente. Nos encontramos em algumas partidas de futebol no Esporte Clube São José e voltamos a conversar. Ele pediu que o levasse para conhecer a IEC. Então, levei-o até lá e ele ficou muito feliz. Logo a seguir, ele faleceu aos 82 anos.

— Em minha vida, ocorreram muitos fatos estranhos, curiosos, histórias comuns também. Algumas delas lembram decepções, outras uma pessoa conhecida de muitos, uma situação engraçada. Ao relembrar cada uma, não faço para reviver um passado inútil. Não há uma experiência na vida com a qual não se possa aprender.

— *Inclusive de golpes?*

— Sim, inclusive de golpes. O caso das figurinhas do Tarzan não foi um golpe, mas me senti enganado. Fui abordado no DCT por um amigo de nome S., que estava lançando umas balas com figurinhas.

— *Geraldo, estou ganhando muito dinheiro.*

— *Como?*

— *Fiz um álbum de figurinhas do Tarzan. Elas vêm dentro das balas e, quando o álbum está completo ou quando há uma figurinha premiada, a pessoa ganha um prêmio.*

— Então, é isto?
— Sim, no dia do lançamento das balas, a fila tinha duas quadras e eram cinco horas da manhã, imagina. Mas preciso fazer um comercial para divulgar que tem gente ganhando. Tu podes me ajudar: ganharias, publicamente uma máquina de costura. Depois, eu troco por outro brinde. Isto é só para me ajudar.
— Está bem, eu ajudo.
— Imaginava ganhar um grande brinde para ajudá-lo. Avisei meu colega de trabalho e fui até lá. Os prêmios eram entregues na Siqueira Campos onde era o auditório da Rádio Gaúcha. Quem fazia esta propaganda na Rádio Gaúcha era um amigo radialista muito famoso, em atividade hoje. E recebi o prêmio na frente de várias pessoas, mas à noite ele foi levar realmente, o verdadeiro brinde que ganhei, uma boneca.
— E os carros? Alguns entravam como pagamento?
— Lembra do Chevette, Geraldo? — Lembrou Ironita.
— Sim, uma vez aceitei um Chevette como pagamento por meses de aluguel de um filme. Eu sabia que o cara não pagaria. Dei de presente para Regina, nossa filha. Mas era cômico, o carro andava de lado, havia sido batido e, em dia de chuva, Regina corria perigo de se afogar no carro, chovia mais dentro do que fora.
— Tive muitos carros velhos como Hudson, Studebaker, Ford 39, Chevrolet 49, Austin A40, Ford, que as crianças chamavam de “Fer Laine”, azul e branca, Mercury, Impala, DKV, Brasília amarela, Opala e Sinca Tufão, que meu filho Antônio usava. Eu gostava dos carros hidramáticos, mas, quando não podia mais comprar os importados, passei para os nacionais. Com o Studebaker, passei um susto. Eu não sabia dirigir. Estava aprendendo com o meu concunhado, o Joffre. Um dia, estava indo para São

Leopoldo, sem carteira de motorista. No lado contrário, estavam as barracas da polícia fazendo uma vistoria. Eu esperei bastante tempo para voltar, mas eles iriam passar a noite fazendo vistoria e tive que passar. O guarda mandou encostar e pediu os documentos. Fingi que estava procurando e não encontrando, é claro. Então, para não atrapalhar o trânsito, o guarda mandou que eu encostasse na barraca ao lado, pois eu já tinha cometido uma infração por estar sem uma das sinaleiras do carro. O carro estava cheio, com filhos, mulher, sogra. As crianças começaram a chorar com medo. Eu abri o capô, acelerei, fiz uma onda. Baixei o capô do carro, engatei uma primeira, e acelerei. Meti o pé no acelerador. As crianças diziam:

— *Corre, pai; corre, pai; corre, pai, vem vindo uma moto lá trás.*

— Então, acelerei mais ainda. Corria mais, e a moto continuavam me perseguindo. Já estava próximo do aeroporto e avistei uma rua escura, entrei e fiquei ao lado de uma árvore. Então, a moto passou. Era um particular, não era a polícia. O susto foi grande.

— Com a Mercury, acabei roubando um carro sem querer. Fomos com a Julita e o João Kralik, nossos compadres ao Teatro Leopoldina.

O Joffre Miguel, então gerente do teatro, conseguira convites para assistirmos a uma peça. Cheguei e encostei o carro em uma ladeira que vai da Independência até a Osvaldo Aranha. Na saída, fomos a um bar ali perto. Ao sair, dei uma ré, pois, como a Mercury era muito pesada, por segurança, os pneus da frente estavam contra a calçada para segurar bem. Na ré, notei que havia dado uma batidinha no carro que estava atrás de mim, mas, não me preocupei, foi de leve. Saí e, pelo espelho, vi que atrás

de mim tinha um fusca me seguindo bem colado. Depois, notei que havia algumas pessoas correndo e gritando no meio da rua. Continuei. Passei pelo Kralik e ele me fez sinal para parar. Estranhei, mas, parei. Eu havia engatado na traseira de meu carro um fusca e estava carregando junto e já estava chegando na Osvaldo Aranha. Acreditei que o proprietário do fusca fosse querer brigar comigo, mas, pelo contrário, foi uma farra. Dei o meu cartão para ele cobrar a sinaleira que eu quebrara, mas ele nunca me procurou.

Em cada pequeno fato, observava a história de alguém comum, mas que somada a de tantos homens e mulheres comuns, poderia reconstituir páginas de história nunca escritas, de uma fuga em um campo de concentração em 1945 até a constituição da única fábrica de projetores de 16 mm da América Latina. Uma empresa que nasceu, como o caso da Zaniratti Filmes, da obstinação pela independência econômica de um casal e pela antiga paixão pelo cinema. De uma música ouvida no rádio, surgiu uma amizade, muitos negócios que foram capazes de marcar as vidas de milhares de pessoas através das telas brancas em salas escuras dos cinemas.

O desejo de mostrar o cinema era tão forte que até mesmo as calçadas na Vila do IAPI foram alvo das projeções de filmes de todos os tipos. Portanto, nada mais natural que o motorista de táxi conhecer alguém que sempre esteve disposto a servir e colocar à disposição o que havia de mais moderno e que lhe era mais caro.

VI

Voltei para a casa de contos de fadas. Sim, existem certas casas que se parecem com as das histórias infantis. Casas grandes, cheias de bibelôs, de enfeites musicais, luzes piscando, objetos antigos e fotos amareladas como as de nossas bisavós. Precisava voltar a um assunto não comentado ainda: os personagens daquela casa, as Marias e os Josés e a própria casa, tão amada quanto os filhos.

Desci de um ônibus que veio por caminhos diferentes dos habituais. Ao meu lado, havia um imenso muro. Um barulho de fábrica era forte. Claro, estava ao lado da Zivi-Hércules, fábrica que acompanhou a vida de Geraldo e Ironita por longos anos. E o muro? Sim, o velho e bom muro do *Gigante do Valão*[9], o Esporte Clube São José, descrito em prosa e verso por Geraldo. Uma de suas paixões. O Clube estava lá, apenas o valão tinha sido domesticado por paredes de concreto que não o esconderam por completo do caminho antigo das águas sujas do esgoto.

Geraldo foi do Conselho Fiscal do São José durante anos, ajudou a contratar jogadores e tudo que um dirigente de clube poderia fazer. Lembrei de um episódio revelador do que representa Geraldo no Clube. Conta Geraldo que foi convidado para uma festa, um coquetel, preparado para homenagear a estréia de um novo jogador, chamado Flávio. A festa aconteceria no intervalo de um jogo do São José. Geraldo não sabia de nada. Na arquibancada

---

[9] Esse foi o apelido dado por Geraldo ao Clube, fazendo alusão ao Córrego à céu aberto que passava ao lado do Clube, que sempre foi chamado por todos na Vila do I.A.P.I. de *"valão" (Vala grande)* hoje transformado em conduto forçado pavimentado. Tudo isso por o Internacional tem seu estádio apelidado de Gigante da Beira Rio, pois, situa-se ao lado do Rio Guaíba em Porto Alegre.

chegaram Alexandre, filho de Mary Terezinha com Teixeirinha, e o atual marido Ivan Trilha. Dirigiram-se para cumprimentar Geraldo e seu companheiro de futebol dos últimos tempos, Hercílio.
Todos assistiram ao primeiro tempo da partida de futebol. No fim do primeiro tempo, Geraldo e Hercílio foram convidados para o coquetel pelo presidente do clube. Depois do coquetel, Mary Terezinha e Ivan Trilha agradeceram como se Geraldo tivesse oferecido o coquetel para o sobrinho de Mary, o jogador estreante, Flavio. A figura de uma pessoa pode representar mais do que ela mesmo imagina.
Chegava próximo da casa. Geraldo estava abrindo a caixa de correspondência no pátio.
— *Tua casa é uma obra preciosa para ti, não?*
— Muitas coisas aconteceram em minha vida e muitas delas foram nesta casa. Guardo aqui arquivos, por exemplo. Perdi alguns filmes roubados por exibidores, velhacos que levavam os filmes ou devolviam muito tempo depois e para estes tenho um arquivo com a "lista preta" com todos os devedores, inclusive deputados, um deles com mandato atualmente, que faziam campanha eleitoral com meus filmes; criei e eduquei os meus cinco filhos; construí minha casa onde vivo até hoje; fui Conselheiro do São José, o Zequinha. Foi isso que conquistei nestes anos.

Casa de Geraldo e Ironita na Av. Assis Brasil, o sexto "filho".

— *E a casa? É uma das paixões?*
— A casa que construímos é como se fosse o sexto filho. É meu único patrimônio depois de tanto tempo de trabalho. Aposentei-me depois de 56 anos de trabalho para não prejudicar o INSS e, no entanto, só consigo sobreviver graças à empresa do meu filho Antônio. Se não fosse isto, eu teria que ser porteiro de cinema. Minha casa foi cuidadosamente planejada, peça por peça. Todos se esforçaram muito para que chegássemos a ter esta casa, que foi construída por um profissional de jardim. Esta era a profissão do mestre-de-obra que pegou a empreitada. Tenho muito orgulho dela e de todas as pessoas que recebi aqui.
— *Que pessoas?*
— Foram muitas. Lembro do Alberto Ruschel, que como ator, fez o filme *O Cangaceiro* e mais uns quantos filmes, sempre como mocinho. Ele fez também um filme em Torres, que se chamou *Pontal da Solidão*. Ele quis exibir este filme em 16 mm para uma médica do Hospital Espírita, amiga dele. Então, me pediu para exibir no meu escritório, mas eu não tinha um local adequado, pois o local possível era um sótão muito quente. Como na minha casa eu tenho um cinema com várias poltronas, ofereci o local. Ele marcou data e horário e realmente veio, inclusive chegando antes de mim. Eu já havia combinado com Ironita: "Ironita, o Alberto Ruschel vem aqui amanhã para assistir um filme." Então, antes da hora combinada, ele bateu na porta e Ironita foi atender.
— *O Geraldo está?*
— *Não, ele vai chegar em seguida, pois estamos esperando o senhor Alberto Ruschel para assistir um filme aqui — disse Ironita para o próprio Alberto Ruschel.*
— *Acontece que fazia mais de quarenta anos que não o*

víamos e ele já estava de cabelos brancos. Que vergonha eu passei. Mas nunca poderia imaginar, pois, em minha cabeça ele era aquele galã que me acostumei a assistir no cinema. Coisas do cinema.

— Muita gente morou por aqui, como o Gildo de Freitas, cantor tradicionalista, o Ênio Andrade, que foi jogador do São José e grande técnico. Havia também uma garota chamada Elis Regina, que morava aqui na Vila do IAPI, amiga e colega da Lídice. Eram adolescentes, muito amigas, brincavam de cantar juntas aqui em casa e estudavam na escola pública estadual Dom Diogo de Souza, na zona norte de Porto Alegre. Nesta escola, eu e Ironita participávamos do Circulo de Pais e Mestres, presidido na época por Ary Rêgo, que era um animador da Rádio Farroupilha, e sua esposa fazia parte do corpo docente da escola. Às vezes, organizávamos festas para angariar fundos para a escola. Elis Regina geralmente cantava nas festas. Lembro que, em uma delas, o Ary Rêgo ficou responsável por animar a festa com muitos brindes, prêmios e brincadeiras.

— *E agora, senhores e senhoras, um sorteio cujo prêmio será uma viagem ao redor do Mundo.*

— Foi aquela euforia. Eu nem me preocupo com estas coisas, pois jamais ganho qualquer sorteio.

— *Atenção, o número sorteado é 13.*

— Era o meu número. Fiquei feliz, mas a vergonha era enorme. Eu teria que ir até lá, no meio de toda aquela multidão. Ele me chamou e, de mãos dadas, me levou até a frente daquele povo. Não sabia o que dizer de tanta vergonha. Pior, sim, ficaria ainda pior depois do que ele aprontou. Mandou que trouxessem uma cadeira, colocaram sobre ela o globo terrestre de plástico e, de mãos dadas, me fez dar uma volta ao redor da cadeira. E

depois disse:
— *O senhor Geraldo acaba de dar a "volta ao mundo", conforme o prometido.*
— A multidão caiu na risada, e eu levei na esportiva, não tinha outro jeito. Elis cantava tão bem que, certa vez, o Ary Rêgo a convidou para cantar na Rádio Farroupilha. Seu sucesso começou assim. Ela lanchava muitas vezes em nossa casa e, na companhia de Lídice, ia para a Rádio Farroupilha cantar no Programa Clube do Guri.
Possivelmente, através dele, ela tenha chegado em São Paulo. Mas a minha filha ficou muito decepcionada com ela. Alguns anos depois, ela já fazia muito sucesso, quando apresentou-se no Teatro Leopoldina. Lídice e meu sobrinho Julio foram assisti-la. No fim do *show*, Lídice e Julio foram aos camarins para conversar com ela, matar saudades. Elis não reconheceu minha filha. Não sei o que aconteceu com Elis, mas nós temos muito orgulho de ser o que somos, de todos os nossos filhos terem freqüentado escolas públicas e de morar na Vila do IAPI.
— *Que outras pessoas estiveram aqui?*
— Brizola, quando voltou do exílio, e mais uma comitiva de 16 deputados atingidos pela ditadura militar; João Satte; Mary Terezinha; Coronel Neme; o aviador Daudt, um dos que rebelou-se contra o golpe e que depois foi cassado; o comandante Carta e outros. Nesta casa, criei meus filhos.
— *Cada um deles é tão diferente do outro como os dedos de nossa própria mão, interrompeu Ironita. Lídice tem um coração de ouro, faz tudo pelos outros sempre, mas às vezes fica muito furiosa. Antônio é sempre calado e gosta muito de ouvir, é uma pessoa boa que não demonstra nada, faz o bem sem que ninguém saiba. Ele mudou muito, sinto que está mais feliz. Regina, a mulher que está*

fazendo algo, entrava em casa "sempre de costas", pois entrava e dizia que já estava de saída. Regina é pessoal e profissionalmente assistente social, uma profissão que é a expressão de sua vida.

— Com Lídice e Regina, tivemos os genros que pedi a Deus, Eduardo e Edgelson. São ótimos pais e bons maridos, completou Geraldo.

— *Augusto, muito levado, foi cuidado na infância pela Regina. Política e partido sempre fizeram parte de sua vida, tanto que, numa época, viajou fugido para a Bahia, até hoje não entendi porquê. Foi de mochila e voltou de avião, doente. Luiz sempre foi o nenê da família, mimado por todos, muito inteligente e ama os carros.*

Cada filho foi criado dentro de condições financeiras e conjunturas políticas distintas. O cenário foi o labirinto formado pelas ruas da Vila do IAPI, escolas públicas e vizinhos que cresceram juntos.

Lídice e Antônio passaram por momentos de fome, falta de remédios e insegurança com o dia de amanhã. Regina nasceu num período de crise política no país, os brasileiros haviam ficado "órfãos" do "Getúlio". Augusto e Luiz cresceram com a ditadura militar, quando a expressão *autoridade* era sinônimo de *autoritarismo*, época em que não havia fronteira entre ordem e repressão, não havia diferença entre amar e obedecer cegamente aos assaltantes do poder e do medo generalizado. Depois de tanto tempo, imaginava o que cada um havia marcado para Geraldo e Ironita. Algo era certo, falavam com orgulho de cada um dos filhos, de seus feitos. Naquela casa, cada filho era uma marca na parede e, em cada canto, havia uma marca de história. Ali, estavam marcas sagradas como os 36 complementos do então governador Leonel de Moura Brizola, das goteiras e

enchentes provocadas pela lama que saía do *valão*, da reforma que virou construção, do cinema que sempre foi o altar sagrado que alimentou a paixão de todos, dos roubos, dos visitantes ilustres, das festas de fim-de-ano e das noites intermináveis de filmes exibidos para o trabalho na manhã seguinte. Os quartos dos três últimos filhos ainda estavam lá, os mesmos móveis, agora com finalidades diferentes.

— Os nossos filhos foram todos muito levados, cada um gerou um tipo de crise na família. Lídice, quando criança, subiu com uma cadeira em um armário e abriu uma lata de soda cáustica. Tínhamos soda cáustica em casa para que fosse colocada numa solução com água no tanque, para retirar a "gelatina" de filme que não podia mais alugar. Desta forma, o filme ficava transparente. Assim, eu produzia o "rabicho" que era colocado na ponta dos filmes, evitando a perda de partes do filme na hora da projeção. A menina achou interessante, passou o dedo e colocou na boca para experimentar.

— *Foi um drama, peguei um táxi, sem nenhum tostão no bolso e fui para o Pronto Socorro. Graças a Deus, ela não chegou a engolir, disse Ironita.*

Lídice possui lembranças de sua infância sempre envolvida por filmes e pelo *balet*.

Descreve, em uma carta escrita quando pequena, a marca da pipoca, batata frita e seriados que assistia nas tardes de sexta a domingo, nunca sem antes soletrar *The End*. A glória era poder adiantar aos amiguinhos e professores o fim dos filmes que eram passados nos cinemas em forma de seriados que continuavam na semana seguinte.

— *Lembrar de Geraldo e Ironita é pensar em rolos de filmes, máquinas velhas e pesadas, muito trabalho e uma vontade imensa de garantir o sustento dos cinco filhos,*

esposa e sogra. Tivemos em nossa casa todo o conforto, sempre entre amigos, primos e vizinhos. Nascemos e crescemos na vila do IAPI e tivemos vizinhos que representaram para nós uma infância de sonhos, solidariedade e bastante carinho. Participamos de tudo, tristezas, festas, desentendimentos, política, repressão, lágrimas, mas, sempre, no meio, havia uma apresentação triunfal de uma nova película adquirida pela Zaniratti Filmes. Entre uma e outra "cara feia" de Ironita, as regras eram cumpridas à risca. Entre os tios e primos Goyer e Kralik, vivemos momentos deliciosos de comemorações inesquecíveis como contos de fadas com direito a reprise, gravados em vídeo ou em antigos filmes 8 mm. Tantos vizinhos como Cláudio Campos, hoje diretor de um Hospital em Caracas, o Alemão Ecker, em São Paulo, a Gilda e seu irmão Gilberto, o Soneca, músico, e sua querida irmã, Marlene. Crescemos entre brincadeiras, como campeonato de ping-pong *na Vila, até a venda de ingressos e limpeza do salão no final da exibição. Realizamos travessuras pesadas como roubar a chave do carro e passear pelas ruas do IAPI e depois agüentávamos as conseqüências de ser denunciados pela mana mais nova. Contamos com Lydia, nossa avó materna, severa, companheira, protetora e muito amiga e sempre mais animada nas festas e bailes do que a gente mesmo. Com Geraldo e Ironita, não vi o tempo passar e a eles devo minhas virtudes. Aprendi a ser clara, sem rodeios nem segredos, a valorizar a vida e os meus semelhantes; aprendi que menina pobre e pequena pode amar a arte de dançar e cultivar esta paixão em outras meninas pequenas; aprendi a amar profundamente, sem afagos, sem beijos e abraços, mas me entregando inteira a todos que são motivo de meu amor.*

Aprendi que ter filhos é considerá-los como iguais, com seus defeitos, contradições e qualidades, distribuindo a todos o que realmente cada um precisa. Aprendi sobre a força da união familiar que, sempre de mãos dadas, é capaz de resistir a tempestades de tristezas, inundações de mágoas, de perdas de pessoas e coisas. Herdei o sorriso debochado eclético com que se percebe e se sente tudo o que nos cerca. Assim, agradecer-lhes é apregoar, neste minuano, gelado, constante e cálido, que A Vida é Bela.

— Nosso filho Antônio, sempre muito quieto, silencioso. Aos onze dias de idade, foi esquecido em uma festa de Ano Novo.

— *Foi meu primeiro e único pileque em toda minha vida.*

— *Foi mesmo. Tua mãe, disse Geraldo, conta assim: Geraldo e Ironita foram à festa de Ano Novo de 1948 na casa de Julio Goyer, pai do Joffre, na rua Coronel Feijó. O Joffre e o Julio eram especialistas no boller, uma bebida feita com abacaxi, champanhe e açúcar. Ironita foi chamada para experimentar o que cada um havia preparado e começou a tomar e tomar.*

— *Eu não podia desagradar nenhum deles, então, ia experimentando e comentando a qualidade da bebida e o que estava faltando, disse Ironita.*

— O problema é que ela ia comendo o abacaxi, aí o efeito fica pior. Também entrei no embalo. Festejamos a virada do Ano Novo, ficamos até muito tarde ou muito cedo do dia primeiro do ano. O Antônio tinha nascido no dia 19 de dezembro. Morávamos na rua Eduardo Chartier, n.º 71, ali perto. Quando chegamos em casa foi que me dei conta de que o havia esquecido na festa.

— *Ironita, esquecemos do Antônio.*

— Mas Ironita caiu na cama e ali ficou, sem se mexer.

Voltei para pegar o Antônio. No dia seguinte, Ironita não lembrava de nada e só acredita no fato de ter esquecido do filho, porque todos contam para ela. Antônio era muito quieto, e a gente nem percebia a presença dele. Um dia, quando percebemos, ele havia comido um vidro inteiro de *Vick Vaporub*[10]. Na sua infância, Antônio me deixou em situações embaraçosas.

Eu tinha um amigo que gostava muito de cinema e, sempre na hora do almoço ou da janta, ele resolvia fazer perguntas sobre filmes e outras coisas. Um dia, eu disse para minha mulher:

— *Ironita, este professor é chato, grudou em mim, é um* durex.

— Alguns dias depois, Antônio abriu a porta e anunciou:

— *Pai, o seu* durex[11] *chegou.*

— Não briguei com ele, pois o erro foi todo meu e, provavelmente, não foi meu único erro. Entre erros e acertos, fui procurando educá-los, só o tempo vai dizer se erramos ou acertamos. Quando ele tinha 14 anos, uma vizinha me chamou e disse:

— *Geraldo, encontrei o Zé fumando.*

— Chamei-o num canto e conversei com ele de forma direta, mas sem mencionar a vizinha. Pensei no que fazer. Ele tinha 14 anos e, naquela época, a roupa que a gente vestia era muito importante para mostrar o que éramos. Um guri de 14 anos queria muito ser homem.

— *Olha, eu te vi fumando. Tu estás fumando?*

— *Sim, pai.*

— *Eu te proponho uma troca. Eu te dou de presente uma fatiota completa, feita sob medida por alfaiate, e tu páras*

---

[10] **Vick Vaporub é um antigo remédio, composto de mentol, cânfora e óleo de eucalipto, usado como pomada para massagem no peito para aliviar os sintomas de gripes e resfriados, descongestionando o peito.**

[11] **Durex era uma marca de fita adesiva, muito popular, usada no material escolar.**

de fumar. Ele ouviu a minha oferta.
— *Eu aceito, pai.*
— Nesta época, estava muito mal financeiramente. Fui procurar um alfaiate na zona, que se chamava Arnaldo. Ele tem alfaiataria até hoje aqui na Assis Brasil e foi meu empregado na Alfaiataria Arbiter por muito tempo.
— *Escuta, Arnaldo, tu podes me facilitar o pagamento de uma roupa para o meu filho?*
— *Quantas vezes tu quiseres, Geraldo.*
— *Pode ser em dez parcelas?*
— *Claro, sem problemas. Traz teu filho aqui.*
— Mas valeu o sacrifício, ele nunca mais colocou um cigarro na boca. Assim, eu livrei meu filho deste vício e estabeleci uma oportunidade de ensinar, na prática, que a palavra de uma pessoa é só uma palavra: eu cumpri a minha, e ele cumpriu a dele. Não foi a única troca que fiz com ele.
Durante a década de 60, passei por momentos difíceis com ele. No Brasil, os estudantes revoltados articulavam, conspiravam e protestavam contra a ditadura militar. Antônio não era diferente de tantos que andavam pelas ruas gritando e fugindo da polícia. A educação era tão excludente quanto hoje, e o governo queria privatizar ainda mais via acordo MEC/USAID. A repressão contra a guerrilha no país era imensa, amigos de Antônio estavam envolvidos com a subversão. Em 1972, por exemplo, mais de 12.000 homens de nosso exército foram mobilizados para destruírem 69 bravos guerrilheiros brasileiros em ação no país. Subversão que ensinou milhares, que representava a voz dos que jamais calaram contra a falta de liberdade, contra a violência. Geraldo estava amarrado, porque, em seu íntimo, ele também desejava ardentemente o fim da ditadura, não porque ela havia lhe

roubado o direito de sobreviver quando lhe arrancou os filmes que distribuía, mas porque haviam roubado o direito de construir uma sociedade na qual ele acreditava. Estava ao lado do filho, mas precisava ser contra as idéias dele, pois não queria perdê-lo na luta contra a ditadura. Seu filho não estava errado, ele não estava errado, mas o medo, o risco de ver o filho preso, torturado ou morto não lhe dava outra escolha. Seria o caso de psicóloga? Para quem discutia em russo, o caso não era de rebeldia adolescente contra a família, concluiu a psicóloga em uma das seções de terapia. Como ser contra algo que ele próprio, o pai, gostaria de fazer? Não tinha esse direito, seu dever era criar os quatro filhos, seu dever era a família e não a pátria amada. Mas a pátria não é feita de famílias amadas? Perguntas sem respostas, venceu o dever familiar.

— Em 1970, Antônio já havia feito vestibular para medicina e não foi classificado. Ele já estava me ajudando na Zaniratti Filmes, meu braço direito. Na volta do escritório, na época era na Rua Caldas Júnior, n.º 20, falava com ele sobre estudo.

— *Como está o curso de inglês para fazer o vestibular?*

— *Parei.*

— *Por que? Foste mal no vestibular justamente em inglês!*

— *Estou estudando russo. Pedi uma bolsa de estudos em medicina e agora só falta o último aviso para viajar para Moscou e estudar lá.*

— Foi uma bomba que explodiu no meu colo. Ele era assim, quieto e só respondia se perguntado. O que eu ia dizer para a mãe dele? Não falei mais nada, apenas pensava em uma solução. Cheguei em casa e Ironita estava desconfiada. Meu jeito denunciou ainda mais. Ele jantou e saiu. Então, contei para Ironita que passou a

chorar. O clima em casa ficou terrível. Passei a semana pensando no que fazer. Simplesmente, pedir para que ele ficasse, não daria certo. Precisava de algo mais forte. Ele tinha uma namorada, a Dóris, mas nem ela estava conseguindo influenciá-lo para que ficasse. Na resposta dele, no carro, havia sentido muita segurança. Um semana depois me veio uma idéia, falei com Ironita e depois fui falar com ele.

— *Olha, meu filho, tenho um problema aqui na Zaniratti. É esse negócio de aluguel de equipamentos, compra e venda de projetores, lâmpadas, telas, projetores de slides, conserto de equipamentos, etc. O meu negócio é aluguel de filmes, é o que eu gosto. Estou pensando em abrir uma loja, outra empresa para fazer isto, comércio de equipamentos de áudio e de imagem. Quero separar as atividades, hoje uma atrapalha a outra e não dá muito certo. O que tu achas disso? Pensa e depois me diz o que achas da idéia.*

— Agora, era eu que já não agüentava mais aquela situação. Ironita chorava dia e noite, parecia que havia morrido alguém. Uma semana depois, ele veio falar comigo.

— *Acho que seria bom separar mesmo em duas empresas.*

— Que bom que tu também achas. Queria te convidar para dirigir este outro negócio.

Não vou te esconder que tua mãe e eu estamos preocupados com tua decisão de ir para a Rússia. Por outro lado, vejo uma grande oportunidade para ti, dirigindo esta outra empresa. Ele pensou e, uma semana depois, aceitou. Ainda bem, havia conseguido a permanência dele aqui e resolvido uma situação comercial que poderia ser um problema, embora naquela época ainda não o fosse.

Assim, nasceu a Zaniratti Audiovisuais que, no início, chamou-se Equipamentos Áudio Visuais Ltda. Pouco tempo depois, ele alugou uma sala no quinto andar e a idéia tornou-se realidade.

— *E a Regina?*

— Regina sempre foi mais agitada, vibrante com tudo que fazia. Não sabemos como ela fazia tantas coisas diferentes em um dia de 24 horas. Ao seu redor, sempre havia muitas pessoas, sempre disposta a ajudar os outros, a quebrar galhos. Sua vida é isto, ajudando sempre. Envolvia a todos e assumia todas as tarefas sempre. Tão dinâmica que, se as pessoas se perdiam com tanta alegria e disposição, nada estava ruim, trabalho nunca foi problema. Teve muitos namoradinhos.

— *Lembra do caso do filho da Clair, Geraldo? Eu tinha uma amiga chamada Clair Trein. Ela tinha um filho aviador, muito bonito, alto. Ele veio num dia aqui em casa trazer alguma coisa que eu havia esquecido na casa de sua mãe. Era hora da janta e a campainha era aquela que dava quatro badaladas. Regina foi abrir a porta.*

— *Boa noite, disse Regina.*

— *O rapaz, impressionado com Regina, ficou mudo. Um olhando para o outro, sem nada dizer. Regina não sabia quem era. De repente, ele gaguejou uma frase e disse:*

— *Eu sou o filho da mãe.*

— *Os irmãos caíram na risada, que vergonha passou o rapaz. Ele nunca mais voltou.*

— Eu provocava muito a Regina. Ela ficava sempre muito furiosa e, às vezes, ficava emburrada. Seus namorados eram meus alvos preferidos. Eles vinham em nossa casa jantar para conhecer a família.

Eu preparava alguma coisa como um copo furado que vazasse a bebida, fazia com que o prato deles

balançasse, ou oferecia um chiclete que era uma ratoeira para o dedo de quem o pagasse, ou colocava pimenta. Colocava um sabonete no lavabo, que sujava as mãos. Alguns passavam tanta vergonha que não voltavam mais, mas todos nós nos divertíamos muito. Houve um namorado que certa vez anunciou que queria casar na semana seguinte. Todos ficamos preocupados. Era um sábado, início da noite. Toda a família estava na sala, o último a chegar foi o Augusto, que era escoteiro na SOGIPA. Ele queria casar e ir morar em Brasília. Todos questionaram. Ela saía pela tangente, dizia que era uma oportunidade que ele receberia e etc. No fim, pedimos uma semana para discutir melhor o assunto na família. Na semana seguinte fomos procurados pela empresa em que ele trabalhava. Eles queriam saber que presentes a Regina havia ganho dele. Tudo aquilo estava muito estranho. Então Ironita resolveu ir até a empresa para discutir com o proprietário. Chegamos lá e ele nos mostrou uma declaração de próprio punho do rapaz afirmando que havia feito um desfalque e que por isto pedia demissão e abria mão de seus direitos. Ele sumiu.

— Um outro namorado de Regina acabou noivo. Certo dia, Augusto, à mesa, comentou que iria pegar o passe permanente e assistir a seis filmes no fim de semana, como geralmente fazia. Eu tinha permanente por ser da cinematografia, o que dava direito a minha família de assistir qualquer filme em Porto Alegre. Regina então disse:

— *Eu também vou.*

— *Não, disse o noivo, com um ar de mandão.*

— Então, começou uma discussão entre Regina e ele, até que, de repente, o noivo bateu com o punho na mesa e disse:

— *Não e está acabada a discussão.*
— Então, eu me levantei da mesa e disse: “Eu e a Ironita vamos lá para cima e vocês resolvam o namoro de vocês e me comuniquem.”
— Uma hora depois, Regina me comunicou que o noivado estava acabado.
Não poderia dar certo, era muita briga sempre. Regina resistia bem, tinha muitas atividades, não tinha tempo para ficar preocupada com brigas de namoro.
— Assistimos às apresentações de *balet* dela e de Lídice. A escola de Lídice, que funcionava no Esporte Clube São José, apresentava-se todos os anos na Assembléia Legislativa com suas alunas. Todos nós éramos envolvidos nas fantasias, na escolha de músicas para a coreografia, no abrir e fechar das cortinas, tarefa do irmão Augusto, e no texto, sempre crítico, de Antônio e Dóris.
— *Tinha o Augusto também.*
— Sim, Augusto, o mais distante da família e o mais próximo de tudo. Não participava muito das atividades da família, mas, ao mesmo tempo muito observador, atento ao que se dizia e fazia. Dizia seu irmão Antônio que ele era iluminado, afinal, com pouco mais de um ano, comeu uma lâmpada de abajur. Deu entrada no HPS e temos até hoje o boletim acusando corpo estranho no esôfago (lâmpada azul). Salvou-se por milagre. Era muito *arteiro*, quando a surra era inevitável, escondia-se atrás de Vera, nossa funcionária de muitos anos. As inúmeras chineladas atingiam sempre as pernas da Vera.
— *Não, dona Ironita, não bate nele, ele é pequeno.*
— Em Albatroz, ele fazia companhia para sua tia Suely no hotel, pois a casa já estava cheia. Quando aconteceu um vendaval que derrubou o telhado do pavilhão onde eles estavam, salvaram-se por terem ficado em baixo do marco

da porta. Sua primeira profissão foi a de apicultor. Na quadra seguinte de nossa casa, morava uma família chamada Trainini. Ele passava horas, dias inteiros lá cuidando das abelhas com seu Antônio Trainini. Ao mesmo tempo, era tão desligado que só descobriu o nome de sua tia apelidada de Didi, a Beverly, depois de casado, aos 22 anos. É um sonhador. Aos doze anos, em 1971, ele estudava no Colégio Estadual Dom João Becker. Se os alunos chegassem com cinco minutos de atraso, não podiam assistir aula, mas os professores também se atrasavam, mas, neste caso, podiam entrar. Afinal, eram professores. Ele sempre se preocupou com injustiças.

Sempre teve muita liderança e organizou uma reclamação na escola que se manifestava cada vez que um professor ou professora chegavam atrasados.

— *Queremos igualdade, queremos igualdade, queremos igualdade...*

— Num dia, o vice-diretor da escola, sabendo do fato, disse:

— *Quem é o tal de Zaniratti aí?*

— *Eu, senhor.*

— *Levanta.*

— Ele levantou e o vice-diretor, provavelmente adepto das idéias da ditadura, disse:

— *Tu és um sem-vergonha, cafajeste, mal-educado, bagunceiro, arruaceiro, subversivo e comunista.*

— Meu filho começou a chorar quando ouviu a palavra comunista. Ele não sabia o que era isto, mas ficou chocado. Chegou em casa chorando e foi até o irmão mais velho perguntar o que era comunista. Ora, o irmão lia em russo. Assim foi se formando mais um subversivo na família. Procurei incentivá-lo com outras coisas, por exemplo, oferecendo-lhe um automóvel Opala, que ele

não quis. Em 1978, ele estudava no Colégio São João Batista. Certa manhã, recebi um telefonema:
— *Senhor Geraldo, aqui é o diretor do Colégio São João, Ir. Roque Rigoni.*
— *Pois não, diretor, em que posso ajudar?*
— *O senhor pode ajudar muito: o senhor peça para seu filho acabar com o jornalzinho que ele e um outro subversivo, chamado Ricardo Balestreri, fazem aqui, ou eu os denuncio para a polícia. Estão me criticando, e eu não admito isto.*
— Isto é chantagem e quem não admite isso sou eu, passar bem. Desliguei o telefone com raiva. Odeio ameaças. Sabia que meu filho não escreveria algo em que não acreditasse, mas as coisas estavam indo longe demais. Lembrei logo de meu filho Antônio. Chamei então o tal de Ricardo em meu escritório e pedi que parassem com o jornal ou falassem de outras coisas.
Ele não me disse nem que sim e nem que não, mas, como não era meu filho, a conversa parou por ali. Depois, chamei meu filho e contei tudo para ele. Estava parado, quieto na minha frente, imóvel. Falei tudo que queria. Ele me escutou até o momento que lhe fiz uma pergunta.
— *Olha, meu filho, tu tens 18 anos, tens que escolher: a política ou a família. Ele não hesitou e respondeu:*
— *A política.*
— Aquilo me arrasou, me feriu muito. Tinha um problema, me senti desconsiderado. Afinal a gente se esforça e ele simplesmente troca tudo pela política. Fiquei magoado. Dois meses depois, a minha nora, Dóris, casada com Antonio, recebeu um oficial de justiça em casa com uma intimação. Ligou para o marido, chorando.
— *Chegou pra ti uma intimação da polícia federal.*
— Ele saiu correndo e foi ver do que se tratava. Para

prevenir, ele organizou uma fogueira e queimou todos os livros de esquerda que ele havia guardado em casa. Com um parente da Dóris, eles descobriram que o agente procurou o nome no guia para entregar a intimação e localizou o nome José A. Zaniratti. Mas, na realidade, era para José Augusto. O próprio irmão entregou para ele a intimação. No dia seguinte, Augusto viajou para o sudoeste da Bahia, para não precisar comparecer na data marcada. Não teve sorte, saiu com catapora incubada. Depois de quinze dias, na cidade de Carinhanha, a doença se manifestou. Como não conheciam este tipo de doença, ele teve que ir para Salvador. Ao chegar lá, a situação piorou, aumentou muito a febre e fui obrigado a comprar uma passagem de avião para ele voltar. Ele estava tão deformado que Ironita não o reconheceu no Aeroporto.

— No dia seguinte, a Federal já estava entregando nova intimação. Entre 1978 e outubro de 1979, ele era chamado, mensalmente, à Polícia Federal, na Avenida Paraná, colocado em uma sala de tortura de quatro metros quadrados, com forração acústica, para responder a interrogatório.

Foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de incitação à luta armada, publicação clandestina e por ser leninista e marxista. Ele seria julgado em dezembro de 1979 por uma auditoria militar e poderia receber uma sentença de seis anos, mesma pena que um assaltante de banco pegava. Por sorte, em outubro de 1979, seu nome e o do Ricardo saíram na lista dos primeiros 711 presos libertados, publicada pelo jornal *O Globo*. Nós achávamos que tudo isso passaria com a idade. Em 1980, casou com 21 anos e 17 dias com a Sandra. Foi trabalhar no Colégio Anchieta, onde lecionava Religião. O Colégio Anchieta é

uma escola para filho de ricos. Ele começou a mostrar o outro lado da realidade para as crianças de sexta série. Um de seus alunos era neto de Breno Caldas, na época dono do *Correio do Povo*. Começou uma campanha muito forte sobre "os professores comunistas" que davam aulas no Colégio. No entanto, era orientação da escola. Quando a escola demitiu seu colega, Selvino Heck, na época frei franciscano, que mais tarde viria a ser deputado estadual, Augusto se demitiu e ficou mais de um ano sem conseguir emprego. Hoje é um militante do PT e agora sabemos que não era coisa de adolescente, era e é ideal.

— *E o Luiz?*

— Luiz nasceu e, logo em seguida, teve algumas complicações de saúde. Como foi o último, teve todo um cuidado e atenção que os demais não tiveram, até porque os irmãos cuidavam muito dele.

— *O Augusto sofreu muito com o nascimento dele. Tinha sete anos e a professora Geni, que o alfabetizou, teve que dar muito colo para o Augusto, que manifestou muito ciúme, disse Ironita.*

— Certa vez, Luiz engasgou-se com uma bala que ficou trancada na garganta. Ele estava com Augusto e Dóris. Ele não conseguia respirar, e o Augusto salvou a situação com um tapa forte nas costas, a bala saiu e ele voltou a respirar. O Luiz vivia no colo de todos, principalmente no colo do Eduardo, namorado da Lídice. Tanto que chegou a comer um cigarro sem que Eduardo percebesse. Luiz é capaz de fazer qualquer coisa, principalmente dirigir, mas odiava estudar, escola não era com ele.

Carros, sim, começou a dirigir cedo e hoje já deve ter batido todos os recordes familiares em demolição de automóveis. Nunca vamos nos acostumar com isso. Não sei como vais escrever tudo isto. Temos curiosidade de

escutar algo que já tenha sido escrito.
— *Sem problemas, posso ler uma parte de minhas anotações.*
— *Gostaríamos de escutar.*
Estava muito quente, dezembro já havia chegado. Geraldo e Ironita preparam-se para escutar algumas páginas que tinha escrito na semana anterior. Buscou mais um ventilador, fechou a porta do cinema, sentou-se. Ironita ao lado. Abri a pasta e retirei minhas anotações. Comecei a ler. Olhos baixos, atenção plena de ambos. Ao chegar ao fim da terceira página, percebi que os olhos de Geraldo brilhavam. Eram lágrimas que poderiam cair. Mais uma frase, outra, mais uma, e as lágrimas rolaram. Apertou forte a mão de Ironita. Procurei um ponto final e parei de ler. Silêncio total, não era justo, achei que não deveria continuar. Percebi na hora que aquilo era colocar um homem e uma mulher em frente de um espelho. Do outro lado do espelho, passaria um filme carregado de emoções fortes que hoje são muito mais poderosas do que no passado. Antes eram jovens, fortes, destemidos para enfrentarem qualquer coisa. Hoje não, são fortes de saúde, mas a sensibilidade é maior. Não eram lágrimas de perda, de sofrimento. Senti que estava no caminho certo no relato incerto de fatos distantes, datas imprecisas e de emoções fortes. Havia iniciado sem saber se seria capaz de escrever. Mas na vida não é assim? Iniciamos e, de seu meio ou fim, nada sabemos. Percebia que o cinema era a paixão de ambos. Foi apoio nos momentos difíceis e instrumento para realizar sonhos, a felicidade. Precisava terminar de escrever, logo, algo que nem havia começado. O silêncio continuava, cortado apenas pelos carros da Assis Brasil e pelo ruído de um choro sem jeito.
— *Bem, acho que terminamos.*

Ironita assume a frente da situação e, temendo a continuidade das lágrimas de emoção do marido, define:
— *É verdade, agora só falta escrever.*
Desliguei o gravador.
— *Hoje é Natal, vais na Regina e Edgelson?*
— *Sim.*
— *Tá bom, respondeu Geraldo.*
Noite quente, muito quente. Não havia percebido as longas noites de inverno que passei aquecido por emoções de história de gente como eu, não de vultos da história contada pela escola positivista, que mais parecem super-homens.
Era o Natal de 1999. Estava indo para mais um Natal de Geraldo e Ironita. Contaram-me que em seus natais sempre houve Papai Noel. Papai Noel de pai para filho e netos desde muito tempo. Sempre havia uma ou mais crianças. Não era bem assim. As crianças, com seus medos, choravam ou ficavam em baixo da mesa. Natal e Papai Noel para as crianças? Claro, mas os adultos sempre acreditaram no Papai Noel. Eles mesmos eram o bom velhinho. Cada vez que chegava o dia de aparecer o velhinho, cada um passava a viver o espírito daquele barba branca.
Alguns Natais foram difíceis. No Natal de 1949, o baixo salário de Geraldo transformou a sua fisionomia. O pai dele resolveu buscar quatro guaranás e foi tudo isto servido naquele Natal. Presentes? Havia dois presentes. Um caminhão que havia desaparecido durante o ano e voltado com nova pintura. Para a filha, a boneca desaparecida voltava com nova roupa. A mais velha percebeu, chorou e reclamou para o irmão. As maiores lágrimas eram dos adultos que nada podiam fazer. O Papai Noel daquele ano nunca foi embora. Ficou presente

como guardião contra a tristeza. Uma família só podia ser construída com natal, com festa, com muita gente.
Será que havia entendido tudo durante aqueles meses? Aquela Mamãe e Papai Noel tinham agora certidões de nascimentos de inúmeros filhos, naturais, legítimos, afetivos e de opção. Mas era pouco. Eles lavaram fraldas, trouxeram do hospital e os colocaram para dormir e os levaram para os altares. Eles haviam garantido instrução para todos, como dizia a lei.
Mas era muito pouco. Ensinaram o que eram e aprenderam as lições de seus filhos e netos.
Será que havia aprendido tudo e traduzido para as palavras certas? Ao chegar à festa, o mundo era outro, música, fogos e o túnel do tempo iluminado. Entrei no portal de luzes cuidadosamente decorado por onde todos já haviam passado. Ali, naquela noite, fui percebendo cada um: Jorge, o homem-festa; Flora e suas filhas; Délia, sorridente e feliz, a primeira e única filha de Suely, que nasceu adulta; Gilda, uma das vizinhas de muitos anos; Lydia, forte e feliz aos 96 anos de idade; e as crianças carregadas de ansiedade esperando o barba branca. Apostas silenciosas eu fazia para saber o que pensavam. Quem tinha mais medo? O Ricardo adulto que já não se esconde mais ou a Paolla que faz pose para a foto? Só Papai Noel era igual, o único que não mudara.
Em cada um, via um personagem de carne e osso, atores da vida real. Era tudo tão familiar naquele filme, com luzes brilhantes e sem diretores, sem máquinas e só com artistas em papéis principais. Seria aquilo família? Seria aquilo o resultado de sonhos sonhados e agora vividos delicadamente? Sempre estive naquele filme de muito longa metragem. Então, percebi que faltava uma resposta para a pergunta respondida tantas vezes.

Que ironia, lá estava eu, personagem do filme que havia criado. Tudo agora estava claro. Ninguém deveria ficar magoado com minha resposta em 1978. Minha opção sempre foi a política. Sem ela, não teríamos famílias, Papai Noel, nem presentes, nem alegrias, nem surpresas, nem amigos secretos e inimigos declarados. Da política de um homem e uma mulher, surgiram novos homens e mulheres capazes de amar, de sonhar e realizar.

Como diz Geraldo Zaniratti: “as coisas que realizamos nunca são tão belas quanto as coisas com que sonhamos; no entanto, às vezes, nos acontecem coisas tão belas que nunca pensamos em sonhá-las.”

"Nos encontros e desencontros de nossas vidas, muitas pessoas estiveram presentes e permanecem em nossas mentes e corações."
Geraldo Zaniratti

Alberto Ruschel
Américo Pini
Anderson Luiz Zaniratti Meister
André Luiz zaniratti Meister
Antônio Gomes Ferreira, o seu Antônio padeiro.
Antônio Hohlfeldt
Antônio Trainini
Arnaldo, o alfaiate
Ary de Souza Bernardes
Ary Rêgo
Ataliba Dias da Costa
Augustina Tondim Pressi
Augusto Zaniratti
Beverly Cordeiro Goyer (Didi)
Breno Caldas
Brilhante
Bruno da Cunha Zaniratti
Carlos Contursi
Carlos Dela Rocha.
Carlos M. Menna Barreto
Carlos Roberto de Souza (Soneca)
Cassemiro Veronezi
Clair Trein
Claudio Campos

Claudio Lazzarotto
Clive Rotundo
Comandante Carta
Cristian Zaniratti
Cristiana Silva da Silva
Cristina Lemos
Cristina Maria Zaniratti
Damião Laitano
Délia Etter
Derli Martinez
Dimas Costa
Dóris Zaniratti
Dorval da Costa Cordeiro
Edgar Haas (Alemão)
Edgelson Meister
Edmundo Gardolinski
Eduardo Lorendi
Elias Poccos
Elis Regina
Emílio Neme
Ernani Behs
Ernesto de Paula Guedes Neto
Ernesto Greco
Eulália Lima Matusiak (Lála)
Geni (a professora)
Geraldo Zaniratti
Geraldo Zaniratti Neto
Getúlio Vargas
Gilberto Cabral

Gilda Cabral
Henrique Sarmento Barata
Hercílio Lopes dos Santos
Homero Lopes
Indáia Rogéria Fonseca da Fonseca
Ironita Teresinha Zaniratti
Itacir Rossi
Ivo Serrão Vieira
J. J. Monteiro
Jairo Cruz
Jandir Silverio
João Alberto Cordeiro
João Carlos P. Fernandes
João Kralik
João Mano José Junior
João Rocha
João Satte
Joffre Miguel
Joffre Raupp Goyer
Jones Zaniratti de Oliveira
Jorge A Caleffi Fauri
Jorge Franscisco Teixeira
José Antônio Fagundes
José Antônio Zaniratti
José Augusto Zaniratti
José Cunha
José Luiz Zaniratti
José Mendes
Julia D. Petri

Juliana L. Cordeiro
Julio de Castilhos Goyer Neto
Julio Goyer
Julio Olcheski
Julita Kralik
Jussara Klalik Angelin
Jutay Cidade
Katia Maria Giugno
Lázaro Stefanoi
Leonel de Moura Brizola
Lídice Maria Zaniratti de Oliveira
Lisiane Regina da Cunha
Luiz Albrecht
Luiz Cunha
Lydia de Araújo Cordeiro
Marco Antônio Ecker (Alemão Ecker)
Margarete Teixeira
Maria de Lourdes da Rosa
Maria Flora Goyer Teixeira
Marlene de Souza
Mary Terezinha
Mauro Meyer
Máximi, Padre
Mordko Meyer
Nádia Zaniratti
Negrão Valdemar
Nei Azambuja
Nelson França Furtado
Nelson Mesquita

Neuzinha Brizola
Odilon Lopes
Olívio de Oliveira Dutra
Orestes Fortunati
Oscar Cordeiro
Osvaldo de Lia Pires
P.M. Araujo
Paolla Zaniratti Salatino
Paulo Boss de Oliveira
Paulo Eduardo Tavares de Oliveira
Pedro Moacir Cordeiro (Tio Pedro)
Regina Maria Zaniratti Meister
Ricardo Balestreri
Ricardo Goyer
Roberto Plentz
Rubens Wagner
Rudolf Bloebaum (Rudi)
Salsano Viera da Cunha
Sandra Rute da Silva Martins
Selvino Heck
Sérgio Dornelles
Suely Fortunati Zaniratti
Tânia Haas
Telmo Kruse
Thereza Fortunati Zaniratti
Tiago Martins Zaniratti
Vera Gonçalves
Vicente Brizola
Vinicius Petri Zaniratti

Vitor Mateus Teixeira
Vitor Mateus Teixeira Filho (Vitinha)
Vitor Menegueti
Walter Pares
Zaira Cauduro Mainardi